



Eva no Exílio

A RESTAURAÇÃO
DA FEMINILIDADE

*Rebekah
Merkle*



PIRATARIA É PECADO E TAMBÉM UM CRIME

RESPEITE O DIREITO AUTORAL

O uso e a distribuição de livros digitais piratas ou cópias não autorizadas prejudicam o financiamento da produção de novas obras como esta.

Respeite o trabalho de ministérios como a Editora Trinitas.

M563e Merkle, Rebekah

Eva no exílio : a restauração da feminilidade / Rebekah Merkle ; [tradução: Ingrid Fonseca]. – São Paulo: Trinitas, 2020.

218 p.

Tradução de: *Eve in exile : and the restoration of femininity.*

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-65-990583-2-5

1. Mulheres – Aspectos religiosos – Cristianismo.
2. Feminilidade – Aspectos religiosos – Cristianismo. I. Título.

CDD: 233.082

Catálogo na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB07/6477

Copyright © 2016 by Rebekah Merkle.

Authorized translation of the
American-English edition © 2019 Canon Press
www.canonpress.com

Publicado originalmente sob o título:
Eve in Exile and the Restoration of Femininity

ISBN: 978-65-990583-2-5

Impresso no Brasil

Capa: Bárbara Lima

Diagramação: Marcos Jundurian

Tradução: Ingrid Fonseca

Revisão: Maurício Fonseca

Ebook: Layout Produção Gráfica

Todos os direitos reservados à:


TRINITAS

Para Ben, que torna tudo isso fácil

Sumário

Introdução a liberdade dos limites

Parte 1

1 - Vila do faz de conta

2 - A fonte mítica da realização

Parte 2

3 - Protofeminismo

4 - Primeira onda feminista

5 - Psicotrópicos e segunda onda feminista

6 - Mulheres dispensadas

7 - Desculpando o tédio

Parte 3

8 - Sujeitar

9 - Encher

10 - Auxiliar

11 - Glorificar

Parte 4

12 - Lar

13 - Sujeitar na prática

14 - Encher na prática

15 - Auxiliar na prática

16 - Glorificar na prática

Conclusão - Restaurando as veredas

Introdução

A LIBERDADE DOS LIMITES

Você e eu nascemos em um mundo que está em guerra com os limites. As pessoas estão derrubando cercas e golpeando barricadas até onde a vista alcança. Algumas vezes, golpeiam limites imaginários e, outras vezes, apenas simulam derrubar limites permanentes e imutáveis, porém a única certeza é de que a nossa geração aqui, neste momento, não quer reconhecer limites de nenhum tipo. Somos uma nação que declarou guerra a praticamente todos os distintivos criacionais, mas uma área em particular em que a batalha está pegando fogo no momento é a de gênero. O que começou, há vários séculos, como um ressentimento pelos “estereótipos de gênero” tem, de forma gradual e inexorável, se intensificado ao ponto de nossa nação agora se sentir insultada pelas restrições ofensivas oferecidas a nós pelo próprio fato do gênero em si. Os cristãos, enquanto isso, têm, por duzentos anos, desempenhado o seu papel de sapo proverbial na panela e, no momento em que escrevo isso, a água está quase atingindo seu ponto de ebulição — e não temos muita certeza de como sair dela agora.

Nos últimos doze meses, Bruce Jenner começou a se denominar publicamente de mulher... e ninguém tem permissão para discutir isso. Até mesmo a Siri me corrigirá se eu lhe perguntar sobre Bruce Jenner; agora serão oferecidas respostas apenas sobre “Caitlyn” Jenner — e a revista *Glamour* o nomeou como mulher do ano. Aliás, quão hilariamente insultante é isso para todas as mulheres ao redor do mundo? A *Glamour* declarou que um homem branco de meia-idade que tem fingido ser mulher por um total de um ano já está fazendo isso melhor do que todas nós.

Obviamente, a ciência da situação é completamente deixada de lado nesses casos. Vamos só fazer um pequeno

experimento mental. Digamos que um arqueólogo encontre o esqueleto de Bruce daqui a mil anos. Ele concluirá que tais ossos são de um homem ou de uma mulher? Se testarem seu DNA, descobrirão que ele é um homem ou uma mulher? A resposta é claramente óbvia. Deus o criou homem, e homem ele ainda é — a única coisa que ele conseguiu foi fazer uma péssima decoupage em si mesmo. Mas é claro que ninguém pode dizer isso mais. Admita — você está furtivamente olhando por cima do ombro agora para ver se está encrencado só por ter *lido* o que acabei de dizer. Todos devemos seguir em silêncio e fingir que Bruce *realmente* conseguiu modificar-se de homem para mulher quando, é claro, ele não o fez.

Na minha própria cidade, todos os distritos escolares determinaram que qualquer garoto que se sinta como uma garota pode usar o vestiário feminino. Em termos nacionais, as pessoas estão gritando por boicote a *estados inteiros* por causa das placas escandalosamente insensíveis de “homens” e “mulheres” nas portas dos banheiros. A Suprema Corte subiu solenemente em seu palanque e anunciou, com uma expressão muito séria, que o casamento não tem mais nada a ver com gênero. Os limites em todos os lugares estão sob ataque em grande escala. As pessoas não querem ser delimitadas por sua raça, gênero ou qualquer outra coisa. Querem ser livres para voar sem entraves através de um universo sem categorias e restrições.

Mas essa eliminação das linhas não está realmente nos levando a um futuro utópico cheio de luz — na verdade, estamos assistindo nossa cultura tropeçar em seus próprios cadarços e cair desajeitadamente pelas escadas. Chesterton disse isso de uma forma melhor: “Arte é limitação; a essência de todos os quadros é a moldura. Se você desenhar uma girafa, deve desenhá-la de pescoço comprido. Se, dentro do seu método criativo arrojado, você se julgar livre para desenhar uma girafa de pescoço curto, de fato descobrirá que não está livre para desenhar uma girafa”.¹ Chesterton está

ilustrando uma verdade muito profunda sobre o universo, e fazemos bem em compreendê-la completamente. Soa como se fosse ser sempre tão fabuloso e libertador remover limites e restrições, especialmente se sucedermos essas palavras com todos os adjetivos certos, como “antiquado” ou “opressivo”. Todavia, ao sairmos do nosso mundo de fantasia, daquilo que soa como bom, e irmos para o mundo da realidade, todos nós ainda percebemos intuitivamente que a vida não é bem assim. Como exemplo, imagine um aspirante a jogador de basquete mais baixo do que a média, que sente que a vantagem de altura desfrutada por outros jogadores mais altos é injusta. Ficamos, então, com pena dele — afinal, ele é muito mais baixo — por isso, decidimos ajudá-lo. Infelizmente, não podemos fazer nada a respeito da altura dele, mas algo que definitivamente *podemos* fazer é remover as cestas de basquete. A remoção das cestas garantiria que a altura não importasse, e que ninguém tivesse qualquer vantagem injusta sobre outras pessoas — nivelamos o campo de jogo e tornamos tudo realmente justo. Por outro lado, por mais amáveis que tenham sido nossas intenções, a única coisa que realmente conseguimos foi destruir a *possibilidade* de jogar basquete. Não criamos liberdade basquetebolística adicional para ninguém, nem mesmo para o rapaz baixinho. A verdadeira liberdade está na oportunidade de buscar a excelência, e essa oportunidade é dependente dos limites que definem e restringem todo o campo de atuação. Basquete sem cesta ou linhas na quadra não é basquete. A verdadeira liberdade *deve* reconhecer limites.

Mas quais? Somos mulheres cristãs e queremos viver da maneira que Deus nos disse para viver. Queremos ser obedientes — mas estamos aqui olhando para este campo de jogo atual e imaginando onde devemos nos posicionar. Velhos costumes foram destruídos; normas culturais foram derrubadas. Nossas filhas nascem nas ruínas do que costumava ser uma nação cristã, e nós as estamos criando nos destroços do Ocidente. Como deve ser a obediência neste

lugar de loucos? Algumas mulheres lançaram mão de simplesmente olhar para o passado — buscando alguma época com a qual se identificassem e tentando recriar *agora* o que imaginavam ser feminilidade *naquele tempo*. Assim, escolhem a época que mais lhes agrada e a acompanham. Talvez seja uma vida no estilo Jane Austen. Talvez do tipo *Uma Casa na Campina*. Talvez uma vida como nos subúrbios americanos nos anos 50. Outras mulheres simplesmente caminharam na loucura do presente e tentaram manter-se agarradas ao seu cristianismo, enquanto ainda acolhiam todas as mudanças nos papéis das mulheres que ocorreram no último século.

Praticamente todos os limites culturais em torno da feminilidade foram derrubados — tanto os bons quanto os ruins. Essas linhas precisam desesperadamente ser refeitas... porque, como Chesterton apontou, os limites são essenciais para a liberdade. Da mesma forma que as linhas limites e os aros de três metros de altura fixos e imutáveis do basquete são o que cria a própria quadra em si e, portanto, a possibilidade de jogo, também os limites de gênero são o que cria a possibilidade de esmerar-se como mulher. As linhas definem e criam o espaço no qual a excelência pode prosperar. Mas, se não houver linhas, se Bruce Jenner puder vencer o jogo de “ser mulher”, eu também posso jogá-lo e decidir ser um pinguim.

O caos cultural em que estamos vivendo atualmente levou muitas ao desespero, e outras a simplesmente dar de ombros e aceitar a loucura pós-moderna. Mas gostaria de argumentar que estamos no momento *perfeito* para repensar todo esse assunto. Visto que nossa cultura destróçou tudo, visto que nada resta a não ser entulho, temos, na verdade, o privilégio extraordinário de poder pensar em cada linha antes de redesenhá-la. Podemos verificar cada um desses limites à luz da Escritura antes de colocá-lo de volta em seu lugar. Que bênção! Que grande oportunidade! Eu provavelmente não recomendaria que nossa cultura lançasse tudo por terra, mas

não há como negar que, agora que tivemos um gostinho disso, pode ser bom começar do zero. Reconstruir a casa, desta vez com armários maiores e um linóleo menos feio, é realmente uma grande oportunidade. Não estamos vivendo no século 18, delimitadas por normas culturais restritivas que talvez sejam bíblicas ou não. Não estamos presas tentando derrubar tabus culturais não bíblicos que foram obstáculos a muitas mulheres piedosas nos séculos anteriores. Não estamos, por exemplo, na posição de nos dizerem que nossos intelectos femininos são frágeis demais para lidar com os rigores de uma educação. Não estamos nos defrontando com uma noção generalizada de que apenas os homens são capazes de pensamento crítico ou possuem habilidade para realizar um trabalho difícil e significativo. Na realidade, nossa luta cultural pela feminilidade irá na direção oposta — porque certamente estaremos nos defrontando com nossas próprias normas culturais. Nossa luta será contra uma cultura antagônica à ideia de tentar traçar *qualquer* linha que seja.

Temos uma oportunidade fantástica à nossa frente, mas temos também um público hostil. Estamos na posição de Neemias — retornando do exílio e tentando reconstruir os muros de Jerusalém enquanto a cultura externa escarnece. Mas, se eu pudesse me posicionar em qualquer momento, escolheria esse. Temos uma grande oportunidade à nossa frente e espero que possamos aproveitá-la ao máximo. O caminho de retorno está aberto para nós — mas ele exigirá mulheres fortes que estejam dispostas a mostrar coragem real, caso realmente queiramos trazer Eva de volta do exílio.

Ao trabalharmos o tema da feminilidade bíblica, é importante identificar primeiramente os pontos em que poderíamos, de uma maneira conceptível, desviar-nos dos trilhos. Não há dúvida de que começar esse assunto do zero seja de fato um projeto absurdamente imenso, que traz consigo suas próprias armadilhas potenciais. Tão logo se aborda o tema da feminilidade e da nossa necessidade desesperada de

recuperar parte dela, imediatamente todos têm suas próprias ideias de como deveríamos lidar com isso. Ou de como *não* deveríamos. E algumas dessas ideias são válidas e legítimas, baseadas em argumentos sólidos, enquanto outras não são realmente assim... Então, vamos começar tentando eliminar duas maneiras problemáticas de pensar sobre o assunto e que de fato mais serão um empecilho do que um auxílio nesse empreendimento.

1 G.K. Chesterton, *Orthodoxy* (Chicago: Moody, 2009),
p. 64.



P A R T E I

Duas Distrações

VILA DO FAZ DE CONTA

Uma das armadilhas mais tentadoras e óbvias é a de basear nossas expectativas em noções idealizadas do passado. Muitas mulheres sentem repulsa do que veem ao seu redor em nossa cultura e passam a desejar terem vivido em épocas anteriores, em que papéis de gênero eram claramente definidos e a feminilidade não era desprezada da maneira como é atualmente. Elas enxergam o respeito social pelas diferenças de gênero que havia anteriormente e o consideram muito mais criacional e bíblico, acreditando que, se pudéssemos recuperar um pouco do que nossa cultura *aparentemente* possuía, estaríamos de volta ao caminho certo. Elas olham ao redor, veem restos carbonizados de um incêndio e pensam que, se pudéssemos assoprar algumas das brasas e torná-las a queimar, poderíamos então ficar confortáveis novamente.

No entanto, existem vários problemas com esse tipo de abordagem. O primeiro é a infeliz verdade de que a nossa imaginação, não o nosso intelecto, tende a ser atraída para alguma outra época, mas, em meio a uma situação difícil, confundimos os dois. De um modo geral e, por menos lisonjeiro que isso possa ser, quando mulheres anseiam por algum outro momento cultural, seu conhecimento de tal época vem de alguma forma de ficção — filmes ou romances históricos. Quando se apaixonam pela leitura de alguma história, quase conseguem acreditar que também estão vivendo em um mundo em que se esperava que mulheres se comportassem como mulheres, em que as vestimentas eram sempre muito melhores do que são agora e em que um amplo abismo separava as expectativas para homens e expectativas para mulheres. Todas nós conhecemos a sensação monótona que surge após o término de um livro realmente maravilhoso

ou uma série de filmes excelentes. Se você não a experimentou ultimamente, deve se lembrar dessa sensação de quando era criança. É como voltar à Terra com um solavanco, como ser acordado com um balde de água fria. A vida real parece sem graça. Duplamente sem graça, se a sua vida *for* realmente sem graça. Se uma mulher vive uma vida prosaica e de frustrações, a ficção se torna uma forma de escapismo e, não surpreendentemente, ela passa a desejar que sua vida seja mais como a de suas heroínas favoritas. Isso pode ainda se embolar com a sua crença de que nossa cultura deixou para trás algo importante e bíblico, e todas as classificações em sua cabeça podem se tornar desfocadas e turvas. O argumento se dá mais ou menos assim:

A Bíblia tem expectativas quanto aos papéis de gênero

Nossa cultura não

As culturas anteriores tinham expectativas quanto aos papéis de gênero, como testemunham todos os livros na minha conta do Skoob

Portanto, essas culturas anteriores eram bíblicas

Como argumento lógico, é falho em vários níveis, mas, novamente, é a imaginação e não o intelecto que está conduzindo este trem em particular. Essas mulheres tendem a agarrar vestígios de uma época anterior e tentar recriar, saudosamente, algo dessa cultura dentro das paredes de sua própria casa ou nos quadros de inspirações de sua conta do Pinterest. Isso não é apenas compreensível, mas também pode (algumas vezes) ser encantador e agradável. Mas, quer seja bonitinho, quer seja estúpido, é uma distração perigosa do nosso chamado como mulher.

Essa abordagem específica pode assumir muitas diferentes formas. Pode manifestar-se na organização de bailes em que moças usam luvas e vestidos feitos em casa inspirados em *Orgulho e Preconceito*. Pode assumir a forma de ir às compras, usando meia-calça com risca atrás e cabelos com rolos vitorianos. Pode envolver uma mudança para o campo e o

aprendizado da ordenha de vacas. Pode tornar-se uma obsessão pela caligrafia colonial ou uma tentativa de trazer “vosmecê” de volta à tona. Na verdade, pode ser uma colagem de todas as opções acima. A propósito, não estou inventando nenhum desses itens. Conheci irmãs adolescentes que usavam apenas saias até o tornozelo, deixavam seus cabelos crescerem até a altura da cintura e escovavam os cabelos umas das outras cem vezes todas as noites antes de dormir — sua versão pessoal e caseira de *Uma Casa na Campina*. Esbarrei nas garotas do “vosmecê”. Conversei com as donas de casa com penteados de rolos vitorianos e conheci as organizadoras de bailes temáticos de Jane Austen.

Há alguns pontos que são notáveis nesse fenômeno. O primeiro ponto óbvio é que há um anseio generalizado entre cristãos conservadores por uma expressão cultural de feminilidade. Essa é uma característica bastante comum de círculos conservadores que nos permite deduzir pelo menos isso.

O segundo ponto óbvio é que, muitas vezes, a decisão sobre qual cultura vale a pena resgatar é baseada inteiramente em vestimentas e na estética circundante. Sei que é constrangedor, mas receio que seja a pura verdade. Algumas mulheres adoram os vestidos de Scarlett O’Hara e apreciam as colunas de casarões nas fazendas, acham o sotaque adorável, e os Mint Juleps² divertidos. Outras são atraídas pela aparência destemida dos pioneiros americanos, pela pradaria varrida pelo vento e por viver da terra. Ainda outras têm sua imaginação capturada pela etiqueta complicada do período da Regência Britânica e pela deslumbrante paisagem de Cotswolds.³ A decisão sobre qual cultura imitar acaba por não se basear no conhecimento definido de qual cultura foi a mais bíblica — na verdade, resume-se a quais moradias e vestimentas são as mais atraentes. A triste conclusão, por fim, é que todo esse fenômeno é mais escapista do que

baseado em princípios, e movido por pensamentos saudosistas em vez de convicções pragmáticas.

Toda a abordagem é terrivelmente problemática. É retratista, sem princípios, ineficaz e ignorante. Por que ignorante? Honestamente, as mulheres que gostariam de poder recuperar um momento particular da História geralmente sabem pouquíssimo sobre a história *real*. Seu conhecimento normalmente é baseado em ficção. *Ficção*. Uma minissérie ou uma série de romances não é um retrato histórico preciso. Um pouco de pesquisa sobre o período da Regência Britânica nos mostra que, apesar dos vestidos serem bonitos, a sociedade era, na realidade, terrivelmente corrupta. Sim, a série *Orgulho e Preconceito* da BBC parece tão íntegra, respeitável e honesta que pode ser difícil de acreditar, mas se você reservar apenas um breve momento para pesquisar a vida de Lord Byron, uma celebridade flagrantemente imoral, bissexual, incestuosa e, no entanto, grandemente admirada durante a época de vida de Jane Austen, ou sobre os eventos em torno do Príncipe Regente e seus compadres durante o período em que ela escrevia seus livros, logo você descobrirá que os Kardashians não chegam nem perto deles. Uma tentativa de recriar essa sociedade, especialmente com base na noção míope de ser esta uma sociedade *piedosa*, seria totalmente sem sentido.

E, verdade seja dita, penso que muitas vezes as mulheres que imergem nesse passatempo em particular sabem que não vão *realmente* transformar nossa cultura dessa maneira. Penso que sabem que é um escape. É simplesmente mais confortável criar um mundo de faz de conta, aconchegantemente escondido do terror do mundo real — aquele que contém uma enorme quantidade de pecado e feiura. Às vezes, há medo misturado ali também; uma crença em que talvez possamos proteger nossos filhos ou maridos das tentações e atrocidades de nossa sociedade ao tentar criar um lar em algum lugar imaginário distante onde todos se comportam, falam educadamente e bebem chá.

Mas Deus não nos chamou para fugir do mundo. Pelo contrário, em 1Coríntios 5:10, Paulo diz explicitamente que não espera que vivamos nossas vidas sem nunca entrar em contato com o paganismo que nos cerca. “Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo”. Paulo tem a expectativa de que os cristãos vivam de tal forma que exista uma diferença marcante entre o seu estilo de vida e o dos incrédulos ao redor, mas ele certamente pressupõe que os cristãos estariam vivendo distintamente *em meio à* impiedade que os cercava. Ele não quer que fuçamos do mundo; ele realmente espera que avancemos *em direção* ao mundo. Que *mudemos* o mundo. As últimas instruções que Cristo deu à sua Igreja antes de ascender ao céu foram para ir e “batizar as nações”. Essas são nossas ordens de combate. Não é para batizarmos algumas pessoas de cada nação, devemos batizar *as nações*. Isso envolve conquistar *culturas* inteiras para Cristo, não apenas alguns corações individuais.

Cristo espera que sua Igreja inicie um ataque em grande escala ao mundo. Pense na promessa de Cristo a Pedro em Mateus 16:18. “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Se você pensar sobre isso por um instante, há algo muito importante que às vezes passa despercebido. Para que servem as portas? São armas ofensivas ou defensivas? Se Cristo promete que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, o que isso sugere sobre as ações e posição da Igreja? Exato. A Igreja é o exército que está atacando, não o que está fugindo. Deveríamos estar sitiando as fortalezas — e essa ordem foi dada à Igreja, o corpo de Cristo, que inclui tanto homens quanto mulheres. Mais enfaticamente, essa ordem não é apenas para os homens.

A Grande Comissão é a expansão do mandato criacional na Nova Aliança, concedido à raça humana em Gênesis. Inicialmente, nosso trabalho era encher a terra e sujeitá-la (Gn 1:28). Agora, há um componente adicional: precisamos converter e batizar o mundo (Mt 28:19). Pense no relato de Gênesis. Qual elemento crucial estava faltando para Adão quando foi criado? Ele precisava de uma auxiliadora. Por si mesmo, Adão era incapaz de fazer seu trabalho, incapaz de encher a terra e sujeitá-la. Então, Deus criou uma auxiliadora adequada para o trabalho. A mulher não foi uma ideia tardia, ou apenas alguém com quem Adão pudesse conversar, ou alguém que lhe prepararia sanduíches enquanto ele fizesse todo o enchimento e sujeição da terra. Ela era essencial para todo o programa. Quando Deus deu Eva a Adão, ele estava entregando um amplificador a Adão. Adão sozinho é apenas Adão. Adão com Eva... se transforma na raça humana. Adão é aquela noz solitária caída na calçada que, por mais que se esforce, continua sendo uma noz. Eva é o solo fértil que toma todo o potencial que reside naquela noz e o transforma em uma árvore, que produz milhões de nozes e milhões de árvores a mais. Eva é fecundidade.

E se a Grande Comissão é a expansão do Mandato da Criação, se é um desdobramento do mandamento de Deus em Gênesis, então, não temos dúvida de que as mulheres também são essenciais para esse projeto. O trabalho de conquistar o mundo para Cristo não pode ser realizado pelos homens enquanto nós, mulheres, assentamo-nos e entretemo-nos com festas de chá e a vinda ocasional de um bebê. Se tirarmos-nos da jogada, os homens não terão a possibilidade de cumprir com o que devem, assim como Adão não tinha a possibilidade de encher a terra por conta própria. Somos parte fundamental desse projeto, e é absolutamente essencial para a missão do evangelho que recuperemos o senso de nosso papel.

- 2 Coquetel à base de bourbon, associado à culinária do Sul dos Estados Unidos. [N.T.]
- 3 Região na Inglaterra que escapou aos efeitos da industrialização, tendo seu modo de vida rural preservado. [N.T.]

A FONTE MÍTICA DA REALIZAÇÃO

Os gregos antigos contaram o mito de Atalanta, uma linda mulher devotada à deusa Ártemis que havia jurado virgindade perpétua. Mas seu pai queria que ela se casasse, e ela era muito desejada, então, concordou em desafiar cada um de seus pretendentes a uma corrida a pé. Se o pretendente perdesse, seria executado, o que certamente seria frustrante para ele. Mas, por outro lado, se vencesse, casaria-se com ela. Muitos homens foram executados tentando ganhar Atalanta como esposa. Mas, então, apareceu Hipômenes, que se antecipou e pediu ajuda a Afrodite. Ela lhe deu três pomos de ouro e, quando a corrida começou, e Hipômenes começou a ficar para trás, atirou um pomo de ouro na frente de Atalanta, um pouco para fora do caminho. Ela se afastou para pegá-lo, e Hipômenes assumiu a liderança. Ela o alcançou novamente, e mais uma vez ele atirou um pomo. Isso aconteceu três vezes e, no fim, Atalanta foi derrotada. (E, então, em um final surpreendente, os dois foram transformados em leões, mas isso é outra parte da história).

Nós, mulheres, estamos participando de uma corrida e, assim como Atalanta, há distrações brilhantes e reluzentes sendo atiradas na tentativa de nos desviar e nos impedir de alcançar nosso objetivo. Acredito que o papel das mulheres é imensamente importante e incrivelmente fundamental para a missão que Deus nos deu, e se *eu* fosse o diabo, certamente teria o objetivo de distrair mulheres como um dos meus principais alvos. Tirar as mulheres da corrida seria uma maneira espetacular de minar toda a missão da Igreja. E, em nossa sociedade, as mulheres têm *múltiplas* oportunidades de galopar para longe do caminho, buscando algo que existe simplesmente para nos desviar e nos fazer perder o foco. Como mencionado anteriormente, algumas mulheres tiram a

si mesmas da jogada, em busca de algum tipo de escapismo fantasioso, mas certamente nem todas as mulheres agem dessa forma. Algumas podem ser atraídas pelo fascínio de viver no mundo imaginário de um passado fictício, mas muitas, muitas outras são atraídas pelo brilho do mundo real e pela promessa de “realização”. Essa é a mentira particular de nossa própria época e, como todas as mentiras especialmente venenosas, deriva seu poder de ter um pouco de verdade misturada a ela. As mulheres que são tentadas a se retirar para mundos imaginários estão meio que, por definição e por intenção, vivendo à margem da sociedade. Uma das razões pelas quais são levadas a uma abordagem escapista é o seu próprio desencanto com o que veem ao redor, e sua retirada da sociedade convencional é geralmente uma decisão muito consciente. Mas o problema muito maior e mais predominante de nosso tempo é o de mulheres que se distraem de seus chamados como mulheres por mentiras seculares que nos cercam todos os dias e por mensagens de nossa sociedade incrédula e fortemente individualista que nos inundam constantemente.

Basta executar este experimento mental. Duas mulheres, ambas com trinta anos. Uma delas é uma advogada bem-sucedida, solteira, bem-vestida, com uma vida social glamourosa e um apartamento maravilhoso na cidade. A outra é casada e tem três filhos pequenos, faz jantares para a família todas as noites e lida com roupas sujas, caronas dos filhos e bagunça. Coloque essas duas mulheres em qualquer filme, programa de TV, livro — a história que for. Quem está vivendo a vida de realizações? Quem está fazendo coisas importantes? Quem é um pouco deplorável e também um pouco insignificante? Quem se sente tola em seu reencontro com colegas da escola? Quem está “trabalhando” e quem não está? Obviamente, esse não é nenhum desafio. Todas nós fomos condicionadas a pensar que uma dessas mulheres está realizando seus sonhos, e que a outra “se acomodou”. Uma está fazendo grandes coisas importantes, e a outra... bem, por

que mesmo que ela se deu ao trabalho de fazer faculdade? Suponho que talvez um dia ela volte a trabalhar...

Nossa sociedade tem isso tão arraigado que é quase impossível *não* pensar dessa maneira. As mulheres que ficam em casa com os filhos responderão à pergunta “você trabalha?” com um tímido “não... não mais. Estudei Administração na faculdade e, um dia, gostaria de voltar ao trabalho...”.

Às vezes, essas mulheres recebem um afago na cabeça — talvez com uma música sertaneja que, em essência, diga algo como: “Você pode sentir que sua vida não é importante, mas veja como sou um cara amável, porque ainda acho que você é quente”. E estamos tão condicionadas a ver o papel de esposa e mãe ser ativamente desprezado que achamos que essa é uma mensagem realmente lisonjeira.

Nossa cultura trabalhou diligente e incansavelmente por mais de um século para conduzir o tabuleiro de xadrez à sua configuração atual. O feminismo penetrou tão profundamente em nossa consciência cultural que vemos as mulheres tendo apenas duas opções principais à sua frente. As mulheres em nossa sociedade podem escolher a opção A (carreira gratificante) ou a opção B (esposa e mãe). Se você escolher A, pode ter uma vida feliz e realizada; ter educação, realizar seus sonhos, ganhar muito dinheiro e escolher não ser acorrentada por um homem ou por filhos até o momento em que *você* decidir que eles são o que você precisa para completar seu portfólio de uma vida bem-sucedida.

Por outro lado, se escolher a opção B... vamos olhar meio torto para você. Todas sabemos que você decidiu desperdiçar sua educação, desperdiçar suas habilidades, desperdiçar suas oportunidades e, de forma geral, todas nós pensamos que você é lamentável. Mesmo as próprias mulheres que escolheram a opção B muitas vezes ainda sentem que estão sendo deixadas de fora das coisas importantes. Muitas delas se ressentem disso. Muitas culpam seus maridos ou filhos pelo fato de terem desperdiçado a si mesmas. Mas isso é

porque todas nós fomos treinadas para ver a carreira e uma vida independente e bem-sucedida como *realização*. Qualquer coisa que atrapalhe a realização está tirando algo de você — roubando-lhe o que poderia ter sido uma existência gloriosa e fascinante.

Ocasionalmente, algumas supermulheres conseguem criar para si uma terceira opção culturalmente aceitável. Essa supermulher conseguiu se tornar esposa e mãe, mas organizou as coisas de tal maneira que o marido e os filhos não interferem em seus planos de vida. Ela continua sua carreira, e seu marido e filhos simplesmente cuidam de si mesmos da melhor maneira que conseguirem. As crianças são terceirizadas para uma creche ou uma babá; e obviamente, não é permitido que o marido fique no caminho de seus sonhos, então ele pode simplesmente se posicionar ali no cantinho também. Nossa sociedade claramente decidiu que, quando se trata de uma escolha entre seu marido e filhos de um lado, e você do outro.... a escolha certa, a escolha nobre, a escolha sábia, é sempre *você*. Você faz o que deixa *você* feliz. Você faz o que torna *você* realizada. Você não permite que ninguém atrapalhe seus sonhos. Você não se acomoda. Você merece. Vai lá, garota!

Essa é a lógica da indústria do aborto. Se esse bebê vai ser um obstáculo no caminho de seus sonhos ou de suas conquistas, então, obviamente, deve ser eliminado. Nada deve atrapalhar suas aspirações. Suas esperanças, desejos ou oportunidades pessoais são superiores a tudo o mais, e sacrificar seus sonhos por outra pessoa não é visto como nobre, é absurdo. Se você der sua “vida” por outro, certamente não obterá respeito ou admiração de nossa sociedade e, definitivamente, receberá desprezo. Por muitos, sua escolha será vista apenas como completamente ofensiva. Essa pressão cultural esmagadora pode ser uma grande parte do que leva muitas mulheres a aceitarem o aborto como uma solução para “um problema”. A promessa de uma solução rápida, porém a triste realidade é que essas mulheres

frequentemente sofrem os danos emocionais de sua escolha pelo resto de suas vidas.

Mas a verdade é que a insistência no “*direito* ao aborto sob demanda” não passa de uma glorificação ao simples egoísmo. Nossa cultura tem tentado transformar a ambição em uma virtude e tentado tornar digno um estilo de vida do “eu primeiro” que sai dando cotovelada em todos pelo caminho. Temos tentado mostrar que esse não é apenas o caminho para o sucesso e a realização, mas também é a escolha nobre. Infelizmente para nós, no entanto, um país cheio de indivíduos colocando seus próprios interesses à frente dos outros é uma cultura que não pode avançar de maneira produtiva. Pense em uma turma de terceiro ano malcomportada, brigando por uma tigela de doces enquanto o professor está fora da sala de aula, e você terá uma ideia muito boa não apenas do sucesso, mas também da dignidade dessa proposta em particular.

Mas a lógica do evangelho é sempre o inverso. O caminho para cima é indo para baixo. O caminho para a promoção é indo para o fim da fila. Sacrificar, entregar a própria vida, está bem no centro de nossa fé. Você quer salvar sua vida? Então você precisa perdê-la. Se você agarrá-la, certamente ela escorrerá pelos seus dedos. Os ensinamentos de Cristo sobre isso foram incrivelmente simples, mas extremamente difíceis de aceitar. Ele nos diz que quem quiser ser o primeiro deve ser o último, e tudo isso soa muito espiritual e piedoso na teoria... mas, na hora que o bicho pega, subitamente isso não faz mais sentido para nós. Quando tudo o que mais queremos é estar na frente da fila, realmente o que mais parece fazer sentido é abrir passagem até chegar à frente. Se o nosso objetivo é chegar à frente, e Cristo nos direciona para o fim — aí é quando freiamos e dizemos: “Mas espera! Você não está entendendo a situação! Se eu for por este caminho, ficarei no final da fila! Na parte de *trás*, você entende? Eu não quero o final — meu objetivo é a frente!”. Mas essa é a lógica do evangelho. Cristo não nos diz que é ruim estar na frente —

afinal, ele está nos dando instruções sobre como chegar lá. A frente da fila deve ser o nosso objetivo, mas o caminho para chegar lá é inesperado.

Por isso é importante perceber que toda essa tolice de “realização” é um conto de fadas. Mulheres que escolheram a si mesmas a cada passo da vida, que se agarraram à sua vida, que passaram por cima de outros, que colocaram seus próprios interesses em primeiro lugar em todos os empreendimentos, que são incapazes de sequer conceber a ideia de submeter seus desejos a algo fora de si... essas não são mulheres felizes. *Aquelas que tentam salvar suas vidas vão perdê-la.* Aquelas que se agarram à “realização” nunca entenderão isso. Mas aquelas que estão dispostas a se entregar, colocar os outros à frente de si mesmas, sacrificar-se — essas são as mulheres que realmente encontrarão satisfação. Não é que Cristo não queira que você experimente realização em seu chamado — é que ele *quer*. De fato, nós, cristãs, somos as únicas que podemos falar da verdade gloriosa do “chamado” em primeiro lugar. Sabemos que Deus nos criou para um propósito específico — e, visto que confiamos que ele sabe o que está fazendo, segue-se que, quando estamos fazendo aquilo para o que fomos criadas, estamos em nosso lugar ideal. O mundo não reconhece o Criador e, portanto, no lugar de “chamado”, ficam simplesmente com “trabalho”. Por fim, qualquer possibilidade de satisfação objetiva e verdadeira em seus trabalhos também desaparece. Nada além de ambição vazia permanece. Portanto, não caia nas mentiras que o mundo nos conta sobre como podemos esperar obter satisfação. Colocar-se em primeiro lugar não é realmente o caminho para chegar lá.

E realmente penso que nós, enquanto cultura, sabemos disso. Uma das razões pelas quais penso que contamos essa história de realização com tanta frequência é porque estamos tentando nos convencer da verdade dela. Alguma vez você já fez algo que sabia estar claramente errado, mas estava envergonhada demais para endireitar? Digamos que você

tenha contado uma mentira, e simplesmente não há como se safar dela, mas você não está disposta a voltar e confessar à pessoa com quem estava falando. Então, lá está você. O que você faz? Você tenta recontar a história em sua cabeça. Você manipula os fatos um pouco, tentando recriar a cena de uma maneira que aquilo que você disse não seja *realmente* uma mentira. Você conta a história para si mesma repetidamente, tentando diferentes ângulos, tentando se convencer de que não estava realmente no erro. Mas você *alguma* vez faz isso com conversas em que tudo estava completamente bem e não havia problema algum? Claro que não. A única vez que você diz algo a si mesma repetidas vezes é quando está tentando obter a aprovação de sua própria consciência. Penso que é exatamente isso que estamos fazendo como sociedade. Filme após filme, programa após programa nos diz que as mulheres que correm atrás de seus sonhos e não são sugadas pela “domesticidade” são modelos de heroísmo e nobreza. E penso que somos mais espertas do que isso, mas não estamos dispostas a admitir nossos erros, e assim continuamos contando a história para nós mesmas vez após vez.

Essas são as duas principais distrações que desviam do caminho as mulheres cristãs, tornando-nos ineficazes e irrelevantes para o bom tipo de transformação cultural. Fechamos os olhos para o caos ao nosso redor e recusamo-nos a sair do nosso lugar feliz particular, vivendo o sonho de *Anne de Green Gables*, ou simplesmente somos levadas pela nossa cultura e permitimos que nossos ideais e metas sejam moldados pela corrente principal incrédula. A parte interessante é que, nesses dois casos, somos nós, mulheres, que fazemos isso a nós mesmas. Não vivemos em uma cultura em que os homens não nos permitem falar e onde não temos liberdade. Pelo contrário. Se tivermos vontade de fazer algo, estamos vivendo em uma época e um lugar onde podemos seguir em frente e fazê-lo. Outras mulheres cristãs de outros séculos lutaram para cumprir seus papéis, pois estavam sendo legitimamente oprimidas por normas culturais

tirânicas e não bíblicas — mas nós não estamos lutando contra isso. Se caímos em mentiras seculares, é por nossa própria conta. Se nos arrastamos para um canto e tentamos viver em um mundo imaginário doce e escapista, é por nossa própria conta.

Temos uma enorme quantidade de mulheres cristãs neste país, e o caminho da obediência feminina está bem aberto. E não apenas isso, nós ficamos fora dele por tanto tempo que agora está completamente desprotegido. Acredito que se nós, mulheres, decidíssemos, como grupo, seguir por esse caminho, causaríamos um sério estrago na parte rebelde de nossa cultura. Mas a verdade é que um movimento de mulheres fazendo isso não seria incrivelmente emocionante ou atraente. Não envolveria marchas, protestos, petições, campanhas, camisetas ou corridas divertidas. Envolveria muitas mulheres separadas posicionando-se em seus próprios postos de batalha em suas próprias vidas, em suas próprias famílias, na rotina do dia a dia. Envolveria disciplinar a nós mesmas nas pequenas áreas aparentemente sem importância de nossas vidas — naquilo que admiramos, naquilo que tentamos fazer bem, naquilo pelo que nos esforçamos, que priorizamos e que amamos. Envolveria fidelidade, obediência e sacrifício. Não parece muito. Mas uma coisa que sabemos é que Deus ama usar as coisas aparentemente triviais para obter resultados surpreendentes. Cada uma de nós pode se sentir como uma pequena gota de água insignificante, e pode parecer que a direção que tomamos em nossas vidas cotidianas não faz diferença para ninguém. Mas, quando todas as gotas de água se movem na mesma direção, o que é mais poderoso e irrefreável do que uma onda?

Essa ideia de que uma mãe do lar é uma traidora das mulheres tornou-se quase uma verdade absoluta e moldou tão fortemente nossa consciência cultural que conseguiu até mesmo infiltrar-se no, assim chamado, campo conservador.

Na média, mães do lar são uma espécie em extinção — mas mesmo aquelas que fizeram a escolha por esse papel podem facilmente ser levadas a se sentirem inseguras e envergonhadas por suas vidas. E muitas das figuras mais públicas que supostamente são ousadas e francas *opositoras* do feminismo são aparentemente tão inseguras em relação a essa situação em particular, que parecem incapazes de se envolver em discussões com feministas sem dizer algo como: “Você pode ver que a minha crítica ao feminismo é informada e válida porque sou uma mulher de carreira muito bem-sucedida”. Aparentemente, estão preocupadas com o fato de não serem levadas a sério, a menos que, enquanto conversam, estejam sacudindo para lá e para cá um currículo impressionante como se fosse um pom-pom. Por exemplo, recentemente me deparei com uma crítica literária escrita por uma mulher conservadora para um site conservador, presumivelmente dirigindo-se a uma audiência conservadora, e o artigo estava atacando um livro feminista lançado há pouco tempo. A autora da crítica era articulada, divertida e perspicaz, e fez uma crítica bastante devastadora ao referido livro. E, no entanto, no decorrer do artigo, ela teve muito cuidado em nos informar, não uma vez, mas várias vezes, de maneira hábil e espirituosa, que ela própria é uma mulher de carreira de sucesso. Ela sabe como o jogo é jogado. Ninguém ouve você, a menos que você tenha se provado no mundo dos negócios — portanto, você precisa traçar todo o seu histórico de empregos e garantir a todos que você não é uma daquelas (bate na madeira três vezes!) mulheres “domésticas”. E, assim, tendo estabelecido credibilidade, você pode começar a criticar o feminismo.

Mas isso faz tanto sentido quanto uma mulher trajando biquíni, salto alto e tiara para criticar a objetificação das mulheres em concursos de beleza — porque ela está preocupada com o fato de que, se não o fizer, ninguém a levará a sério ou dará atenção ao seu argumento. Acho interessante que um homem possa, de forma legítima, opor-se

ao feminismo em termos filosóficos, sem trazer à discussão, sequer uma vez, o seu sucesso pessoal. Mas uma mulher, aparentemente, é incapaz de discutir o assunto sem antes estabelecer sua credibilidade no mundo dos negócios. E o problema dessa abordagem é que ela concede vitória às feministas, não importa de que ângulo você olhe. Cara, elas vencem; coroa, você perde. Se você atacar o feminismo e *não for* uma mulher de carreira, será descartada imediatamente — porque por qual motivo no mundo alguém a levaria a sério? Se você atacar o feminismo, mas primeiramente certificar-se de ressaltar o fato de que não é uma daquelas mulheres antiquadas e oprimidas, sugadas pelo pântano da domesticidade... bem, o que quer que saia da sua boca a seguir não importa. Você já cedeu o jogo inteiro às feministas.

Concordemos ou não, todas fomos moldadas, mais do que talvez percebamos, por essa narrativa específica de que donas de casa não têm cérebro. Para ilustrar, tente por um momento imaginar em sua mente uma mulher admirável e realizada que, por acaso, é crítica do feminismo: ela é educada, talentosa, franca e articulada. Uma criatura rara, eu sei, mas apenas tente fazer uma imagem mental dessa mulher. Agora, como é sua mulher imaginária? Meu palpite é que você esteja imaginando alguém que se parece e se veste como uma jornalista, usando sua saia lápis, stiletos e cílios postiços em um escritório em Manhattan. Ou talvez você tenha visualizado uma mulher mais velha de visual bem acadêmico, de óculos e jaqueta marrom, que leciona em uma universidade — e não uma mulher amamentando um bebê com uma pilha de roupas que precisa ser dobrada e uma travessa de biscoitos no forno. Por que disso? Por que pressupomos automaticamente que a mulher em casa com crianças pequenas não poderia ter opiniões válidas, perspicazes ou profundas, ou que, se por algum milagre as tiver, ela as está descaradamente desperdiçando ao ficar em casa?

Por que acontece isto, que, para uma mulher ser levada “a sério”, precisa manter sua maternidade ou sua domesticidade longe dos olhos do público, como a esposa louca em *Jane Eyre* que é mantida trancada no sótão? (Ela está lá, mas nos causa vergonha, por isso tentamos nunca deixar ninguém vê-la). Como chegamos ao ponto de o nosso papel obviamente natural, criacional e biológico como mulher ter se tornado uma embaraçosa desqualificação de um humano respeitável? Um papel que, se não pudermos nos livrar completamente dele, devemos, pelo menos, ter a decência de mantê-lo distante e, na maior parte das vezes, invisível? Em algum momento, a maternidade foi reduzida a um daqueles trabalhos tolos e servis que ninguém que tenha uma graduação deveria se humilhar aceitando-o.

Mas uma mulher que cria seus filhos não está apenas moldando a próxima geração, também está moldando pequenos humanos que viverão para sempre. As almas que ela deu à luz são imortais. *Imortais*. E, de alguma forma, nossa cultura olha para uma mulher que trata isso como uma tarefa importante e diz: “É uma pena que ela esteja se desperdiçando. Ela poderia estar fazendo algo *importante* — como preenchendo papelada para reivindicações de seguro”.

Como chegamos a esse ponto? Perdoe a rápida lição de História, mas para entendermos onde estamos no momento, precisamos olhar para alguns séculos atrás e tentar identificar o momento em que saímos dos trilhos.



P A R T E II

*Entra
o Feminismo*

PROTOFEMINISMO

A mais antiga das feministas pode ser rastreada até a Grã-Bretanha no período de vida de Jane Austen, no momento em que Mary Wollstonecraft despontou pela primeira vez no horizonte em 1759, uma sombra que não chegava a ser maior do que o punho de um homem. Isso é extremamente importante a ser observado: o feminismo não surgiu armado e perigoso na década de 1960, quando Gloria Steinem começou a fazer manchetes — na verdade, quando o aborto foi legalizado nos Estados Unidos, o feminismo tinha quase duzentos anos. Isso é importante porque, com muita frequência, os conservadores querem rejeitar os frutos desagradáveis do feminismo sem sequer parar para pensar no pomar onde o fruto foi cultivado. São como telespectadores insatisfeitos que, ofendidos pela desagradável cena final do filme, querem rebobinar cinco minutos e então tentar novamente, esperando um resultado diferente “dessa vez”. Não, essa cena final é o que o enredo esteve construindo; não é uma anomalia. E da mesma maneira, nós, mulheres do século 21, encontramos-nos sobre as ruínas do Ocidente, mas esse não é um acidente recente — é a conclusão lógica dos últimos séculos.

Mary Wollstonecraft levou uma vida pouco convencional para os padrões do século 18. Uma mulher com inclinação intelectual vivendo no auge do Iluminismo, foi membro de um grupo de pensadores radicais e artistas centrados em torno de Joseph Johnson, editor do periódico chamado *Analytical Review*, conhecido por suas ideias políticas e religiosas revolucionárias. Iniciou um caso de amor com um colega do grupo, um artista casado e, em 1790, publicou *Uma Reivindicação dos Direitos dos Homens*, apoiando a Revolução na França. Logo em seguida, deu sequência a isso com *Uma*

Reivindicação pelos Direitos da Mulher (1792), agora considerado um dos primeiros tratados filosóficos sobre feminismo, embora ela nunca tivesse usado esse termo, visto que ainda seria cunhado e não se tornaria amplamente usado até quase um século depois. Logo após a publicação de *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*, viajou para a França, chegando um pouco antes de o Reinado de Terror começar para valer. Defensora ardente da Revolução, permaneceu na França pelo período e, durante esse tempo, deu à luz uma filha ilegítima de um americano que por fim a abandonou. Após o término da Revolução, voltou para casa na Inglaterra com sua filha e várias vezes tentou se suicidar porque seu amante se recusava a aceitá-la de volta. Finalmente conheceu e engravidou de outro homem, um pensador radical e filósofo chamado William Godwin que, entre outras coisas, rejeitava a ideia de casamento. No entanto, os dois decidiram se casar de qualquer maneira, para que a criança fosse legitimada, porém o casal se mudou para duas casas, uma ao lado da outra, para que cada um pudesse manter sua independência. Em 1797, ela deu à luz e morreu por complicações do parto pouco mais de uma semana depois.

Essa filha, chamada de Mary em homenagem à mãe, foi criada na casa de Godwin e recebeu uma educação impressionante, embora obviamente radical. Parte da filosofia de Godwin era a ideia do amor livre e a rejeição das normas sexuais tradicionais. Seguindo essa filosofia, aos dezesseis anos, Mary Godwin tornou-se amante de Percy Bysshe Shelley, o (então casado) poeta romântico. O casal deixou a esposa de Shelley (grávida de seu segundo filho) em casa na Inglaterra e viajou junto para a Suíça, e, quando retornaram, Mary também estava grávida. Esse bebê morreu, mas Mary logo engravidou novamente e deu à luz um segundo filho. Vários meses depois, o casal retornou à Suíça e passou o verão no Lago Léman juntamente com Lord Byron. Foi neste verão (escurecido anormalmente pelas cinzas de uma erupção vulcânica no Chile, a propósito) que ela começou a escrever o

romance Frankenstein. Ela tinha dezoito anos. Mais tarde daquele mesmo ano, a esposa de Shelley se matou, e, três semanas depois, Shelley se casou com Mary.

PRIMEIRA ONDA FEMINISTA

Do outro lado do oceano, em 1820 — apenas dois anos após a publicação de *Frankenstein*, de Mary Shelley, e apenas 23 anos após a morte de sua mãe, Mary Wollstonecraft — Susan B. Anthony nasceu. Se Wollstonecraft foi um tremor solitário e precoce, Anthony foi uma das que ajudou a iniciar o terremoto para valer. A primeira onda do feminismo é tipicamente vista como estendendo-se do século 19 até o início do século 20, e, visto ter sido um enorme movimento, obviamente houve muitas e muitas mulheres influentes envolvidas. Anthony, no entanto, foi uma das mais conhecidas defensoras do movimento e agora é considerada uma heroína por quase todos, então vale a pena dar uma olhada naquilo pelo qual lutou.

Susan B. Anthony nasceu em Massachusetts, em uma família quaker, embora, no final de sua vida, fosse completamente agnóstica. Quando chegou ao final da adolescência, já estava envolvida no movimento abolicionista, mas boa parte de sua vida foi dedicada às causas gêmeas do sufrágio feminino (direito ao voto) e do movimento de temperança (criminalização do álcool). Embora não estivesse presente na famosa Convenção de Seneca Falls em 1848 (a primeira convenção histórica sobre direitos das mulheres), tornou-se logo em seguida uma boa amiga de uma das organizadoras, Elizabeth Cady Stanton, e as duas se tornaram quase inseparáveis. Anthony vivia a maior parte do tempo na casa dos Stantons, mas como Stanton era casada e tinha sete filhos, e Anthony permaneceu solteira, era ela que tinha a liberdade de viajar, palestrar e fazer muito do trabalho braçal envolvido na mobilização do movimento feminista. Stanton era a intelectual nos bastidores que escrevia grande parte dos textos; Anthony era a organizadora, palestrante e o

rosto público. A própria Stanton disse sobre Anthony: “Forjei os raios, ela os disparou”. Sua parceria era incrivelmente influente, e as duas estavam amplamente envolvidas na aprovação de três emendas à Constituição. Em meio à Guerra de Secessão, as duas mulheres fundaram a Liga Nacional Leal das Mulheres, a primeira organização política de mulheres em escala nacional. Fundaram a liga para fazer campanha por uma emenda que proibia a escravidão e conseguiram coletar quase 400.000 assinaturas para sua petição. Imediatamente após o fim da guerra, a emenda foi aprovada.

A próxima grande campanha para as duas mulheres foi a luta pelo sufrágio feminino e a batalha para decretar a proibição do álcool. Para as feministas da primeira onda, essas duas questões eram inseparáveis. A União de Temperança de Mulheres Cristãs, que foi amplamente responsável pela Décima Oitava Emenda (Proibição), também foi grande apoiadora do movimento de sufrágio e, ao mesmo tempo, todas as sufragistas estavam profundamente envolvidas no movimento de temperança. Na verdade, Anthony e Stanton haviam formado a Sociedade de Temperança Estadual das Mulheres e feito campanha para proibir a venda de álcool no Estado de Nova Iorque uma década antes do início da Guerra de Secessão.

Anos atrás, em uma feirinha, encontrei um antigo livreto de canções de temperança, obviamente destinado a ser usado em reuniões da temperança. Comprei, claro, porque como alguém poderia deixar passar algo tão incrível assim? A melodia de todas as canções carrega uma forte sensação de marcha, e o vínculo entre sufrágio e temperança é ilustrado magnificamente pelas letras de uma das canções:

Mas se os homens não puderem dar um jeito, chamaremos as eleitoras; elas acabarão com os botecos do país e expulsarão os homens com barriga de chopp. Quando tivermos mulheres eleitoras, adeus aos barris de cerveja. Oh o! Oh o! Quando tivermos mulheres eleitoras.⁴

A Décima Oitava Emenda entrou em vigor em 1920, e, nesse mesmo ano, a Décima Nona Emenda foi ratificada, dando às mulheres o direito de votar. Stanton e Anthony não estavam vivas para ver isso, mas seus incansáveis e impressionantes esforços por essas duas causas foram enormemente responsáveis por essa vitória dupla para o feminismo.

Essas mulheres estiveram lutando pelo direito das mulheres ao voto em geral. Mas, especificamente, uma das questões mais prementes sobre a qual queriam votar era a proibição do álcool. É interessante que o círculo de radicais em torno de Wollstonecraft na Inglaterra advogasse pelos direitos das mulheres, pela ideia do amor livre e pela rejeição das normas sexuais tradicionais. Nos Estados Unidos, os direitos das mulheres estavam sendo disputados por abstinências que queriam criminalizar o álcool. Esses são dois grupos — você pensaria — que não poderiam ter muito em comum. No entanto, os Estados Unidos acabaram alcançando seus primos progressistas do outro lado do Atlântico, e não demorou muito para que as feministas nos Estados Unidos começassem a falar sobre sexo também. É inevitável, na verdade, porque nada é mais provável de afundar a carreira de uma mulher tão completamente quanto ter filhos, o que — deve-se ressaltar — é o resultado óbvio do sexo.

Se você olhar para trás, ao longo dos detalhes biográficos básicos das mulheres sobre as quais acabamos de discutir, filhos são um ponto de virada extremamente definidor em cada uma de suas vidas. Wollstonecraft e Godwin agiram contra suas próprias crenças declaradas ao se casarem — e isso porque tiveram que pensar em seus filhos, que seriam quem sofreria o estigma associado à ilegitimidade. Mary morreu jovem, aos trinta e oito anos, por causa de complicações no parto. No caso dela, a gravidez não apenas influenciou seu casamento, como também causou sua morte. Sua filha, Mary Shelley, uma intelectual promissora vivendo de acordo com as ideias radicais do amor livre, foi mãe duas

vezes e teve de lidar com a bagagem emocional de perder um bebê aos dezoito anos. Elizabeth Cady Stanton, embora fosse uma oradora e escritora com alto grau de instrução e talento, foi também mãe de sete filhos e, portanto, incapaz de viajar e palestrar por causa de seus deveres em casa. Susan B. Anthony, embora não fosse tão instruída ou intelectualmente talentosa como Stanton, tinha a vantagem de ser solteira e sem filhos, e, portanto, possuía muito mais liberdade para seguir sua carreira, mudando o mundo ao fazer os discursos que Stanton havia escrito para ela. Não podemos deixar de nos perguntar se é por esse motivo que o rosto dela está na moeda de um dólar em vez do de Stanton. Será que não ter filhos é uma vantagem maior para uma mulher do que ser talentosa, inteligente ou instruída? Será que os filhos são o alqueire sob o qual as mulheres são forçadas a esconder sua luz? Aparentemente, sim. Se as mulheres quisessem seguir carreiras intelectuais bem-sucedidas, elas precisavam *não* ter filhos... e isso significava que precisavam permanecer casadas com seu trabalho, manter uma existência celibatária e não ter nada com homens. Freiras renunciavam ao sexo para se tornarem “casadas com Cristo”; as primeiras feministas tiveram de renunciar ao sexo a fim de serem casadas com suas carreiras.

Por outro lado... e se houvesse uma solução alternativa? E se as mulheres pudessem se divorciar de sua fertilidade, manter a vantagem profissional de não ter filhos e, ainda assim, ter a liberdade de seguir um estilo de vida wollstonecraftiano de amor livre, mas sem as consequências? A verdadeira emancipação das mulheres teria sido alcançada — emancipação dos filhos e dos deveres vinculados a eles, emancipação das consequências naturais do sexo e, inevitavelmente, emancipação das restrições da moralidade sexual tradicional. Entra em cena Margaret Sanger, pregando o evangelho da emancipação. Antes de ela iniciar sua cruzada pelo controle de natalidade, os homens eram tecnicamente livres para se entregar à imoralidade que quisessem, sem que

isso necessariamente tivesse efeitos adversos em suas carreiras. Mas as mulheres, por outro lado, eram incapazes de viver com a mesma “liberdade” que os homens nesse aspecto, sem que necessariamente terminasse em um bebê deixado para a mulher cuidar. Dentro dos limites do casamento tradicional, tanto o homem quanto a mulher são profundamente afetados pelo nascimento de um bebê, e o ônus de cuidar do filho e criá-lo recai pesadamente sobre o pai. Mas fora do casamento, as consequências caem somente sobre a mulher. Fora do casamento, um homem poderia, potencialmente, ser pai de um grande número de filhos sem nem mesmo saber da existência deles — o mesmo, obviamente, não se aplica às mulheres. Uma mulher não pode ser mãe sem que isso vire toda sua vida de cabeça para baixo.

As feministas viam isso, e ainda veem, como sendo profundamente injusto. No início do século 20, uma mulher podia se casar e ter filhos, e podia ter a segurança de saber que o pai estava igualmente envolvido no cuidado dos filhos, mas estava também atada a seu marido, à sua casa, a seus filhos e era incapaz de experimentar a liberdade de uma carreira. Por outro lado, se ela permanecesse solteira por interesse de liberdade ou do sucesso na carreira, teria também que permanecer celibatária se quisesse evitar as complicações de filhos — e esse mesmo dilema de ou-um-ou-outro não era real para os homens.

Sanger foi a mulher que mudou tudo isso. Foi mais uma das feministas da primeira onda e nasceu em 1879, quando Susan B. Anthony tinha setenta e três anos. O direito de voto não foi conquistado até que Sanger completasse quarenta e um anos, e, por esse tempo, ela já estava bem embarcada em sua cruzada para trazer controle de natalidade e abortos “seguros” às mulheres americanas. Sua primeira clínica (que mais tarde se tornaria a rede de clínicas Planned Parenthood) abriu suas portas em 1916, quatro anos antes do sufrágio ser alcançado. Observe que, mesmo antes de as mulheres terem o direito de votar, o aborto já era um componente essencial da

visão de emancipação das mulheres — não foi uma reflexão tardia nos anos 1970. A emancipação para as mulheres era vista como emancipação das restrições da biologia — emancipação essencialmente de seus próprios corpos.

Sanger era filha de um socialista ateu, e ela própria se envolveu na política esquerdista radical do cenário anterior à Primeira Guerra Mundial em Greenwich Village. Foi nesse momento que os Estados Unidos parecem ter finalmente chegado ao ponto em que a Inglaterra estivera um século antes — com uma vanguarda filosófica defendendo o socialismo e o amor livre. A principal cruzada de Sanger foi levar o controle de natalidade para as mulheres americanas, mas isso nasceu de sua crença de que uma mulher deve assumir controle absoluto sobre sua própria fertilidade e que a maternidade deve ser “voluntária”. Mesmo que o aborto legalizado não fosse sua luta particular, ela não tinha problemas éticos com isso, e a cruzada para legalizá-lo foi mais a consequência lógica da guerra que estava travando. A Planned Parenthood, organização que fundou e com a qual permaneceu envolvida por cinquenta anos, é hoje a maior fornecedora de abortos na América — e isso não é por acaso. Dada a sua crença de que a gravidez não é algo que “deva simplesmente acontecer com você”, a capacidade de impedir ou interromper uma gravidez é vital para a sua visão de mulheres sendo libertadas da tirania da reprodução. Dadas as suas premissas, o direito ao aborto é uma necessidade absoluta.

Em 1936, após anos de campanha, inúmeras prisões, boletins e publicações de coisas com nomes do tipo *The Woman Rebel* [A Mulher Rebelde], Sanger venceu uma batalha judicial que teve o efeito de tornar o controle de natalidade mais acessível às mulheres americanas. Por causa de seu interesse em toda a questão de reprodução, ou mais especificamente da falta dela, ela também era uma defensora da eugenia e da esterilização compulsória dos inadequados.

Vale a pena notar que ela era uma defensora dessas questões em um momento da história em que a eugenia não era apenas uma teoria hipotética a ser especulada nas salas de aula, mas um experimento sanguinário e cruel sendo executado na Alemanha — um experimento pelo qual várias centenas de milhares de homens americanos deram a vida para parar. Para Sanger, o principal fim do controle de natalidade era maximizar o número de nascimentos do “apto” e minimizar o número de nascimentos do “inapto”. Portanto, em sua visão, o controle de natalidade não apenas emancipou mulheres individuais, mas também beneficiou a raça humana ao impedir o nascimento daqueles que seriam considerados disgênicos ou prejudiciais à sociedade ideal. Ela viveu para ver sua vitória no departamento de controle de natalidade, mas morreu em 1966, sete anos antes do caso *Roe contra Wade*.⁵

⁴ Dr. J. B. Herbert, *The Live Wire* (Chicago: The Rodeheaver Co.), n. 8.

⁵ Caso judicial pelo qual o direito ao [aborto](#) ou a interrupção voluntária da gravidez foi reconhecido pela Suprema Corte dos Estados Unidos. [N.T.]

5

PSICOTRÓPICOS E SEGUNDA ONDA FEMINISTA

Quando eu era criança, no final dos anos 80, minha mãe tinha a assinatura da revista *Better Homes and Gardens*, e é difícil pensar em uma revista que seja mais essencialmente voltada para esposas e mães. Repleta de artigos sobre decoração, jardinagem e receitas, certamente não era uma revista sendo posta à venda para corretores de ações ou lenhadores. Era claramente destinada a um grupo demográfico muito particular. Lembro-me de examinar as revistas todo mês quando chegavam, e, estranhamente, a única coisa de que realmente me recordo nelas é que em cada uma das edições havia sempre um anúncio em destaque dos cigarros Virginia Slims, ocupando uma página inteira. Os anúncios se destacavam porque o restante da revista não tinha nada a ver com moda, mas a página da Virginia Slims sempre apresentava uma imagem ampla de uma mulher assombrosamente estilosa. Lembro-me de sempre me deter nessas páginas, estudando o anúncio e tentando entender. Meu eu ainda no Ensino Fundamental não entendia o ponto social por trás, mas lembro-me claramente de como cada um dos anúncios foi elaborado. Na frente e no centro estava a modelo, bem-vestida e aparentando confiança, cabelos ao vento, cigarro na mão e, ao fundo, o que parecia ser fotografias antigas em tom sépia de mulheres da virada do século em alguma situação difícil e geralmente sendo atormentadas por seus maridos de alguma maneira. Talvez lutando com grandes barris cheios de água e tábuas de lavar enquanto o marido usava chinelos, fumava cachimbo e lia o jornal. Ou uma mulher de gorro abrindo caminho com uma pá através de um campo cheio de neve para que o marido pudesse passar. Ou ele usando um roupão, esquentando seus

privilegiados e satisfeitos pés em frente à lareira, enquanto ela entrava coberta de neve carregando um monte de lenha. Ou enquanto a mulher pendurava roupas no varal, alguma legenda dizia algo como: “O Sr. Lee Evans deixou claro quem é o homem da casa”. As cenas de opressão masculina nas fotos em tom sépia mudavam, e as roupas da modelo estilosa eram alteradas, mas a configuração básica sempre era a mesma. Então, na frente de tudo, vinha a legenda: “Você percorreu um longo caminho, querida”.⁶

A mensagem não era sutil. Todos os anúncios da Virginia Slims eram um tributo às vitórias do feminismo e um testemunho da emancipação das mulheres da tirania da domesticidade. Então, como é que uma revista para donas de casa (e dificilmente uma revista de vanguarda ou controversa) podia trazer um anúncio todo mês anunciando um produto para donas de casa com a premissa de *desprezo* pelo cuidado com o lar? Os anúncios eram cômicos, com certeza. Mas o pressuposto simplesmente era que as mulheres do passado eram tolas, fracas, oprimidas, aflitas e viviam uma vida insignificante. Todo anúncio reforçava a narrativa de que o lar era um beco sem saída — um trabalho que sugava a alma, degradante e humilhante. Mas agora! Agora que somos mulheres dos anos 1980 com uma franja incrível, podemos andar de patins, dançar jazz, fumar cigarros e, em geral, podemos celebrar, pois temos *empregos!* e nos libertamos da tirania dos homens.

Minha infância foi vivida em uma década durante a qual nossa sociedade simplesmente engoliu a verdade de tudo isso, mas foi realmente durante a infância de minha mãe que essa mensagem havia se tornado convencional. As feministas da primeira onda, tão radicais em seu tempo, aparentemente haviam feito bem seu trabalho. Conquistaram suas vitórias e lançaram as bases sobre as quais as feministas da segunda onda na década de 1960 foram capazes de construir.

A Segunda Guerra Mundial e a década seguinte foram basicamente o intervalo entre as duas ondas do feminismo. Embora as feministas tivessem trabalhado arduamente por um pouco mais de um século, suas verdadeiras vitórias não foram alcançadas até o período entre as Grandes Guerras. Mas o momento passou com o advento da Segunda Guerra Mundial. A Primeira Guerra terminou em 1918. Em 1920, foi decretada a proibição do álcool (vitória número um) e o sufrágio, alcançado (vitória número dois), e, em 1936, Sanger alcançou o primeiro de seus sucessos dentro de seu objetivo maior de trazer liberdade reprodutiva para as mulheres (vitória número três). Os principais objetivos das feministas da primeira onda tornaram-se realidade. Mas em 1941, apenas cinco anos após o sucesso do controle de natalidade de Sanger, os Estados Unidos entraram na guerra na Europa, o que mudou drasticamente a face da América.

Os efeitos da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos são fascinantes, mas esse é um assunto muito grande para iniciar aqui. Basta dizer que, na década de 1950, o papel das mulheres sofreu uma recaída da trajetória em que parecia estar antes da guerra. O crescimento econômico maciço, os avanços tecnológicos, o aumento da natalidade, o advento dos subúrbios americanos foram fenômenos que moldaram profundamente o país. Superficialmente, uma década de valores familiares saudáveis, férias em peruas para visitar os parques nacionais, seriados familiares de comédia na TV e alunos do Ensino Médio vestindo jaquetas de couro e saias rodadas nos bailes escolares podem fazer os anos 50 parecerem, em retrospecto, idílicos.

E, no entanto, em 1963, uma mulher chamada Betty Friedan publicou um livro chamado *A Mística Feminina*, no qual partiu em pedaços a noção de que as mulheres americanas estavam vivendo um tempo de felicidade plena. O livro foi um enorme sucesso, e sua publicação geralmente é vista como o pontapé inicial da segunda onda do feminismo. O livro era basicamente uma articulação da apatia e

monotonia descontente sentidas pelas mulheres da geração da minha avó que eram casadas e tinham filhos e, no entanto, ainda eram infelizes. A sociedade dominante da década de 1950, nos Estados Unidos do pós-guerra, havia sustentado que o objetivo de uma mulher deveria ser casar-se e ter filhos — então por que, uma década depois, todas essas mulheres que haviam alcançado esse objetivo se sentiam na realidade passadas para trás? Friedan tocou em um ponto muito profundo do descontentamento entre as donas de casa americanas, e o livro se espalhou rapidamente. Friedan descreveu a condição lamentável da dona de casa, presa para sempre ao seu papel meramente biológico — o de ter filhos — e incapaz de encontrar realização ou significado em buscas mais elevadas e mais desafiadoras. Descreveu o tédio sentido pelas esposas e mães americanas detalhadamente e chamou-o de “o problema que não tem nome” — uma sensação de apatia, tédio e falta de propósito, associada ao medo assustador de que a vida está passando por você. Grande parte da força de seu argumento residia no fato de estar assegurando às leitoras que elas não estavam sozinhas, que milhões de outras mulheres se sentiam exatamente da mesma maneira. As mulheres adotaram essa ideia em massa, com o entusiasmo aliviado de alguém ter descoberto que todas as suas dores e sofrimentos são realmente uma condição médica genuína — e não apenas isso, uma condição que tem tratamento.

A condição, nesse caso, era a *mística feminina*, e a solução proposta por Friedan era que as mulheres, enquanto grupo, precisavam perceber o que estava acontecendo com elas, ouvir e responder a esse descontentamento persistente e, basicamente, dar o próximo passo em sua evolução: “Num sentido que vai além da vida de qualquer mulher, acho que essa é uma crise de mulheres amadurecendo — um ponto de virada de uma imaturidade que tem sido chamada de feminilidade para uma identidade humana plena”.⁷ Observe

isso. Da imaturidade à identidade humana plena. E qual foi a imaturidade? A própria feminilidade. As mulheres precisavam deixar para trás o feminino, a fim de se tornarem plenamente humanas. E, é claro, uma vez que essa premissa é concedida, então, por definição, precisamos olhar para trás, para aquelas mulheres da virada do século, ou mulheres que abraçavam tradicionalmente papéis femininos, e vê-las como menos desenvolvidas, menos inteligentes, menos evoluídas e, honestamente, menos humanas. Olhar para trás para essas mulheres envolve necessariamente olhar para elas com desprezo.

O simples fato de o livro ter sido tão bem-sucedido nos mostra que os Estados Unidos estavam cheios de esposas desiludidas, desencantadas e infelizes (afinal, não eram os homens que compravam o livro dela), e a resposta entusiasmada e generalizada, em certo sentido, justificou seu argumento.⁸ Você já notou como os bebês ficam extremamente irritados logo antes de darem um novo salto no desenvolvimento? Antes que sejam capazes de se sentar, ficam agitados e mal-humorados — como se soubessem que estão deixando de fazer alguma coisa. Então, um dia, eles aprendem a se sentar e pronto! Tudo está em paz no mundo novamente. Pelo menos até um pouco antes de engatinharem. Então ficam todos maldispostos de novo até descobrirem como se engatinha. Friedan estava basicamente diagnosticando o incontestável descontentamento generalizado das mulheres americanas como o mesmo fenômeno. Elas precisavam se desenvolver. Precisavam dar o próximo passo, e, assim, a felicidade seria uma consequência. Sua resposta, sua solução para a mística feminina, estava na oportunidade de uma carreira fora de casa. A identidade de uma mulher não deveria ser encontrada apenas em seu papel de procriadora e organizadora-mor da casa; ela precisava alcançar a autorrealização, deixando tudo isso para trás e lutando por algo mais.

Essa mensagem foi incrivelmente dinâmica nos anos 60 e tornou-se tão universalmente aceita que, na época dos anos 80, você podia não apenas assumir a verdade dela, como também brincar sobre isso nas páginas extremamente incontestadas da revista *Better Homes and Gardens*. Além disso, poderia fazê-lo com confiança, sabendo que ganharia dinheiro com o anúncio ao colocá-lo ali.

Parece não haver dúvida de que Friedan sabia das coisas. As mulheres nos Estados Unidos eram verdadeiramente infelizes em seus papéis de donas de casa dos anos 1950. No entanto, esse pode muito bem ser um conceito difícil de entender, porque é muito contrário às representações comuns da década, a maioria das quais parece muito vintage, pitoresca e imaculada, num estilo bem dos seriados de TV daquela época. Tendemos a querer ver os anos 50 como o momento em que o país estava feliz, saudável e íntegro — antes dos radicais anos 60 nos jogarem em um balde e nos lançarem em nossa jornada rumo ao inferno. Mas penso que se olharmos para um exemplo paralelo, veremos isso um pouco mais claramente. Você já viu um casamento explodir completamente quando ninguém do lado de fora havia suspeitado que algo estava errado? Você sabe, o tipo de incidente triste em que uma família modelo, frequente na igreja, de repente sofre um colapso e surpreende a todos? A verdade universal em tais situações é que os problemas desse casamento são muito anteriores ao momento em que todos os amigos os descobrem. Nesses casos, todos descobrem que, nos últimos quatro (ou quarenta!) anos, essa família sorria docemente na igreja e se matava em casa. O momento em que a esposa finalmente tem um estalo e deixa o marido não é o primeiro momento em que ela se sente infeliz. De maneira semelhante, a ampla rejeição cultural da feminilidade tradicional nos anos 60 deveria nos mostrar que o ressentimento já vinha se formando há um tempo. Certamente nem todas as donas de casa dos anos 50 eram infelizes, mas é válido reconhecer que a crítica cruel e amarga

dos anos 60 veio de algum lugar e não surgiu *ex nihilo*. Quando as mulheres dos anos 60 anunciaram em voz alta: “Nós odiamos isso; estamos pondo tudo abaixo”, acho que é justo supor que elas odiavam isso e também que queriam pôr tudo abaixo. As sementes do nosso feminismo atual, portanto, são anteriores a Friedan e suas teorias sobre a mística feminina. Ela nunca teria conseguido avançar com esse argumento, a menos que as mulheres dos Estados Unidos já estivessem ansiosas, prontas, quase desesperadas para ouvi-lo!

Então, o que tanto estava acontecendo com as mulheres dos anos 50? Por que se sentiam tão miseráveis? Como poderiam estar tão infelizes e tão enfadadas de tudo? Como mencionei, Friedan pensou que sabia o que estava causando o problema e, em 1963, propôs sua solução para as mulheres infelizes dos Estados Unidos: o que precisavam era da oportunidade de seguir uma carreira fora de casa e da liberdade de deixar para trás seus filhos e maridos, a fim de realizarem-se. Ela apresentou sua hipótese, a nação embarcou junto com ela e, no último meio século, o experimento tem sido conduzido. Já percorremos uma boa distância agora, de forma que parece ser válido examinarmos as evidências e ver se Friedan estava certa. Então: atualmente é permitido às mulheres americanas perseguirem seus sonhos no local de trabalho? Será que se libertaram com sucesso dos grilhões da domesticidade e da maternidade? Agora estão mais felizes e satisfeitas do que nos anos 50?

A primeira questão é fácil de demonstrar. Segundo o Ministério do Trabalho, as mulheres representavam 47% da força de trabalho dos Estados Unidos em 2010,⁹ e, em 2013, 57,2% de todas as mulheres americanas estavam trabalhando fora de casa.¹⁰ Esse é um aumento dramático da taxa de emprego de 22% de mulheres em 1960.¹¹ Parece seguro dizer que hoje nos Estados Unidos as mulheres têm liberdade para

seguir carreira, se assim o desejarem. E geralmente escolhem esse caminho.

E sobre estarmos atadas ao nosso papel meramente biológico de procriar? As mulheres hoje estão tendo mais ou menos filhos do que as mulheres dos anos 50? Segundo o Banco Mundial, a taxa total de fertilidade (ou número médio de filhos por mulher) nos Estados Unidos em 1960 era de 3,65. Houve uma queda dramática nos anos 60 e, em 1976, caiu para 1,74 — menos da metade do que era apenas dezesseis anos antes. Essa estatística tem se mantido um pouco abaixo de 2 desde então.¹² Não há dúvida de que as mulheres hoje estão menos atadas à maternidade do que estavam na década de 50. O sonho de Margaret Sanger foi realizado, e a maioria das mulheres de hoje pensa na maternidade como algo absolutamente voluntário e uma condição sobre a qual elas têm controle total.

Mas isso nos deixou mais felizes? O problema de ser dona de casa nos anos 50 (segundo Friedan) era que isso fazia as mulheres se sentirem vazias e tristes. Então, será que, compativelmente, agora que nos livramos disso, as mulheres americanas são mais felizes? Certamente, se a hipótese de Friedan estivesse correta, as mulheres deveriam ser muito mais felizes agora, já que temos uma probabilidade muito *maior* de ter uma carreira e uma probabilidade muito *menor* de ter filhos.

A felicidade é difícil de medir, é claro. Não é como medir a temperatura de alguém ou sua altura e peso. Mas uma maneira razoavelmente tangível de diagnosticar o índice de felicidade média da população é descobrir o percentual do público em geral que faz uso de antidepressivos. Embora essa estatística não seja totalmente conclusiva, é certamente suficiente para nos dar uma ideia aproximada de quão felizes ou infelizes grandes grupos de pessoas são. Os antidepressivos propriamente ditos não haviam sido difundidos nos anos 50, mas havia muitos medicamentos que

estavam sendo oferecidos para padecimentos relacionadas à ansiedade, nervos etc. Em 1963, 21% das mulheres americanas estavam sob uma forma ou outra de medicação psicotrópica.¹³ Até a própria Friedan fala sobre mulheres tentando apagar suas mágoas recorrendo a tranquilizantes. Na verdade, esse é um dos seus argumentos de apoio para convencer seus leitores da gravidade do problema. “Muitas donas de casa estavam tomando tranquilizantes igual pastilhas para tosse. ‘Você acorda de manhã e sente que não faz sentido continuar tendo outro dia como esse. Então toma um calmante porque isso faz com que você não se importe tanto por nada fazer sentido’”.¹⁴ Popularmente conhecidas como “pequenos ajudantes da mamãe”, essas drogas eram evidências tangíveis de que, quando Friedan afirmou que as mulheres eram infelizes, ela não estava inventando isso. O livro de Friedan foi lançado em 1963, e, três anos depois, os Rolling Stones estavam cantando “Mother’s Little Helper” [Pequeno Ajudante da Mamãe, em tradução livre], que dizia a mesma coisa que Friedan, mas com melodia.

Mamãe precisa de algo hoje para acalmá-la
E embora não esteja realmente doente
Existe uma pílula amarela
Ela corre para o abrigo de um pequeno ajudante da mamãe
E isso a ajuda em seu caminho, fazendo-a superar seu dia agitado
“As coisas são diferentes hoje”
Ouço toda mãe dizer
Cozinhar comida fresca para o marido é um saco
Então ela compra um bolo instantâneo e esquento o bife congelado
E corre para o abrigo de um pequeno ajudante da mamãe
E dois a ajudam em seu caminho, fazendo-a superar seu dia agitado.¹⁵

Parece incontestável que um grande número de mulheres era verdadeiramente infeliz e estava se medicando em grande escala.¹⁶ Mas, se Friedan estava certa, se a solução para essa

infelicidade era uma chance de seguir carreiras fora de casa e aptidão para afastar as restrições da maternidade, certamente os esforços incansáveis das feministas nos últimos cinquenta anos devem ter produzido o prometido fruto de mulheres mais felizes e mais realizadas. Certamente deveríamos observar uma queda significativa no uso dos pequenos ajudantes da mamãe.

Mas receio que não tenha sido assim. As mulheres não se tornaram proporcionalmente mais felizes à medida que se afastavam do papel de dona de casa e da maternidade. O uso de medicamentos psicotrópicos não diminuiu nem um pouco, mas aumentou bastante. Hoje, 26% das mulheres americanas estão infelizes o suficiente para consultar um médico e obter uma receita. Em 1963, uma em cada cinco mulheres estava medicando sua infelicidade, e hoje temos mais de uma em cada quatro mulheres.¹⁷ E as mulheres têm duas vezes e meia mais chances de usar os medicamentos do que os homens.¹⁸ Dada a peregrinação em massa das mulheres do mundo doméstico para o corporativo, talvez devêssemos começar a nos referir a essas pequenas pílulas amarelas como “assistentes pessoais”.

Então, estatisticamente, as mulheres são mais empregadas agora do que eram nos dias de Friedan? Sim! Um sim documentado e retumbante. As mulheres estão menos atadas ao seu papel biológico? Sim! Um sim documentado e retumbante. Isso nos trouxe a felicidade que nos foi prometida? Não! Um não documentado e retumbante. Se nos guiarmos puramente com base nos níveis de prescrição, as mulheres estão ainda mais tristes agora do que antes. Receio que a tese de Friedan simplesmente não se mantenha. Nos últimos cinquenta anos, as mulheres americanas correram atrás do arco-íris, e o pote da felicidade não apareceu.

Já consigo ouvir a objeção. “A infelicidade das mulheres hoje não tem nada a ver com o fato de poderem ter carreiras. Isso é uma simplificação grosseira e há muitos outros fatores

envolvidos”. Verdade. Admito isso. Mas, se for esse o caso, então certamente foi uma simplificação excessiva quando Friedan argumentou que ser dona de casa era o problema, e carreiras eram a solução?

No quadro geral, olhando para a situação na década de 1950, é óbvio que nosso país precisava desesperadamente de Cristo. Vazio generalizado, falta de propósito e infelicidade não são marcas de uma cultura que é piedosa e próspera. As mulheres dos anos 50 não precisavam simplesmente de carreiras, precisavam de graça — e o restante da discussão a seguir não nega esse princípio ou esquece que esse seja o caso. Mas, como este é um livro sobre o papel das mulheres na sociedade, esse é o assunto que precisamos examinar e, portanto, vamos nos afastar da discussão da necessidade extensiva que nosso país tinha de reforma e, em vez disso, falar sobre qual teria sido o impacto no papel cultural das mulheres se essa reforma tivesse realmente acontecido. Digamos que, durante os anos 60, em vez da revolução sexual que realmente aconteceu, tivesse havido outro Grande Avivamento. Que impacto o arrependimento teria tido sobre o papel das mulheres na cultura? Se, em sua miséria e infelicidade, os Estados Unidos tivessem caído de joelhos em vez de terem se lançado na busca da licenciosidade, haveria tido alguma mudança resultante na maneira como as mulheres eram vistas? Absolutamente, é certo que sim. Eu diria que uma das primeiras coisas que teríamos atirado pela janela seria a visão idealista, superficial e incrivelmente rasa de criação de um lar que estava florescendo nos anos 50.

Em algum ponto do caminho, o país engoliu uma mentira envenenada sobre o propósito das mulheres e, ao fim dos anos 50, começou a se sentir nauseado — mas foi só nos anos 60 que os vômitos começaram. Não basta olhar para o estágio de vômitos, reconhecer que é inútil e problemático, e argumentar que devemos voltar para o momento em que havíamos comido a ostra podre, mas ainda não havíamos começado a sentir enjôo. Se hoje, de alguma forma,

conseguíssemos recriar com êxito os anos 50, também teríamos inevitavelmente recriado as condições prévias para os anos 60. Essas duas décadas são um pacote. Com frequência, conservadores e liberais estão brigando por uma questão completamente irrelevante quando se trata disso. Os liberais acham que o vômito era necessário e útil (não importa que nosso país esteja agora com febre alta, tremendo com espasmos no chão, sem sinais de melhora), e os ultraconservadores argumentam que toda essa situação é terrível, então voltemos logo àquele idílico e nostálgico dia em que comemos a ostra podre — e a comamos novamente. Às vezes, acho que precisamos trancar as duas partes em um armário em algum lugar e deixá-las discutir entre si enquanto tentamos avaliar honestamente a situação e, esperançosamente, encontrar uma resposta melhor.

6 As frases citadas são de um anúncio de 1991 da Virginia Slims.

7 Betty Friedan, *The Feminine Mystique* (New York: W.W. Norton, 1963), p. 80.

8 Quando digo que o livro dela foi um sucesso, não estou exagerando. Por seis semanas, *A Mística Feminina* esteve na lista de bestsellers do New York Times, e a primeira impressão vendeu 1,4 milhão de cópias.

9 Department of Labor, “Women in the Labor Force in 2010,” Estados Unidos, <http://www.dol.gov/wb/factsheets/qf-laborforce-10.htm> (acessado em 24 de fev., 2016).

10 Department of Labor, “Latest Annual Data: Women of Working Age,” United States, http://www.dol.gov/wb/stats/latest_annual_data.htm (acessado em 24 de fev., 2016).

11 Theresa Riley, “How America’s Workforce has Changed Since 1960,” <http://billmoyers.com/2012/06/18/how-americas-workforce-has-changedsince-1960/> (acessado em 24 de fev., 2016).

12 Google, “Public Data: Fertility Rate,” dados do Banco Mundial, https://www.google.com/publicdata/explore?ds=d5bncppjof8f9_&met_y=sp_dyn_tfrt_in&idim=country:USA:RUS:CAN&hl=en&dl=en (acessado em 24 de fev., 2016).

- 13 Tessa Johnson, “How to Be a Domestic Goddess,” Wellcome History, <https://wellcomehistory.wordpress.com/2013/02/25/how-to-be-a-domestic-goddess> (acessado em 22 de junho, 2016). Apenas 9% dos homens usavam medicação psicotrópica no mesmo período. Existem dados semelhantes de uma década depois (1973): Ver Allan V. Horwitz, “How an Age of Anxiety Became an Age of Depression,” *Milbank Q.* 2010 Mar; v. 88(1): 112–138. Disponível on-line na Biblioteca Nacional de Medicina dos EUA, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2888013> (acessado em 25 de fevereiro, 2016).
- 14 Friedan, *Feminine Mystique*, p. 31.
- 15 Mick Jagger e Keith Richards, “Mother’s Little Helper,” *Aftermath*, 1966.
- 16 Para uma discussão muito mais completa e muito interessante sobre a prevalência de psicotrópicos nos anos 50, consulte os Capítulos 2-5 sobre a história da droga Miltown em *The Age of Anxiety: A History of America’s Turbulent Affair with Tranquilizers* por Andrea Tone (New York: Basic Books, 2009).
- 17 Medco Health Solutions, Inc., *America’s State of Mind: A Report by Medco*, <http://apps.who.int/medicinedocs/documents/s19032en/s19032en.pdf> (acessado em 24 de fev., 2016).
- 18 Peter Wehrwein, “Astounding increase in antidepressant use by Americans,” *Harvard Health Publications*, <http://www.health.harvard.edu/blog/astounding-increase-in-antidepressant-use-by-americans-201110203624> (acessado em 24 de fev., 2016).

MULHERES DISPENSADAS

Então, o que havia de errado com a feminilidade da década de 1950? Por que as mulheres estavam se sentindo tão vazias e sem propósito? Para responder a essa pergunta, precisamos olhar além do que estava acontecendo em casas individuais e ver o quadro geral do que estava acontecendo nos Estados Unidos na época. Precisamos descobrir o que deu errado — não para que possamos sentar e criticar nossas avós, mas para descobrir como poupar nossas filhas.

Não há dúvida de que, nos anos 50, o país atingiu um nível de prosperidade sem precedentes. Dinheiro, progresso, tecnologia, padrão de vida — todas essas categorias dispararam. O tempo livre, algo que antes pertencia apenas aos ricos privilegiados, foi subitamente usufruído pela classe média. Os Estados Unidos estavam passando por um grande surto de crescimento e quase não conseguiam acompanhar a si mesmos. Ondas de choque dessa recém-descoberta prosperidade da classe média foram sentidas em toda a cultura, em tudo desde a arquitetura até o que as pessoas jantavam e como passavam os fins de semana. Um lugar onde as mudanças foram sentidas intensamente foi no lar. Com a ascensão dos subúrbios americanos, as casas eram novas, modernas e eficientes. Com a explosão da tecnologia e sua repentina disponibilidade crescente, o caso de amor americano com a eficiência foi trazido para dentro de casa. A família de classe média foi rapidamente equipada com aparelhos elétricos, geladeiras, batedeiras, aspiradores, telefones, torradeiras e muitos outros aparelhos, todos voltados para a criação de uma vida fácil para a dona de casa.

Meu marido cresceu tendo conhecido sua bisavó — uma mulher que viveu a Primeira Guerra Mundial, cujo marido lhe enviava cartas do front. Quando criança, meu marido

costumava visitá-la na fazenda em que ela morava desde jovem. Ele se lembra de ter tirado água do poço em um balde, lembra-se das árvores frutíferas e de seu enorme jardim, que produziam todos os produtos que ela conservava durante o inverno. Mesmo nos anos 70, quando seus netos e bisnetos vinham visitá-la, ela saía e torcia o pescoço de algumas galinhas para preparar o jantar e mandava as crianças para o jardim colher os feijões. Enquanto era uma jovem esposa, fazia pão de ló (sem a ajuda de uma batedeira — você consegue imaginar isso?) e levava à cidade para vender nos fins de semana e ganhar dinheiro. Quando nos sentamos com nossos filhos para assistir a um filme em uma noite de sexta-feira, deitamo-nos sob colchas que ela fez — mantas feitas de sacos de farinha, roupas velhas, o que quer que viesse à mão. Amo essas colchas porque contam a história de uma mulher para quem o *quilting* era uma realidade de vida, não uma coisa fofa que se fazia em retiros com as amigas. Essas colchas são absolutamente úteis e extremamente resistentes. Alguns dos quadrados de tecido foram cortados de camisas velhas — botões inclusos. Alguns dos quadrados são de lã, outros de algodão, e combinar cores não era objetivo. Essas colchas são a evidência de uma mulher determinada a manter sua família aquecida, e ela usou o que pôde para fazer isso acontecer.

Para uma mulher dessa geração, ser dona de casa era um trabalho enorme. Maciço. Fazer sua família sobreviver ao inverno era muito importante. Jardinagem, para uma mulher como ela, não era apenas um passatempo, era crucialmente essencial. Essas mulheres tinham que trabalhar como loucas se quisessem alimentar e vestir suas famílias. O trabalho não era apenas incrivelmente difícil, requeria habilidade, perseverança e criatividade. Também incluía a possibilidade de uma enorme satisfação em um trabalho bem feito ou de consequências devastadoras do fracasso. Envolvia riscos. Essas mulheres estavam jogando pôquer de alto risco e precisavam ser boas nisso.

Mas então veio a geração seguinte e, de repente, quase sem aviso, a vida ficou mais fácil. Conseguir chegar ao fim do inverno não era realmente um temor. Você não precisava encher seus armários com todos os frascos de produtos que enlatou; bastava ir até a loja para comprar algumas latas de feijão ou milho. Você quer jantar? Coloque alguma comida congelada no forno — não há necessidade de sair e perseguir uma galinha, muito menos de matar, depenar, estripar e cozinhar. Seu garotinho precisa de um casaco de inverno? Vá até a loja de departamentos e compre um para ele — não é necessário rasgar o casaco velho do seu marido e refazê-lo para uma criança. Problemas que levariam uma semana para que uma mulher da geração anterior resolvesse poderiam agora ser solucionados com um simples telefonema solicitando algo de um catálogo.

Em certo sentido, parece ser o paraíso das donas de casa! Sinceramente, como é possível que essa não seja uma notícia completamente fabulosa? Obviamente é, a maior parte dela. Mas, em outro sentido, pode-se notar como a possibilidade de satisfação no trabalho foi removida. Digamos que você fosse uma mulher que vivesse em uma fazenda na virada do século passado. Você tem muitos filhos e não muito dinheiro. O inverno está chegando, e você precisa alimentá-los durante toda a estação. Quando você começaria a fazer os preparativos? No exato minuto em que terminasse o último inverno, é aí que começa. Você então pega as sementes que guardou da colheita do ano passado, começa a semeá-las, planta em seu jardim (e não, não é possível alugar um motocultivador, portanto provavelmente será necessário remexer a terra com uma enxada ou usando um cavalo e um arado ou algo assim). E não se esqueça de que, se esse jardim for alimentar sua família, é melhor que seja vasto — jardinagem em contêineres bonitinhos ou interessantes jardins ornamentais dignos do Pinterest não seriam suficientes. Você cuida dele o verão inteiro e colhe. Você molha, seca, preserva. Estoca seu celeiro e,

esperançosamente, no meio do outono, poderá se distanciar um pouco e examinar os frutos de todo esse trabalho, agradecida por tudo ter dado certo e confiante com a certeza de que providenciou para sua família aquilo de que precisam. Agora compare esse sentimento com comprar uma lata de feijão na loja e sentir-se feliz por ter se lembrado de fazê-lo, de forma que haverá algo saudável nos pratos dos seus filhos hoje à noite. É muito mais fácil, sim... mas não é o mesmo em termos de satisfação por um trabalho bem feito.

Todas as expectativas culturais para as mulheres — expectativas que as mulheres tinham para si mesmas — de repente tornam-se facilmente atingíveis. Tornou-se simples colocar o jantar na mesa, gerenciar a casa, vestir a família. O trabalho outrora habilidoso das mulheres foi subitamente substituído por utensílios domésticos e pela acessibilidade a bens produzidos em massa. Não é à toa que as mulheres se sentiram dispensadas. O que a princípio deve ter parecido com um paraíso na terra deve logo ter se tornado entediante. Se você já leu algum conselho para donas de casa dos anos 50, é tão vazio, superficial e insípido que não é de se admirar que fossem infelizes. *A dona de casa ideal deve garantir que a casa esteja silenciosa e arrumada antes que o marido retorne. A dona de casa ideal deve pôr o jantar na mesa quando ele chegar. A dona de casa ideal deve passar um pano sobre as mesas antes que o marido entre pela porta. A dona de casa ideal deve cuidar para que seus cabelos estejam penteados antes que ele chegue.* Sério? É isso? A *dificuldade* do trabalho havia sido resolvida por meio de melhorias no padrão de vida, então não havia muito o que fazer, exceto ficar por perto, certificando-se de que não houvesse poeira em nada. Entende-se por que, no final dos anos 50, as mulheres tinham a sensação de que o trabalho era humilhante — mas não consigo imaginar a bisavó Hawkins tendo essa sensação a respeito de seu trabalho. Difícil sim, mas humilhante? Ela trabalhava lado a lado com o marido, talhando uma vida para si e seus filhos a partir de uma região selvagem ainda não

domesticada no novo Estado de Idaho. “Humilhante” não é a palavra para a vida que ela viveu, e você *sabe* que mulheres como ela eram mulheres que inspiravam o respeito de seus maridos, filhos e de todos os homens que as conheciam. Mas uma mulher nos anos 50 que supostamente deveria apenas ficar em casa, manter o cabelo bonito, jogar cartas, colocar o jantar no forno na hora certa e lembrar-se de ser encantadora no instante em que o marido entrasse pela porta de casa vindo de sua missão de fazer grandes coisas importantes lá fora no mundo — “humilhante” está bem certo.

Percebo perfeitamente que estou pintando com pinceladas muito amplas aqui. Há um milhão de outros fatores que contribuíram para a situação, alguns começando no Iluminismo do século 18, outros voltando até o Jardim do Éden. E eu mal aponte o fator óbvio que foi a Segunda Guerra Mundial, o retorno das tropas e os efeitos psicológicos que a guerra teve tanto em homens quanto em mulheres. Admito isso alegremente. Todos esses foram ingredientes importantes, mas eu diria que a prosperidade dos anos 50 e a facilidade de vida subsequente foram uma causa direta da falta de propósito que todas as mulheres pareciam estar sentindo. Isso também explica por que Friedan propôs a solução que apresentou. As mulheres estavam descontentes por não serem desafiadas, por isso faz sentido que ela pensasse que o problema seria solucionado por meio de um trabalho mais desafiador, que estava disponível fora de casa. Ela achava que se fosse oferecido às mulheres algo maior para encarar, então elas encontrariam a satisfação que procuravam. Estou seguindo a lógica. Na verdade, solidarizo-me genuinamente com toda a situação.

DESCULPANDO O TÉDIO

Mas não é porque compreendo e me solidarizo com as mulheres que se sentiam entediadas e pouco desafiadas que eu pense que seja justificável. Suponhamos que um homem genuinamente talentoso se empenhe em seu trabalho e, subsequentemente, aos 23 anos, enriqueça rapidamente em seus negócios. Ele decide parar enquanto está ganhando, aposenta-se com uma gorda conta bancária e, então, passa o resto de seus dias jogando videogame. Consigo entender como isso poderia ser emocionante de início, mas rapidamente tudo deixaria de ser novidade, e logo ele se sentiria superentediado e pouco desafiado. Por outro lado, a culpa disso não é de ninguém, só dele mesmo. Não estou sugerindo que as mulheres não tivessem culpa ou que fosse inevitável que a história acontecesse dessa forma. Certamente não estou sugerindo que fosse culpa da tecnologia, ou dos bens produzidos em massa, ou do capitalismo, ou da prosperidade geral do país. A quem muito é dado, muito é exigido. As mulheres haviam acabado de receber uma bênção grandiosa — algo muito, muito além do que qualquer mulher já havia recebido em qualquer século, em qualquer cultura do mundo. Mas, em vez de profunda gratidão, começaram a reclamar. Em vez de usar essas bênçãos para elevar o nível e alcançar mais do que qualquer mulher já havia alcançado antes delas, começaram a reclamar — basicamente fazendo sua própria encenação dos israelitas no deserto.

Quando você lê essa história, você se pergunta como os israelitas foram capazes de ser tão mesquinhos e absortos em si mesmos? Eles estavam recebendo maná do céu todos os dias. Maná. Estou falando sério — pão do céu? Quem ganha isso? Ninguém ganha isso! Quantas pessoas morreram de fome nos desertos desde o início dos tempos, e nenhum maná

jamais caiu sobre elas? E, no entanto, os israelitas foram poupados. Eles receberam algo espetacular, sem precedentes e completamente milagroso. Mas quanto tempo levou até que começassem a reclamar? “Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos. Agora, porém, seca-se a nossa alma, e nenhuma coisa vemos senão este maná” (Nm 11:4-6). Eles receberam algo surpreendentemente incrível e ficaram entediados com isso. Reclames entediados.

Temos a tendência de pensar no tédio e na reclamação como ofensas mínimas de pequena escala que esporadicamente acontecem conosco, como os resfriados. Às vezes, ficamos com um mau humor. Às vezes, ficamos entediadas e cansadas de tudo e começamos a sentir pena de nós mesmas. Às vezes, viramos reclamonas. Quando ficamos assim, queremos que as pessoas nos ofereçam suporte e apoio, e, quando outros ficam assim, pensamos que devemos abraçá-los, ouvir suas dificuldades e solidarizarmo-nos. Mas, na história dos israelitas, o tédio não foi sem importância. Eles queriam carne, então Deus deixou cair quantidades absurdas de carne sobre eles. Quantidades verdadeiramente absurdas. Codornizes vieram voando do mar e, em seguida, caíram e morreram ao redor do acampamento. Codornizes mortas foram empilhadas até a altura da cintura por quinze quilômetros em todas as direções. Deus despejou a carne que eles exigiam, dizendo que a comeriam até que saísse por suas narinas, e, em seguida, atingiu-os com uma grande praga enquanto a carne ainda estava entre seus dentes, e as pessoas morreram. Tornar-se reclamona e ficar entediada com as bênçãos de Deus não é sem importância, e, às vezes, quando exigimos mais de Deus, ele nos dá, e nós engasgamos.

As mulheres entediadas dos Estados Unidos nos anos 60 exigiram mais. “Os egípcios comem pepinos, e nós não, isso é injusto, estão acabando com nossas vidas! Os homens

conseguem avançar nos cargos corporativos, e nós não, isso é injusto, estão acabando com nossas vidas! Exigimos o direito de comer carne! Exigimos o direito de deixar nossos filhos para trás!”. Deus deu aos israelitas o que eles pediram, mas isso não foi uma bênção para eles — eles morreram com ela ainda na boca. A *verdadeira* bênção que Deus havia lhes dado era exatamente aquilo com o que estavam entediados e do que haviam se afastado, e, nos anos 60, a prosperidade que Deus derramou sobre as mulheres foi a bênção da qual elas se cansaram e se afastaram. As mulheres do nosso país exigiram carne, e Deus a deu para nós não como uma bênção — penso eu —, mas como uma maldição.

Uma reclamação barulhenta e exigente tem sido, na verdade, uma das características marcantes do movimento feminista desde o início, e as próprias feministas não apenas se reconheceriam nessa descrição (embora eu tenha certeza de que prefeririam a palavra *iradas* a *reclamonas*), mas também ficariam orgulhosas de tê-la. As feministas da primeira onda ficaram conhecidas por seus protestos militantes e, de fato, a palavra *sufragista* foi cunhada de início aparentemente por causa de algumas de suas táticas políticas, como greves de fome, que haviam aprendido com os russos¹⁹ e que resultaram em mulheres sendo alimentadas à força nas prisões. (A alegre Sra. Banks, de *Mary Poppins*, dançando e cantando “Irmã Sufragista” talvez não seja o quadro histórico mais confiável). As feministas da segunda onda abraçaram conscientemente a ira, e “exigir” seus direitos é um de seus movimentos de marca registrada; quanto mais barulhento, melhor. “Eu sou mulher, ouça-me rugir”²⁰ e tudo mais. Por si só, isso deveria ser suficiente para causar preocupação às mulheres cristãs pensantes. Sempre que alguém começa a fazer exigências ao universo sobre o que lhe é devido, devemos suspeitar. Isso está fundamentalmente em desacordo com o ensino bíblico sobre o que seria uma resposta obediente (e eficaz) à injustiça. Cristo não nos disse

que, quando alguém pega o nosso casaco, devemos exigir aos berros que o devolva imediatamente. Ele não nos instou a dar cotoveladas quando alguém tenta se sentar no lugar mais importante. Quando somos ultrajadas, ele não nos disse para fazermos cartazes e piquetes de greve. Quando somos atingidas, não somos instruídas a revidar com mais força. Quando Paulo foi preso indevidamente, ele não começou a organizar um motim na prisão ou, no caso, entrou em greve de fome. E, no entanto, exigir agressivamente que todos deem às mulheres o que nos é devido tem sido toda a estratégia de campanha do movimento feminista desde o primeiro dia.

Observe que não estou afirmando que o problema que provocou a resposta feminista fosse insignificante de forma alguma. Realmente acredito que as expectativas culturais em relação às mulheres fossem extremamente problemáticas nos anos 50. Mas lidar com isso de forma obediente teria sido muito, muito diferente da gritaria das feministas. As mulheres nos anos 50 não estavam sendo ativamente oprimidas como, por exemplo, mulheres nas culturas muçulmanas costumam ser. Estavam, no entanto, sofrendo a suave opressão de não serem consideradas capazes de algo muito impressionante, desafiador ou importante. As donas de casa dos anos 50 deveriam manter a casa arrumada, manter as crianças arrumadas, manter-se arrumadas — e acho que era basicamente isso. Friedan citou um artigo do *New York Times* de 1960 a respeito disso: “No ano passado, o problema da dona de casa instruída foi o tema principal de dezenas de discursos feitos por presidentes aflitos de faculdades para mulheres que mantêm, diante das reclamações, que dezesseis anos de treinamento acadêmico são uma preparação realista para ser esposa e mãe”.²¹ A imagem de 1950 de uma dona de casa ideal era aquela em que o intelecto não desempenhava nenhum papel significativo. Essa é realmente uma posição sufocante, mas se as mulheres quisessem mudar isso, poderiam tê-lo feito, decidindo de fato realizar coisas

impressionantes, desafiadoras e importantes. Havia liberdade suficiente para isso, se elas quisessem seguir esse caminho. Se tivessem recebido o que lhes fora dado e obtido ganho com isso, a conclusão teria sido óbvia para todos. Poderiam ter *conquistado* o respeito que ansiavam, mas, em vez disso, começaram a *exigi-lo* no grito.

Uma das razões pelas quais as feministas seguiram o caminho que tomaram (o de exigir respeito ao invés de decidir conquistá-lo) foi que elas acreditavam, juntamente com Friedan, que o lar simplesmente não oferecia espaço para nada. O que havia lá além de trocar fraldas e tirar poeira? Elas já haviam feito tudo isso, e não havia nada na esfera doméstica que pudesse lhes dar a dignidade, propósito e satisfação que cobiçavam. Se fossem fazer algo para ganhar respeito, teria que ser “lá fora”, em algum lugar. E se fossem fazer isso “lá fora”, teriam que gritar, marchar, cantar e bater por dentro de suas portas da frente até que alguém as deixasse sair para o mundo corporativo, onde poderiam competir com os homens e provar seu valor.

As mulheres dos anos 50 realmente precisavam ser emancipadas, isso é indiscutível. As feministas acreditavam que as mulheres precisavam de emancipação de sua domesticidade e maternidade, mas após muito trabalho diligente nesse sentido, parece ser um beco sem saída. As mulheres ainda estão infelizes, e a solução proposta por Friedan acabou sendo um fracasso. As mulheres precisam de emancipação agora mais do que nunca.

Friedan foi o sopro que fez as brasas minguantes do feminismo se transformarem novamente em chamas ardentes, as quais conhecemos como segunda onda feminista, mas ela certamente não foi a única participante do movimento. Entre outras, uma feminista radical popularmente conhecida foi Gloria Steinem, fundadora da revista *Ms.* e defensora declarada do aborto. Ela mesma fez um aborto em Londres em 1956 e, em 1969, participou de uma discussão sobre aborto no porão de uma igreja em Nova Iorque — ela atribui a

essa ocasião o crédito do momento em que se tornou uma feminista ativa. De fato, grande parte de sua agenda era pegar a ideia de uma fala sobre o aborto, arrastá-la para fora do porão à luz do dia e atirá-la em praça pública, onde todos teriam que encará-la. Na primeira edição da revista *Ms.*, publicada em 1972, apresentaram uma declaração chamada “Fizemos Abortos”, assinada por cinquenta e três mulheres conhecidas, embora o aborto ainda fosse ilegal. Sua campanha sempre foi a de remover o estigma associado ao aborto, e era famosa por dizer coisas como: “Se os homens pudessem engravidar, o aborto seria um sacramento”.²² Em 1973, um ano após a fundação da revista *Ms.*, a Suprema Corte proferiu sua decisão sobre o caso *Roe contra Wade*. O aborto tornou-se legal nos Estados Unidos, e mais um ponto foi somado ao placar das feministas. Embora o aborto tenha sido legal nos Estados Unidos pelos últimos quarenta anos e tenha se tornado extremamente comum, Steinem ainda está trabalhando para torná-lo cada vez mais normal. Em 2006, a *Ms.* relançou sua declaração “Fizemos Abortos” e pediu a todas as suas leitoras que assinassem. Steinem não quer apenas que o aborto seja legal, ela quer que seja normal, aceito e sadio.

Acho interessante observar as datas e cronologias dessas feministas notáveis. Na época de Jane Austen, tivemos Mary Wollstonecraft, e ela morreu jovem após dar à luz sua filha, Mary Shelley. Quando Mary Shelley tinha vinte e três anos, Susan B. Anthony nasceu. Na verdade, suas vidas coincidiram por trinta e um anos. Quando Anthony tinha cinquenta e nove anos, Margaret Sanger nasceu, e suas vidas coincidiram por vinte e sete anos. Quando Sanger tinha cinquenta e cinco anos, Gloria Steinem nasceu — suas vidas coincidiram por trinta e dois anos — e Steinem está viva hoje. Susan B. Anthony nasceu em 1820, há quase duzentos anos, e, em certo sentido, é bastante tempo. Por outro lado, quando ela morreu, Margaret Sanger já estava bem engajada em seu

ativismo. E quando Sanger morreu, Steinem já estava lá pelos seus trinta. Ainda hoje, Steinem é uma força reconhecida nesse debate. Três mulheres americanas que poderiam facilmente ter se conhecido, que, por meio de um esforço contínuo e focado, conseguiram virar completamente a nação de cabeça para baixo. Três mulheres, três emendas constitucionais e um caso da Suprema Corte, cada um dos quais mudou completamente a face do país. Abolição da escravidão, Proibição do Alcool, Sufrágio, Aborto — nenhum desses foi uma mudança insignificante.

Mas o que essas questões têm em comum? Ao olharmos para as coisas pelas quais as feministas lutaram, algumas delas parecem definitivamente boas... mas se elas estavam lutando por coisas boas — e ganhando — o que aconteceu de errado com nosso país, e por que estamos nessa bagunça? Agora estamos no meio da terceira onda feminista (pelo menos na maioria das contas), e, até onde vejo, ninguém sabe exatamente o que isso quer dizer. Há muitas mulheres iradas que desejam fazer suas Cruzadas, mas sem uma causa clara pela qual lutar, uma vez que todos os objetivos principais foram alcançados. Geralmente, há muita desordem e falta de ímpeto, com feministas correndo em círculos, esbarrando umas nas outras e entrando em questões como a luta por banheiros transgêneros e ficando confusas com qual seria a diferença entre feminismo e direitos dos gays. Mas, apesar do fato de não parecerem saber o que estão fazendo, ainda estão causando muitos danos ao que restou da moral de nossa nação. Enquanto as feministas da segunda onda se opunham a coisas como pornografia e prostituição por causa do fato óbvio de que exploram mulheres, as feministas da terceira onda são mais propensas a aprovar essas coisas. Como podemos elucidar isso? Como é possível ligar os pontos entre “A escravidão deve ser ilegal”, “As mulheres devem votar”, “O álcool deve ser ilegal”, “O controle da natalidade deve ser legal”, “O aborto deve ser legal” e “Eu deveria poder entrar em qualquer banheiro que eu quisesse e me identificar com

qualquer gênero que eu prefira”? Alguns dessa lista parecem bons, outros parecem perversos, outros parecem completamente fora do ponto. E, no entanto, por qualquer que seja a razão, essas causas estão conectadas historicamente, e o fato de muitas vezes as feministas terem lutado contra males legítimos faz com que cristãs se confundam e se perguntem se deveríamos ser feministas afinal.

No entanto, esse é um desses casos em que é de vital importância pensar como adulto e não como criança. Imagine uma dessas discussões que ocorrem no banco traseiro do carro em que o irmão diz: “Todas as garotas são estúpidas”, e a réplica da irmã diz: “Ã-ã! *Nenhuma* garota é estúpida! Mãe! Diz pra ele que nenhuma garota é estúpida!”. O fato de estarem se contradizendo não significa que estejam tendo uma discussão inteligente. E enquanto pensamos sobre essa questão, é importante conseguirmos ir além desse nível de interação e análise.

Então, vamos relembrar as questões pelas quais as principais feministas lutaram:

1. Mary Wollstonecraft contestou o argumento de Rousseau de que as mulheres não deveriam ser educadas. Assim como eu.
2. Susan B. Anthony pensava que a escravidão é um mal social. Assim como eu.
3. Susan B. Anthony pensava que maridos e pais bêbados são um mal social. Assim como eu.
4. Susan B. Anthony pensava que as mulheres deveriam ter direitos plenos de cidadãs. Assim como eu.
5. Margaret Sanger pensava que mulheres morrendo de abortos de fundo de quintal eram um mal social. Assim como eu.
6. Betty Friedan pensava que a superficialidade da dona de casa ideal nos anos 50 era um mal social. Assim como eu.

7. Gloria Steinem pensa que a pornografia é um mal social. Assim como eu.

Vou me chamar de feminista então? Não por todo o mundo!

E aqui está o porquê. É importante identificar contra *o que* lutar — mas é igualmente importante saber *por que* lutar e *como* lutar. Deixe-me ilustrar com a questão do aborto. Sou contra o aborto e penso que deveria ser ilegal. Isso significa que eu concorde com todos os que se opõem ao aborto? Absolutamente não. Por exemplo, eu seria contra um homem que quisesse bombardear clínicas de aborto e assassinar médicos abortistas. Podemos estar de acordo contra *o que* lutar — mas estamos em lados opostos quando se trata de *como* lutar. E a questão de *como* é importante o suficiente para que eu nunca queira me identificar com esse homem. Nesse caso, *como* supera o *quê*. Se bombardeássemos todas as clínicas de aborto do país e efetivamente eliminássemos todos os abortos dessa maneira, ainda seríamos um país de assassinos. É por isso que uma concordância superficial acerca de várias questões pode ser tão prejudicial a longo prazo — a concordância superficial está ocultando o fato de que *não há realmente nenhuma concordância*.

A questão do *porquê* pode ser igualmente importante porque revela as premissas fundamentais — e essas premissas são sempre motivadoras de outras questões e não apenas da que está sendo discutida no momento. Então, eu concordo com Wollstonecraft que as mulheres devem receber educação? Absolutamente. Mas sou fundamentalmente contra ela quando se trata da questão do *porquê*. A maneira como ela responderia a essa pergunta também revelaria *por que* ela era socialista, *por que* ela acreditava no amor livre, *por que* ela apoiava a Revolução Francesa — e, enquanto isso, a maneira como eu responderia à pergunta do *porquê* revelaria que sou cristã.

As perguntas *como* e *por que* são importantes porque revelam a *trajetória* da ideia, enquanto a pergunta *o que* é

estática. Se você estivesse indo viajar e precisasse pegar um avião para chegar ao destino, você não iria ao aeroporto, perguntaria a si mesma: “O que é isso? Isso é um avião?” e, se a resposta fosse sim, embarcaria nele. *Para onde* o avião está indo é importante. Se você embarcar no avião errado, o fato de ter respondido corretamente à pergunta *o que* não agirá em seu favor. Porque você acertou a resposta, mas não pensou na direção em que o avião estava indo, é o motivo de você estar agora encalhada na Islândia. Se você de fato respondesse erradamente ao *o que* e embarcasse em um carrinho de bagagem em vez de em um avião, as consequências teriam sido muito menos dramáticas.

A trajetória é importante, e a trajetória do movimento feminista tem se oposto ao cristianismo desde o primeiro dia. Precisamos superar o fato de que às vezes concordamos com feministas nesta ou naquela questão. Só porque ocasionalmente concordamos com *o que* não significa que alguma vez concordamos com o *como* ou o *porquê*. E essas são questões profundamente importantes, porque geralmente revelam algo ao qual nos oporíamos de todo o coração em todos os níveis. Não basta olhar para trás na História, para pessoas como Susan B. Anthony, perguntar pelo *que* ela estava lutando e, então, assinar embaixo de suas causas e presumir que ela era uma heroína. O *como* e o *porquê* importam, e, desde o início, as feministas responderam a essas perguntas diferentemente de como qualquer mulher cristã deveria. Entre as líderes feministas que examinamos, cada uma delas não era apenas uma descrente comum que nunca havia pensado sobre religião em qualquer grau — cada uma delas era filosoficamente *contrária* ao cristianismo, e esse não é um detalhe irrelevante. Todas eram mulheres inteligentes e todas entenderam as implicações de suas posições. Eles haviam pensado sobre essas questões. E as cristãs que foram enganadas por isso, as cristãs que pensaram nessas questões de uma maneira vergonhosamente superficial, são a razão pela qual estamos nessa corrida de

demolição que é nosso país agora. A causa feminista tem avançado nos últimos dois séculos em grande parte por meio dos esforços diligentes de cristãs sinceras, mas confusas, que nunca se preocuparam em perguntar *como* e *por que*, e acabaram embarcando de qualquer maneira — e agora estão confusas com todas as consequências que não sabem de onde surgiram. Elas estiveram jogando basquete diligentemente e nunca notaram que estavam atirando na cesta errada — elas ainda não conseguem entender por que o placar não está melhorando.

Se quisermos salvar alguma coisa desse naufrágio, precisamos voltar ao início e fazer algumas perguntas básicas, tendo o cuidado de pensar sobre elas como adultos. Precisamos abandonar algumas de nossas ideias preconcebidas e algumas de nossas bagagens culturais e tentar analisar essas questões como mulheres cristãs inteligentes, mulheres que estejam dispostas a questionar honestamente algumas coisas que talvez tenhamos sempre considerado como verdadeiras.

Essa é a questão, não é? Para o que fomos feitas? Qual é o nosso papel? Certamente essa é a pergunta mais básica. Deus nos criou para fazer o quê? Estamos nadando *a favor* ou *contra* a corrente em nossas atividades diárias?

Todas nós sabemos como é frustrante usar a ferramenta errada para um serviço. Quando meu marido estava fazendo seu doutorado, mudamo-nos para o outro lado do oceano, para Oxford, Inglaterra, com cinco crianças pequenas e apenas o que coube em nossas malas. Não é necessário dizer que houve algumas faltas quando nos instalamos em nossa nova casa. Por exemplo, um abridor de latas. Eu havia levado uma faca de cozinha na mala e estava me sentindo muito satisfeita comigo mesma por estar tão preparada, mas não pensei em levar um abridor de latas. E, assim, quando fiz compras pela primeira vez, esqueci desse detalhe importante e cheguei em casa com um monte de latas de atum para o

almoço das crianças, devido à triste escassez de manteiga de amendoim nos supermercados ingleses. Você pode imaginar a cena: eu retalhando uma lata de atum com uma faca, fazendo uma nojeira completa, com pouco ou nenhum progresso no problema real, e, de forma geral, colocando em risco a vida de todos em um raio de dois metros. E, é claro, uma vez que icei a tampa da lata o suficiente para escorrer o atum pela abertura, tive que fazê-lo novamente repetidas vezes, pois cinco crianças famintas exigem muito mais do que uma mísera lata. No fim, a ferramenta funcionou, mas muito mal. Não foi para isso que foi projetada ou para o que é adequada. Eu seria igualmente contrária a tentar fatiar tomates com um abridor de latas.

O projeto é importante. A intenção de quem projetou é importante. E nós, mulheres, como criaturas de Deus, somos *projetadas* por ele para desempenhar um papel específico. Quantas mulheres estão por aí vivendo vidas frustradas e impraticáveis porque estão tentando ser abridores de lata quando Deus, na realidade, projetou-as para serem facas?

Então, fomos projetadas para ser o quê? Quais são os problemas para os quais somos a solução? Até mesmo fazer essa pergunta é separar-se da tendência do pensamento atual e do feminismo histórico, porque, é claro, em um universo sem Deus, não fomos *projetadas* para nada. Em um mundo evolutivo, eventualmente seríamos capazes de nos acomodarmos a qualquer situação em que nos encontrássemos. Talvez, finalmente, a espécie feminina produzisse penas, talvez produzíssemos carreiras. Nós nos adaptariamos. Mudariamos. Tornaríamos-nos. Poderíamos ser o que quiséssemos, como um número incontável de filmes da Disney, músicas pop, comerciais de TV e a Oprah nos dizem há décadas. Em um mundo evolutivo, isso pode ser verdade, mas, novamente, nós não vivemos nesse mundo. Vivemos em um mundo que Deus projetou, com propósito, e ele tinha certas coisas em mente ao fazê-lo. Não somos todos exatamente iguais, não. E podemos crescer, amadurecer e

mudar, com certeza. Mas não podemos ultrapassar os limites fixos que ele incorporou em nossa natureza. Assim como os criadores de animais sabem, pode-se alterar uma espécie somente até um certo ponto, além do qual não é mais possível. Não se pode fazer galinhas crescerem indefinidamente. Cedo ou tarde, elas são tão grandes quanto podem ser, como se houvesse algum limite interno fixo para quanta variação a espécie consegue suportar. O mesmo vale para as plantas. Você pode aumentar um pouco os tomates, sim, mas não pode deixá-los do tamanho de um Fusca. Em determinado momento, não importa mais a experiência do criador, e o projeto simplesmente para de funcionar.

E, se Deus projetou as mulheres para um propósito específico, se há limites fixos na natureza feminina, então, certamente, quando estivermos vivendo de acordo com esses limites e propósitos, estaremos em nosso lugar ideal. É aí que brilharemos. Onde teremos excelência. E onde encontraremos mais realização.

Se os seus cabelos já estão se arrepiando por ler isso, provavelmente é porque você tem receio de que, no fim das contas, aquilo para o que Deus a projetou seja desinteressante, insatisfatório, humilhante e monótono em geral. Você já está imaginando uma casa de cores tristes em um bairro residencial, uma minivan e as longas tardes entediadas com apenas o fogão esperando por você. Mas pare e pense por um segundo. O que sabemos sobre Deus? Ele tem interesse em criaturas monótonas, subestimadas e subutilizadas? Ora, tenha dó! Ele é o Deus que criou o tigre. A águia. O sol. A palmeira. Por que, então, quando chegou à humanidade, ele decidiu repentinamente que queria concluir tudo com uma criatura que não tivesse permissão para viver todo o seu potencial e que tivesse que funcionar em apenas 10% de sua capacidade, sem permissão para passar da primeira marcha? Acho que estamos seguras quanto a isso. Tenho certeza de que descobriremos que aquilo para o que Deus nos criou é muito mais deslumbrante, alucinante,

assustador e glorioso do que queremos assumir, e duvido que qualquer uma de nós, caso lancemo-nos às funções que ele define para nós, ficará entediada. Portanto, remova de sua mente todos os estereótipos de donas de casa de meados do século, de feminilidade de boneca de porcelana, de damas vitorianas desfalecendo, de mulheres sem permissão para pensarem por si mesmas ou conversar com os homens sobre algo interessante ou importante. Deixe tudo isso de lado, quer sejam coisas que façam você engasgar, quer coisas que você considere bem divertidas. Abandone tudo isso, e vamos apenas trabalhar com a questão de *para o que* Deus fez as mulheres.

19 Kevin Grant, “British Suffragettes and the Russian Method of Hunger Strike,” *Comparative Studies in Society and History* 53.1 (Janeiro 2011), p. 113-143.

20 Verso da canção “I am Woman”, de Helen Reddy, hit dos anos 70. [N.T.]

21 Friedan, *Feminine Mystique*, 50-1. O artigo do *New York Times* foi publicado em 28 de junho de 1960.

22 Steinem não cunhou essa frase, mas a tornou famosa. Ela dá o crédito da frase a uma taxista idosa.



P A R T E III

*Para o que as
Mulheres são
Projetadas?*

8

SUJEITAR

O primeiro e mais óbvio propósito para o qual Deus nos criou foi *trabalhar*. Muito. No Jardim do Éden, antes que houvesse pecado, antes que houvesse morte, antes que houvesse lágrimas, havia trabalho. O trabalho não é, de fato, um inimigo ou resultado da queda — era parte do mundo “bom” que Deus havia criado. Quando Deus criou Adão, ele lhe deu uma tarefa. Não apenas isso, era uma tarefa maior do que qualquer outra que já tenha sido dada a qualquer outro humano. O primeiro homem recebeu um planeta selvagem e vazio, e lhe foi dito para *sujeitá-lo* (Gn 1:28). Era uma tarefa muito difícil, obviamente, e um trabalho grande demais para Adão realizar sozinho — tanto era assim que, enquanto criatura com um papel a desempenhar, ele era insuficiente. De fato, tudo o que Deus havia criado até Adão havia sido declarado “bom”. Deus criou a luz, e era boa. Ele criou o sol e a lua, e eram bons. Criou o mar e a terra, e eram bons. Criou as árvores e as plantas, e eram boas. Criou os animais, e eram bons. Criou o homem, e, de repente... não era bom. *Não era bom* que o homem estivesse sozinho — ele precisava de uma auxiliadora. E já sabemos com o que ele precisava de ajuda — havia sido lhe dada a tarefa de domar um planeta inteiro. Portanto, o primeiro ponto que devemos observar sobre a criação de Eva é que ela foi criada especificamente para auxiliar Adão em seu trabalho, pois ele era insuficiente para a tarefa de dominar um mundo sozinho. Quando Deus criou a primeira e perfeita mulher, criou uma *trabalhadora* destinada a ficar ao lado de Adão, enquanto os dois juntos tomavam o domínio da terra.

Quando as feministas dos anos 60 estavam ávidas para sair e trabalhar, estavam fazendo isso porque foi para isso que Deus nos criou. Deus não olhou para Adão no jardim e disse:

“Não é bom que o homem esteja só, ele precisa de algo bonito para ficar olhando”. A noção idealizada dos anos 50 de uma mulher que existe apenas para parecer bonita e fazer a casa parecer bonita é uma revolta contra a ordem da criação tanto quanto a agenda feminista radical — é apenas uma revolta contra uma parte diferente. O ideal vitoriano de uma mulher terna e delicada que está sempre a perder o fôlego, incapaz de sujar suas mãos suavemente brancas como o lírio é um ideal *rebelde*, que esquece para o que Eva foi criada.

Deus não criou mulheres para descansarem em poses pitorescas, ocasionalmente bordando um lenço. Para mim, é interessante que, historicamente, os momentos em que a prosperidade da cultura ocidental transformou as mulheres em objetos meramente decorativos foram aqueles que acabaram sendo prelúdios do feminismo. O ideal feminino vitoriano, da boneca de porcelana bela porém indefesa, veio logo no encalço do gigantesco aumento no padrão de vida resultado da Revolução Industrial. A história que se desenrolou nos anos 50 e 60 foi, na verdade, uma história que já havíamos visto anteriormente. A Revolução Industrial nos Estados Unidos havia produzido uma enorme melhoria na qualidade de vida, e o ideal feminino acabou sendo reduzido ao de meramente ornamental.

No entanto, como vimos, isso durou apenas um instante, e, então, as mulheres se revoltaram, e vimos o nascimento das sufragistas, das melindrosas, da “mulher moderna”. Após a Segunda Guerra Mundial e a subsequente era de facilidade e prosperidade, as mulheres estavam retrocedendo mais uma vez ao meramente decorativo, e então fomos tratadas com os anos 60. Acredito que isso ocorra porque não é possível levar, de forma eficaz, o trabalho real, verdadeiro e árduo para longe das mulheres. Isso vai diretamente contra o nosso projeto e, mais cedo ou mais tarde, tudo sairá pela culatra. Imagine se você pegasse um cavalo de corrida e tentasse tratá-lo como se fosse um dos *Meus Queridos Pôneis*. Você ia querer que ele ficasse no seu quintal o dia inteiro, bem arrumadinho,

mastigando grama e, em geral, apenas sendo dócil, enquanto você trança a crina e amarra fitas brilhantes em sua cauda. Cedo ou tarde, a realidade se manifestará. Um cavalo de corrida não pode ser preso assim. Até os animais ficam genuinamente deprimidos sob tais circunstâncias, e como eles lidarão com essa depressão é um tiro no escuro. Talvez o cavalo fique agressivo, talvez fuja, talvez derrube sua treliça de rosas e morda as pessoas. Mas nada disso deve ser um choque. Você não pode tratar um cavalo de corrida como uma boneca e esperar que o melhor aconteça. Você não pode usar uma faca como abridor de latas e esperar resultados maravilhosos.

E as mulheres foram criadas por Deus para correr. Para assumir responsabilidades. Para trabalhar loucamente. Acho que é por isso que as mulheres podem ser incrivelmente bem-sucedidas no mundo corporativo — porque, ao contrário das crenças dos tradicionalistas que pensam que “parte mais frágil” significa que as mulheres são sensíveis demais para fazer coisas mais pesadas, as mulheres são, na realidade, capazes de se matar por outros. Se uma mulher substitui de forma eficaz a família por uma carreira em suas prioridades pessoais, ela é capaz de se dedicar a isso em um grau quase absurdo. Isso não necessariamente a fará feliz, lembre-se. Se o cavalo de corrida descobrir como correr em círculos no quintal o dia inteiro repetidamente, ele estará lhe mostrando ser capaz de correr — mas, certamente, todos conseguirão ver que a configuração está totalmente errada. O cavalo estará gastando energia sem fazer verdadeiramente o que ama e aquilo para o que foi feito. Ele seria capaz de muito, muito mais se lhe fosse dado o escopo. As mulheres podem se lançar no mundo corporativo e podem fazer isso com grande comprometimento. Mas a configuração está errada. É como o cavalo correndo em pequenos círculos vez após vez. As mulheres seriam capazes de fazer muito, muito mais se lhes fosse dado o escopo.

Sei que este é um conceito completamente estranho. Contaram-nos que o mundo corporativo é o lugar onde há escopo. O mundo da carreira é o campo aberto no qual podemos correr — o mundo doméstico é que nos aprisiona. Fomos condicionadas a ver dessa maneira. Mas o contrário é realmente verdade. Ironicamente, há um mundo inteiro, aberto, esperando por nós, um mundo onde poderíamos verdadeiramente correr — mas as feministas não sabem onde ele está. Apesar de estarem fazendo uma campanha bem barulhenta por liberdade, na realidade, acabaram por nos levar a um beco sem saída bem tedioso.

9

ENCHER

A outra parte do Mandato Criacional dado a Adão em Gênesis era para *encher* a terra com a raça humana (Gênesis 1:28 novamente), e, obviamente, isso não era algo que ele pudesse fazer por conta própria, visto que um homem solitário é completamente impotente quanto a essa questão. Adão poderia ter tentado a vida inteira e não ter produzido um único novo humano, portanto, uma auxiliadora para essa parte da tarefa era claramente necessária. A mulher era a solução para esse problema.

No entanto, é importante notar que Eva foi providenciada para Adão como auxiliadora em *ambas* as tarefas — tanto para sujeitar a terra quanto para enchê-la —, não foi enviada apenas para a tarefa de encher. Eva não foi dada a Adão simplesmente porque ele, por si mesmo, não podia ter filhos. Ela estava lá para ajudar na enorme tarefa de domar o planeta, e outro *homem* não teria sido a resposta certa. As mulheres não estão aqui simplesmente como o aparato necessário pelo qual mais homens são introduzidos no mundo. Se Deus quisesse uma raça em que todos fossem masculinos, ele poderia ter feito uma. Ele criou mulheres, porque as mulheres são necessárias para *toda* a missão, não simplesmente porque Deus não conseguiu pensar em outra maneira de inserir mais homens no mundo para fazer o trabalho de verdade.

No entanto, dito isso, não deixe de notar que encher a terra *era* realmente parte do trabalho dado a Adão. É verdade que culturas do passado e alguns tradicionalistas agora são tentados a se revoltar contra mulheres envolvidas na parte “sujeitai” do mandato criacional. Porém, majoritariamente, esse não é o problema da nossa geração. As mulheres americanas estão em uma rebelião em grande escala contra a

parte “enchei” do Mandato Criacional, desde a Primeira Onda do feminismo. Elizabeth Cady Stanton, bem antes da Guerra Civil Americana, afirmava que uma mulher deveria ter controle sobre a gravidez. Ela se referiu a isso como “maternidade voluntária”. Margaret Sanger estendeu esse princípio ao controle de natalidade e ao aborto. Betty Friedan queria que abandonássemos nossa escravidão de nossa função “meramente biológica”, e essa tem sido a agenda do movimento feminista pelo decorrer de todo o século 20. O desejo de liberdade sexual sem seus resultados subsequentes e a demanda para que o controle de natalidade e aborto sejam tratados como direitos humanos básicos é rebelião contra um dos trabalhos fundamentais para o qual Eva foi criada.

Em um nível físico, mulheres são projetadas para ter bebês, e isso é tão terrivelmente óbvio que é quase embaraçoso. Tudo em nós é destinado à maternidade, desde ser sexualmente atraente aos homens até ser capaz de conceber, até ter a capacidade de tecer outro pequeno humano dentro de nós sem sequer tentar, até os seios que nutrem o bebê, até todos os instintos maternos que estão implementados em nós. Vivemos mensalmente com a realidade de nossa fertilidade. Essa não é uma parte *menor* do nosso projeto, esse é o nosso projeto. E, durante todo o último século, a agenda feminista tem tentado sistematicamente separar as mulheres de seu propósito criacional concernente a essa questão.

A ânsia de sair para o local de trabalho nunca foi o único objetivo — e o fato de as feministas falarem sobre sexo o tempo todo não é por acaso. Qual é o maior obstáculo para uma carreira? Estar impossibilitada por causa de filhos. E, a menos que as mulheres estejam dispostas a sacrificar sua sexualidade na busca de sua carreira e se tornarem freiras em serviço devoto à corporação, precisam lidar com o fato de que engravidarão. E é por isso que o movimento feminista, desde seu início, tem sempre falado sobre separar sexo e maternidade. A batalha agora foi tão completamente vencida que até mesmo muitos casais cristãos casados pensam no

controle de natalidade quase como um sacramento, e muitos tratam a ideia de bebês como um complemento opcional ao seu relacionamento. Vivemos em uma sociedade que despreza a fecundidade, tolerando-a apenas quando é uma espécie de decisão autoconsciente — um bebê adicionado como um pequeno adorno no topo de uma carreira de sucesso, como o pequeno floreio de salsinha ao lado do seu prato de jantar. Não realmente necessário, apenas decorativo e, definitivamente, não o objetivo da refeição.

Eva foi criada para auxiliar Adão nas duas tarefas — encher e sujeitar a terra. Mas, em algum momento do trajeto, nós nos atrapalhamos e começamos a ver essas duas tarefas como se fossem uma situação de ou isso ou aquilo. Você pode sujeitar ou pode encher. Você pode “trabalhar” ou pode ter bebês. Diferentes gerações, na memória recente, inclinaram-se para uma ou outra dessas tarefas, e, assim, a gangorra do que é considerado culturalmente aceitável para as mulheres cambaleou para cima e para baixo. Mas a verdade é que as mulheres foram criadas para *ambas*. Deus fez com que Eva fosse inatamente dotada e inclinada a fazer as duas tarefas. Se você tentar persuadir as mulheres, enquanto grupo, a não fazerem nada difícil, exceto ter filhos, elas serão miseravelmente infelizes. Se você tentar persuadir as mulheres, enquanto grupo, a trabalharem que nem cão, mas negarem seu papel de mães, elas serão miseravelmente infelizes.

AUXILIAR

Receio que seja bastante óbvio no relato da criação de Gênesis que Eva foi criada para auxiliar Adão, e não o contrário. O apóstolo Paulo também deixa bem claro esse ponto naquela passagem terrivelmente impopular de 1 Coríntios 11: “Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem” (v. 9). E isso, assim como a insinuação de que nós, mulheres, fomos criadas para ser mães, bate bem de frente com todas as nossas categorias culturalmente aceitáveis e politicamente corretas. Mesmo mulheres conservadoras podem se ressentir do fato de Eva ser relegada ao status de mera “ajudante”, e incomoda-nos que Paulo seja tão insensível a ponto de insistir nisso. Soa tão tipicamente masculino e tão ofensivamente alheio ao fato de que somos indivíduos capazes com dons, talentos e habilidades que não são *de forma alguma inferiores* aos dons, talentos e habilidades dos homens. Ser classificado como “ajudante” é tão depreciativo.

Receio, no entanto, que, neste ponto, a Escritura seja bem direta. Eva foi criada para auxiliar, não para ser a comandante. Adão não entrou em cena para ser seu colaborador, e ela não foi trazida para viver uma vida independente, realizando seus próprios sonhos enquanto Adão cuidava de seus negócios separadamente. Não nos traz benefício algum tentar pegar o significado claro da Escritura, revirá-lo de dentro para fora e depois colocá-lo de ponta-cabeça, como muitas feministas “cristãs” passaram seu tempo tentando fazer. (Uma observação à parte: para mim, é irônico que tantas vezes as mulheres tentem provar que devem ser pastoras e presbíteras — e a prova é que elas demonstram a todos serem completamente incapazes de ler o texto. Não é

exatamente o melhor caminho a seguir se quiserem ser levadas a sério como estudiosas da Bíblia).

No entanto, sempre há mais de uma maneira de interpretar mal um texto. As feministas lidam com o ensino dessa passagem tentando minimizá-lo e fingindo que nunca aconteceu, já outras *abraçam* aquilo que supõem que Paulo esteja ensinando, de uma maneira igualmente problemática.

O verdadeiro problema surge quando lemos “auxiliadora” e dizemos mentalmente “inferior”. Após fazer isso, você estará totalmente no caminho errado. Pode-se perceber como isso acontece, é claro. “Auxiliar” implica haver alguma *outra* pessoa no comando, e o auxiliador estar em um papel secundário. E ter uma pessoa escolhida para ser o “cabeça” (1Co. 11:3), leva-nos a supor que os responsáveis por colocar essa pessoa no comando devam pensar que essa pessoa é inerentemente melhor em certas coisas — provavelmente por isso foi escolhida para a tarefa. E, se ela é “melhor” em certas coisas, está implícito que quem não foi escolhido é “pior”. E “pior” obviamente quer dizer “inferior”. Passamos por essas etapas tão rapidamente que nem percebemos — dizemos “auxiliadora” e pensamos “inferior”, sem sequer notar as etapas intermediárias.

Algumas pessoas leem a Bíblia dessa maneira e, então, iram-se e tentam minimizá-la (feministas), outras a leem, dizendo “amém” ao que é, na verdade, um conceito errado propriamente seu (chauvinistas), mas, estranhamente, ambas estão cometendo o mesmo erro. Estão, igualmente, deixando de ver o significado do texto — apenas reagindo diferentemente em termos emocionais. Mas devemos nos certificar de que ambas estão no mesmo lado do campo quando se trata de como interpretam o texto. E essa interpretação está fundamentalmente equivocada. Em 1 Coríntios 11, Paulo está claramente apontando diferenças entre homens, mulheres e nossos papéis criacionais, e, para nós, modernos, isso por si só é suficiente para nos fazer imediatamente perguntar de que lado Paulo está. “Ele está do

lado dos homens ou das mulheres?”. Até mesmo reconhecer que duas coisas são distintas ou diferentes uma da outra nos faz instintivamente tentar lhes dar uma pontuação como se estivessem competindo entre si. Fazemos isso tão rapidamente que nem percebemos que *somos nós* que estamos trazendo essa sugestão para a passagem. Seria realmente impossível construir esse argumento e não citar Chesterton aqui:

Se eu puser o sol ao lado da lua,
E se eu puser a terra ao lado do mar,
E se eu puser a flor ao lado do fruto
E se eu puser a cidade ao lado do campo
E se eu puser o homem ao lado da mulher
Suponho que algum toloalaria
Sobre um ser melhor que o outro.²³

Observar que algo é fundamentalmente diferente de outro *não* é a mesma coisa que insinuar que um é melhor que o outro. Apesar de toda a matracagem de nossa cultura sobre “diversidade”, na realidade não somos muito bons em lidar com ela. Preferimos que tudo seja exatamente igual, porque é muito mais simples assim e não dá dor de cabeça. O feminismo se ressentia da mera sugestão de que as mulheres tenham um papel diferente do papel dos homens. E, quando Deus apresenta Eva a Adão como a peça complementar do quebra-cabeça que o torna completo, somos capazes de transformar isso em um insulto a todas as mulheres em todos os lugares do mundo — um insulto do qual nos ressentimos profundamente se formos simpáticos às ideias feministas ou um insulto que usamos para atacar mulheres se formos porquinhos chauvinistas.

²³ G.K. Chesterton, originalmente não publicado, porém reimpresso em Maisie Ward, Gilbert Keith Chesterton (New York: Sheed & Ward, 1943), p. 61.

GLORIFICAR

Então, o que essa passagem aparentemente insultuosa e terrivelmente problemática em 1 Coríntios 11 realmente ensina? Vamos ler os versículos de 3 a 12.

Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo. Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada. Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiarse ou raparse, cumpre-lhe usar véu. Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem. Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade. No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus.

Todo o conteúdo nessa passagem sobre cobrir a cabeça é realmente muito interessante e obviamente importante, mas de fato é um assunto para outro momento.²⁴ Concentremo-nos no que Paulo está nos dizendo sobre o relacionamento entre os gêneros de forma conceitual.

Primeiro, ele nos diz que o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça do homem é Cristo, e o cabeça de Cristo é Deus. Se você fizer uma leitura simplista, concordo que pode parecer um pouco ofensivo para as mulheres. Acredito que essa seja uma leitura bastante superficial do versículo (chegaremos a isso em um minuto), porém muitas feministas cristãs acadêmicas dedicaram anos de suas vidas e milhares de

páginas fazendo uma ginástica extraordinária com a gramática e o vocabulário desse versículo. Fazem inferências assustadoras no texto como se Paulo estivesse usando uma voz estranha ao dizê-lo — para nos mostrar que não deveríamos de fato acreditar nisso.²⁵ Ou viram-se do avesso tentando mostrar que a palavra grega *kephale* (“cabeça”) não significa realmente “cabeça”, o que entenderíamos se apenas tivéssemos feito mestrado em Suspensão da Descrença e Estudos Culturais de Corinto.

Deixe-me lhe apresentar uma metáfora um tanto mórbida. Imagine uma mulher que está sozinha em casa quando ouve alguém entrar pela porta da frente. Ela entra em pânico, acha que é um ladrão vindo para roubar, pilhar, estuprar e saquear, então pega a espingarda, corre para a sala e começa a disparar. Em seu pânico, sua mira é um tanto duvidosa, mas, como está segurando uma espingarda, consegue ferir fatalmente o homem que estava entrando. Acontece que, infelizmente, era o marido dela voltando do trabalho, e não realmente um ladrão. Agora, em certo sentido, ela estava lutando contra um inimigo irreal, pois o ladrão era uma invenção de sua imaginação, mas, ainda assim, houve uma vítima. Penso que o mesmo se aplica às nossas feministas cristãs resfolegantes, que atiram curiosidades gramaticais e culturais gregas aqui, ali e por toda parte, na tentativa de combater a egrégia potencial ofensa à feminilidade que é o apóstolo Paulo. O problema é que ele nunca foi isso, e se elas pudessem ter se acalmado por um minuto, poderiam ter notado isso também. Mas acalmar-se nunca foi o ponto forte delas — que parecem ter aprendido suas técnicas de pesquisa com cabras que desmaiam.²⁶ Em sua pressa de defender a feminilidade, *houve* uma vítima — mas o que está estendido frio e morto no chão não é o patriarcado. O que conseguiram matar foi a interação inteligente com o significado claro do texto.

Mas vamos voltar ao versículo 3 e observá-lo novamente. Paulo está nos dizendo que o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça do homem é Cristo, e o cabeça de Cristo é Deus. Após uma leitura superficial, pode muito bem parecer uma escala de importância, trazendo as mulheres no fim — o pequeno vagão de frenagem no final do trem, com todo mundo tendo alguém em quem mandar, exceto as mulheres. Mas *não pode* realmente significar isso, pode? A menos que desejemos cair em séria heresia. Porque nessa mesma formação, Deus é o cabeça de Cristo. Se parece que as mulheres são inferiores aos homens nessa passagem, isso implicaria dizer também que Cristo é inferior a Deus Pai? E essa é uma interpretação que iria de encontro a toda ortodoxia trinitariana e colocaria-nos no campo dos arianos. Portanto, a menos que você esteja pronta para se tornar uma Testemunha de Jeová e negar a divindade de Jesus, é *impossível* que este versículo trate de superioridade e inferioridade inerentes a homens e mulheres. E, de fato, Paulo tem o cuidado de esclarecer que não está realmente argumentando isso. Após afirmar que a mulher foi criada por causa do homem, ele rapidamente acrescenta o esclarecimento de que, no Senhor, homens e mulheres são iguais. “No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus”. Paulo não quer que ninguém saia por aí com a ideia de que os homens são os mais importantes.

Então, se ele não está falando sobre superioridade inerente, o que ele *está* falando? Após descrever quem é o cabeça de quem, Paulo expõe isso de outra maneira. “Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem” (v. 7–8). Mais uma vez, parece que as mulheres estão em desvantagem aqui. Deus é glorioso, é claro, e, então, o

homem é a imagem e a glória de Deus, e, então, a mulher é a glória do homem. Mais uma vez, encontramos as mulheres no fundo da escala de glória. É como se a glória emanasse do centro, que é Deus, e fosse se tornando cada vez mais fraca à medida que se distanciava. Portanto, se os homens são como uma sombra de Deus, as mulheres são como uma sombra de uma sombra, a menor ondulação na extremidade mais distante. Aquela imagem super mal pixelizada. Se quisermos saber como é a glória de Deus, devemos olhar para os homens, porque eles estão mais próximos dela do que as mulheres, certo?

Mas ler isso dessa maneira é lê-lo ao contrário. Uma maneira essencialmente bíblica e bem hebraica de expressar um superlativo é usar a forma do *Cântico dos Cânticos* ou do *Santo dos Santos*. Temos a tendência de ler essa passagem de Coríntios como se a glória estivesse se diluindo cada vez mais à medida que se afastasse do centro. Mas pare e pense por um segundo em categorias mais bíblicas. Se Adão é a coroa da criação, Eva é a coroa da coroa. As mulheres são a glória da glória. O Santo dos Santos na Escritura está falando sobre a margem mais distante da santidade ou mais próxima ao centro? Obviamente, a santidade não está se tornando mais fraca à medida que adentra no Santo dos Santos, mas mais forte, mais destilada. O homem foi criado como a imagem e glória de Deus, mas, então, veio a mulher — em seguida — em uma forma ainda mais concentrada. A glória da glória de Deus. Se os homens são cerveja, as mulheres são uísque. A versão mais potente, forte e inebriante da glória de Deus, e não a mais fraca e a mais diluída. E, ironicamente, isso é exemplificado por ela ser criada em segundo lugar, como um igual, mas uma auxiliadora, como uma igual que se submete voluntariamente ao seu cabeça.

De fato, essa submissão em si é o que é tão glorioso, e isso ocorre porque a submissão voluntária de alguém a seu igual — uma submissão oferecida por amor e não por servidão — é uma submissão que retrata Cristo. Cristo, que, como

Filipenses 2:6 nos diz, “subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:6-8). Cristo era *igual* a Deus, mas voluntariamente se humilhou. Ele se ofereceu em submissão a Deus Pai, mas *não por ser inferior*.

Quando uma mulher se submete a seu marido, seu cabeça, está retratando isso. Está retratando Cristo, submetendo-se voluntariamente, como um igual, ao Cabeça. Mas qual é o final da história de quando Cristo se submete ao Pai, até mesmo à morte de cruz? “Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2:9-11). Essa submissão termina em exaltação. Termina em glória. Ele é exaltado e recebe o nome que está acima de todo nome.

É certo que Deus Pai e Deus Filho são iguais. Mais do que isso, eles não são apenas iguais, são um — porém, ao mesmo tempo, distintos um do outro. De maneira semelhante, é certo que Adão e Eva são iguais. Afinal, Eva é Adão — ao vê-la, ele diz: “Esta é osso dos meus ossos, carne da minha carne”. Ela é ele, separada dele, glorificada, trazida de volta a ele para se tornar um com ele novamente. É certo que são iguais.

As mulheres precisam parar de ficar tão ofendidas por serem solicitadas a se submeterem a um igual. Cristo não considerou uma usurpação humilhar-se e submeter-se a um igual, nem nós devemos, porque quando retratamos essa submissão, estamos retratando a forma mais potente de glória que existe. Estamos encenando a história que está no próprio cerne de toda a história, a mais gloriosa história já contada. Essa não é uma glória fraca, aguada e deplorável, aquela mais distante do centro. É a imagem de glória mais poderosa, mais magnífica, mais intoxicante e mais

concentrada que pode ser encontrada na criação. E temos o privilégio de sermos aquelas solicitadas a retratá-la.

Visto que nós, mulheres, *somos* a glória, faz sentido que nos inclinemos a estar preocupadas em *glorificar*. Fazemos isso de forma inata e sem sequer pensar nisso, da mesma maneira que nossos corpos podem criar outro humano dentro de nós sem que tenhamos que parar e ler um manual sobre como fazê-lo. Deus nos criou para esse propósito, e nós o embelezamos e glorificamos constantemente. Às vezes, fazemos isso de maneira obediente, às vezes de maneira rebelde; às vezes revoltamo-nos contra nosso desejo inato de fazê-lo, mas esse é um traço profundamente enraizado que Deus incorporou nas mulheres, e simplesmente não pode ser completamente sufocado. Fazemos isso em pequenas coisas, como quando pegamos um apartamento de solteiro com aparência indigna e o transformamos em um belo lar, ou quando pegamos dinheiro e o transformamos em uma refeição quente posta sobre a mesa com aparência, cheiro e sabor incríveis. Mulheres são feitas para dar forma. Para traduzir. Às vezes, fazemos isso sem pensar, às vezes simplesmente não podemos evitar. Podemos pegar o amor de um homem e uma mulher e transformá-lo em um bebê gorduchinho — uma imagem viva distinta e à parte da unicidade de seus pais. Mostramos nosso desejo inato de embelezar quando arrumamos nossos cabelos, passamos maquiagem, cuidamos de nossas roupas ou de nossas casas. Traduzimos e damos forma quando tomamos um comando abstrato como “hospitalidade” e o transformamos em uma festa com boa música e boa comida. Personificamos, damos forma, multiplicamos e transformamos culturas. Eva é fecundidade.

Porém, algo que observamos repetidas vezes na Escritura e na natureza é que a fecundidade nunca chega por conta própria. Nunca há primavera, a menos que haja primeiro o inverno. Não há ressurreição sem morte. Não há cultivo de flores que não tenha começado com uma semente que caiu no chão e morreu, que se abriu e se rompeu para que vida

pudesse brotar dela. Não há Páscoa, a menos que haja primeiro uma Sexta-feira Santa.

É por isso que a submissão é tão essencial ao nosso papel. Sem submissão não poderia haver verdadeira glória. Sem a morte não poderia haver vida dentre os mortos. Sem que uma semente caísse no chão, vida não poderia surgir daquele solo. Quando uma mulher se submete, quando se entrega, quando ela, como Cristo, se oferece à morte em humilhação, em submissão a alguém que lhe é equivalente, é quando a glória floresce. Nas palavras de Shelley (embora sua intenção de dizê-lo fosse totalmente ímpia): “Se o inverno chega, pode a primavera estar distante?”. Na Escritura, submissão e glória *sempre* andam juntas — e nessa ordem.

E é por isso que, quando as mulheres rejeitam sua obrigação de submissão, a glória desvanece. É por isso que o fruto cultural do feminismo é tão intencionalmente feio e estéril quanto o lesbianismo. Quando a submissão sai, a glória, a beleza e a fertilidade partem juntamente com ela. Se a glória é uma chama, a submissão é o oxigênio necessário para fazê-la queimar.

Mas não qualquer submissão antiquada. A servidão abjeta, a submissão de um escravo a um mestre, extermina a glória com a mesma eficácia de quando não há submissão. Vemos isso com a sharia islâmica, vemos isso nas seitas ultraconservadoras do tipo mulheres-servem-para-serem-vistas-e-não-ouvidas-mas-na-verdade-nem-para-serem-vistas-também e, por incrível que pareça, penso que também vemos isso em nossa atual cultura progressista de liberdade sexual que, supostamente, abalou todas as velhas e extenuadas restrições para mulheres. É interessante que nossa cultura tenha tentado amputar a fertilidade (a fecundidade), mas mantido a beleza das mulheres, e o resultado final disso tem sido que as mulheres se tornaram nada mais do que objetos sexuais. Toda essa conversa sobre emancipação, e o resultado é que toda revista feminina está repleta de artigos sobre como agradar um homem da mesma maneira como uma prostituta

barata faria. Do jeito que uma escrava faria. Certamente não do modo como uma mulher livre se oferece a um igual. A servidão sexual abjeta tornou-se o padrão para as mulheres em nossa cultura dominada pelo paradigma da pornografia, em que um homem pode exigir o que quiser, e a mulher deve e irá consentir.

As mulheres não apenas se deixaram manipular, mas também buscaram isso ativamente, pensando que estavam fugindo dos rigorosos requisitos de submissão. Muitas estão cegas demais para ver o que está acontecendo com elas. Tentamos reduzir nossa glória feminina ao meio, mantendo a beleza, mas jogando fora a fertilidade e, ao perverter a glória dessa maneira, não afastamos a submissão, mas a tornamos exigente, monstruosa e hedionda. Culturalmente, transformamos a norma da relação sexual entre homens e mulheres em uma relação entre consumidor e produto, empregador e ajudante contratado, mestre e escravo.

Em nossa cultura incrédula e supostamente liberal, a submissão é exigida das mulheres, mas certamente não a submissão de um igual a outro igual. Fugir do requisito bíblico de se submeter a *um único* homem, como seu *igual*, dentro da proteção do casamento (porque é humilhante demais), resultou em mulheres vivendo com a realidade da submissão abjeta a inúmeros homens, sem qualquer proteção, e, com ela, assumindo todo o peso da responsabilidade pelo resultado. O fruto desse estilo de vida deve ser morto, ou ela deve criar a criança sozinha.

Vale a pena notar, visto que os conservadores são conhecidos por deixar de perceber isto, que, em nenhum lugar da Escritura, as mulheres, enquanto grupo, são obrigadas a se submeterem a homens enquanto grupo. As mulheres são ordenadas a se submeterem a seus *próprios maridos* como ao Senhor; em nenhum lugar é exigido que nos submetamos a “homens”. Graças a Deus. A verdadeira submissão, em verdadeira liberdade, de uma mulher para um único homem, resulta em verdadeira glória e verdadeira

fecundidade. Quando pervertemos ou removemos uma parte dessa equação, tudo se perde ou se distorce.

24 Se você ainda estiver curiosa: Ben Merkle, “Head Coverings,” Credenda/Agenda 12.3, p. 18

(<http://www.credenda.org/archive/issues/12-3recipio.php>).

25 Cf. Lucy Peppiatt, “Talking Heads 1,” Theological Miscellany (10 fev., 2016),

<http://theologicalmisc.net/2016/02/talking-heads> (acessado em 5 de maio, 2016).

26 Se você nunca viu cabras desmaiando, pesquise no Google imediatamente. Muito engraçado.



P A R T E I V

*Vivendo
Nosso Projeto*

12

LAR

Se tudo isso é verdade, então como vivemos de uma maneira que maximize nosso projeto? Eu disse que o ideal de vida feminista no mundo corporativo (se é assim que vamos chamar a realidade monótona dos empregos que a maioria das mulheres tem) é, na realidade, mais como um cavalo de corrida preso passando a vida em seu quintal, e que recobrar uma verdadeira compreensão da feminilidade seria intenso, desafiador, assustador, gratificante e culturalmente transformador. Tudo isso é muito bom, mas como isso se dá na realidade? A que lugar a mulher pertence? É permitido ter um emprego? É verdade que o lugar de uma mulher é em casa? Essas são perguntas simples de sim ou não que, na verdade, não podem ser respondidas com um simples sim ou não. Há muita bagagem cultural, boa e ruim, que rodeia essa questão, e, assim, algumas pessoas querem descartar o tema como se fosse totalmente absurdo, e outras querem absolutizar as coisas de uma maneira simplista desajeitada. Então, vamos simplesmente ver o que a Escritura tem a dizer sobre isso tudo.

Outra passagem óbvia com a qual precisamos contar é Tito 2. Nesse capítulo, Paulo descreve os deveres de homens idosos, deveres de homens jovens, deveres de mulheres idosas, deveres de mulheres jovens e deveres de servos. A partir disso, podemos pressupor que ele está nos dando um breve manual para a sociedade cristã ideal. Paulo diz essencialmente: “Quando há um grupo de cristãos vivendo como deveria, desempenhando os papéis para os quais Deus os criou, aqui está como isso deve se dar na prática”. O que nos interessa são as mulheres — então vamos apenas olhar para os versículos endereçados a elas.

Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada. (Tt 2:3-5)

Isso pode parecer incrivelmente restritivo para muitas pessoas — como se Paulo estivesse descrevendo uma vida de tédio, monotonia, silenciosa e hedionda em geral. Mas, antes de ficarmos ofendidas demais, pense no que seria o oposto da lista de Paulo e veja qual delas soa mais condizente com fé e graça. Imagine uma cidade (ou uma igreja) cheia de mulheres idosas ímpias e bêbadas que passam seu tempo acusando falsamente as pessoas e, nos momentos de folga, ensinando as jovens a serem desenfreadas, a não amarem seus maridos, a não amarem seus filhos, a não serem discernentes, a serem imorais, a ignorarem seus lares, a serem más e desobedientes a seus maridos. Hum. Não é uma pergunta complicada. Uma soa à fidelidade, e a outra parece uma noite típica da TV no horário nobre. Portanto, em vez de ficarmos ofendidas com Paulo aqui, juntemo-nos a ele nessa questão, submetamo-nos à Palavra de Deus, confiando que ele tem coisas boas reservadas para nós, e não coisas miseráveis especialmente projetadas para nos fazer desperdiçar todos os nossos dons e habilidades... e, então, vamos tentar realmente entender o que ele está dizendo aqui.

Primeiramente, vamos olhar para as jovens e seu relacionamento com o lar. Na versão Almeida Revista e Atualizada citada acima, é dito para que sejam “boas donas de casa”. Em outras versões, isso é traduzido de várias maneiras, como “estarem ocupadas em casa”, “trabalhar no lar”, “cuidadosas da casa”, “dedicadas a seus lares”. As mulheres que são instruídas a fazer isso são jovens que aparentemente também têm maridos e filhos — basicamente, mulheres que têm famílias. Se *existe* uma família, a esposa e mãe desta família é quem deveria administrá-la. Se você

pensar bem, uma família cresce em torno de uma mulher — sem ela, não haveria família em primeiro lugar — e, se essa é a posição em que você se encontra, então Paulo está lhe dizendo o que fazer a respeito dela. Tome conta disso. Gerencie. Se você tem uma família, o mestre lhe entregou seus talentos, e ele espera que você tenha ganho com isso. Você não tem permissão para pegar o talento que ele lhe deu, enterrá-lo no chão e sair para tentar obter lucro de outra maneira que achar mais interessante. Aqui está o seu trabalho — arrase.

Também é interessante notar que, no final desta seção, Paulo a conecta especificamente à missão do evangelho — isso é um testemunho para o mundo exterior. Quando os incrédulos virem mulheres assim, serão incapazes de blasfemar contra a Palavra de Deus. É assim que se parece uma cidade edificada sobre um monte. Esse ensinamento não tem a intenção de manter as mulheres fora de vista; mas está descrevendo a maneira como podem fazer brilhar a luz do evangelho sobre uma cultura perdida e pecaminosa. Temos que confiar em Deus aqui, porque, com muita frequência, queremos decidir nós mesmas aquilo que será um bom testemunho. Deus diz: “Aqui está como dar um bom testemunho”, e nós achamos que ele não entende as nuances da sociedade moderna da maneira como entendemos. Um bom testemunho acabará, *de fato*, parecendo algo completamente diferente do que Deus disse... e será surpreendentemente parecido com aquilo que queríamos fazer de qualquer forma.

Por fim, tudo depende da atitude com a qual nos aproximamos do comando para sermos “cuidadasas da casa”. Imagine pedir ao seu filho para fazer uma tarefa. Digamos que ele esteja lendo um livro no sofá, e você lhe peça para pegar os sapatos que ele deixou no meio do caminho e colocá-los na sapateira. Vamos imaginar várias maneiras como ele pode reagir. Existe a rota da desobediência direta, em que ele simplesmente ignora o que você disse. Ou talvez ele se

exaspere, reclame, discuta e, em vez de obedecer, transforme isso em um drama de uma hora, ao fim do qual os sapatos ainda estão no meio do caminho. Talvez ele lhe olhe por cima do livro com a expressão “você tá de brincadeira, né?”, caminhe até os sapatos com aquele passo pesado e molenga, pegue os sapatos, atire-os na sapateira e jogue-se de volta no sofá, de forma que você saiba que arruinou completamente a tarde dele.

Não seja esse garoto. Quando Deus lhe disser o que fazer, vá e faça com alegria o que ele pediu de você. Aceitar o seu papel em casa com um coração exasperado, revirando os olhos e um passo molenga não é a mesma coisa que obedecer. Certamente indigno de um “muito bem, servo bom e fiel”. Devemos tentar *agradar* nosso mestre, não tentar demonstrar o quão irracional pensamos que ele seja.

Portanto, Tito 2 é bastante direto — mulheres que são esposas e mães devem estar administrando suas famílias, e devem fazê-lo de tal maneira que adquiram sabedoria e experiência para passar às mulheres mais jovens, e isso terá um impacto no mundo que observa. Isso também implica algo digno de nota: administrar uma família e ser uma esposa e mãe piedosas é uma habilidade que requer prática, ensino e experiência. Existem duas respostas possíveis aqui. A primeira é achar que o trabalho doméstico é um trabalho inútil, projetado especialmente para manter as mulheres afastadas do trabalho “real”; portanto, o fato de Paulo pensar que as mulheres precisam instruir umas às outras sobre como se tornarem boas nisso nos mostra o quão baixa consideração ele tem pelas mulheres. Ou — e eu sugeriria que essa é a opção mais fiel — presumimos que Paulo esteja atento ao fato de que Deus deu Eva a Adão como parte necessária do mandato criacional e, portanto, quando ele nos diz para cuidar do lar, e não conseguimos nem imaginar o que raios tem lá para fazer — esse problema é *nosso*, não dele. Talvez precisemos expandir nossa visão sobre o que significa cuidar do lar. Em vez de ver Tito 2 como uma

evidência da baixa consideração de Paulo pelas mulheres, talvez devêssemos vê-lo como evidência da alta consideração de Paulo pela importância do lar.

A próxima pergunta, é claro, é se a manutenção da casa exige que se permaneça nela o tempo todo. Eu diria que muitas vezes somos simplistas demais sobre isso. Uma família é maior do que a própria casa, e quando Paulo descreve os deveres de uma esposa e mãe, fica claro que seus deveres são definidos pelas pessoas pelas quais está cercada, e não simplesmente pelo seu endereço. O formato de como gerenciar uma família varia de século para século, de país para país, de família para família e de estação para estação. Uma mulher cuidando de uma casa cheia de filhos pequenos será diferente de uma mulher cuidando de uma casa cheia de adolescentes, que, por sua vez, será diferente de uma mulher cuidando de uma casa onde os netos vão visitá-la. Paulo reconhece isso na passagem de Tito — ele espera que uma mulher mais velha tenha deveres diferentes dos de uma jovem. Claramente, Paulo reconhece as fases na vida de uma mulher e não tem receio de prescrever como deveria ser a lista de tarefas diárias de cada mulher.

Então, uma mulher poderia estar cuidando fielmente de sua casa, exatamente como Paulo diz, mas também ter “um emprego”? Bem, a mulher de Provérbios 31 estava fazendo isso — portanto, seria tolo de nossa parte dizer que as mulheres não podem se envolver em nenhum empreendimento. *Claro* que a Bíblia não proíbe uma mulher de ganhar dinheiro. Por outro lado, como já escrevi antes, esse não é realmente o problema de nossa geração. Temos perguntas maiores para responder. Somos uma geração que precisa recuperar o senso da importância do lar e da importância de esposas e mães que *investem em seu povo*. Em Provérbios 31, podemos ver pela maneira como a família dessa mulher lhe responde, que todo o seu trabalho, todas as suas compras, vendas e trocas eram uma bênção direta para eles. Seus filhos se levantam e a chamam ditosa, o coração de

seu marido confia nela com segurança, ele sabe que não terá falta de ganho. Todos eles estão vestidos de escarlate por meio do trabalho diligente dessa mulher — eles não estão em casa se arranjando, enquanto a mamãe está fora em outra viagem de negócios ou vivendo seus sonhos no mundo corporativo. Eles não se levantaram nos portões da cidade para dizer: “Bem, todos nós estamos realmente felizes por ela ter conseguido se realizar e seguir seus sonhos”. A mulher de Provérbios 31 é uma mulher impressionante, trabalhadora, bem-sucedida e de alta renda — mas tudo é voltado para o *seu povo*.

Para mim, é impressionante como nossa cultura fala sobre mulheres que abandonam suas carreiras para ficar em casa com suas famílias. É frequentemente enquadrado em termos de *traição às mulheres*, o que para mim é algo incrível de pensar. O objetivo do feminismo tem sido fazer com que as mulheres sintam uma profunda lealdade, sintam-se militantes e tenham um ultrapatriotismo à sua “tribo” — e essa tribo é a espécie feminina. As feministas nos dizem que nosso primeiro dever deve ser para com nós mesmas — e é assim que nos mostramos solidárias às “mulheres”. Depois disso, podemos pensar em nossos maridos e filhos — e se não fizermos as coisas nessa ordem, estaremos decepcionando o restante das mulheres no mundo. Elas querem que tenhamos uma lealdade profunda ao clã, mas querem redesenhar as linhas que cercam nossos clãs. E a maneira como as feministas querem traçar linhas tribais insiste em dividir toda e cada unidade familiar ao meio. *É claro* que devemos ter uma profunda lealdade ao nosso povo — mas nosso povo são os maridos que prometemos amar até que a morte nos leve, e os rostinhos que olham para nós, dependendo de nós, nos amando, precisando de nós — não uma massa anônima de humanos com ausência de cromossomo Y a quem nunca fomos apresentadas.

Paulo nos orienta sobre qual deve ser nosso foco e onde nossa atenção deve estar, e é em nossas famílias. Eu nunca

diria que o lugar de uma esposa é dentro de casa, mas eu absolutamente diria que a *prioridade* de uma esposa deve ser sua casa. Se uma mulher administra seu lar de uma forma que faz ele se encher, transbordar e se espalhar em empreendimentos, deveria ser com o tipo de coisa que é uma bênção para o seu povo — dando mais a eles e não menos. Sua casa deveria ser aquilo para o qual ela se volta, não aquilo de que está tentando escapar. Tão logo um emprego (ou qualquer outra coisa) começa a nos afastar de nossas famílias, precisamos, então, parar e reavaliar, lembrando onde Deus quer que esteja nosso foco. E, ao mesmo tempo, devemos crer que manter nossas prioridades estruturadas da maneira como Deus nos pediu será como estar plantada no canto ensolarado e bem regado do jardim — não se mostrará uma desvantagem.

Isso afeta sim a maneira como as mulheres devem ver suas carreiras — e, sim, significa que a maneira como uma mulher se relaciona com seus trabalhos externos será fundamentalmente diferente da maneira como um homem se relaciona com os dele. Eu diria que devemos ser maduras o suficiente para entender e abraçar essa diferença em vez de ficarmos ofendidas por ela ou achando-a injusta. Precisamos ser aquelas que estão prontas para confessá-la, não ressentir-la; prontas para ver que, se temos uma família, o trabalho que fazemos para essa família é o trabalho mais importante que poderíamos estar fazendo — e todo o resto precisa ficar em segundo plano.

No entanto, fundamentalmente, uma das necessidades mais vitais de nossos dias atuais é reorientar a forma como pensamos sobre o lar em si. As mulheres precisam realmente começar a usar sua imaginação e mostrar alguma inovação a esse respeito — e, felizmente, imaginação e inovação são duas coisas nas quais as mulheres, enquanto grupo, são particularmente boas. Precisamos parar de pensar no lar como uma trivialidade e começar a ver quão imensamente profundo e fundamental ele é. Se conseguíssemos fazer isso, a

pergunta de se uma mulher precisa “ficar em casa” se tornaria uma questão um tanto obsoleta. Mas, se quisermos ver como podemos avançar, devemos primeiro garantir que sabemos onde estamos em relação ao passado — então, vamos dar uma olhada nisso primeiro.

Historicamente, na era pré-Revolução Industrial, a casa e o local de trabalho estavam frequentemente (embora certamente nem sempre) ligados. Na Europa medieval, na América colonial ou no Israel do primeiro século, as negociações de um homem estavam geralmente centradas em sua casa, ou ele fazia sua casa em seu local de trabalho. Nos séculos passados, se quisesse contratar um ferreiro, por exemplo, você provavelmente visitaria a casa dele para conduzir a transação (ou ele visitaria a sua) e, então, ele criaria a peça em sua loja — que também era onde ele vivia. Um fazendeiro obviamente tinha seus negócios muito ligados à sua casa. Um vinicultor morava onde trabalhava. Um açougueiro ou padeiro provavelmente vendia seus pães em sua loja e morava no andar de cima ou nos fundos. Os taberneiros viviam na taberna. Exceções claras a isso seriam soldados, diplomatas, construtores, etc. E, no entanto, para muitas famílias nessa antiga economia, esposa e marido estavam profundamente envolvidos no lado “comercial” das coisas, mesmo que suas ênfases particulares fossem diferentes. Mas com o advento da Revolução Industrial, o típico local de trabalho se afastou de casa e foi centralizado em outro lugar. Nesse novo mundo, um homem saía de casa de manhã e ia à fábrica ou ao escritório para trabalhar, em vez de ir à loja nos fundos. Na nova economia, uma esposa poderia, concebivelmente, saber pouco ou nada sobre as negociações do marido, enquanto, no sistema antigo, era provável que ela estivesse intimamente familiarizada com os negócios dele.²⁷ Essa separação mais distinta das esferas (combinada com um salto substancial no padrão de vida) levou finalmente a uma banalização do papel tradicional da

mulher, que passou a ser visto como menos difícil e menos profundo do que o trabalho sendo feito “lá fora” pelo marido. Certamente, esse foi um dos fatores que contribuíram para que as mulheres fossem vistas (por elas mesmas e pelos homens) como sem aptidão e envolvimento nos negócios realmente importantes da vida. Elas começaram tornando-se meramente decorativas e terminaram sentindo-se “deixadas para trás”, com todo o trabalho interessante agora fora do seu alcance.

Mas pense dessa maneira. A Revolução Industrial pode ter aumentado a distância entre o mundo do lar e o mundo dos negócios, mas não há dúvida de que essa mudança fez maravilhas ao mundo dos negócios — que, por sua vez, levou ao crescimento do padrão de vida no lar. Se você imaginar isso como uma bicicleta, é como se a Revolução Industrial tivesse inflado um dos pneus. Atualmente, vivemos em um mundo com aviões, iPhones e Netflix, e essas não são coisas que podem ser fabricadas em uma loja dos fundos. A velha economia simplesmente não era capaz de produzir essas coisas, e esse mundo de conveniência que agora desfrutamos é resultado direto de uma sociedade industrializada que descobriu os benefícios da divisão do trabalho. Um dos pneus da bicicleta — o mundo dos negócios — está bombeado e indo bem, mas, como o pneu traseiro — o lar — está lamentavelmente furado, a bicicleta ainda está andando de forma irregular. Nossa sociedade pode ter iPhones, mas é instável, desconectada, isolada e infeliz. Temos aviões, o que significa que podemos andar à deriva com mais rapidez e eficiência. Temos Twitter e Snapchat, mas não há famílias à mesa nem lealdade. Muito se falou do problema dos Estados Unidos com a obesidade, e geralmente se presume que os culpados são os alimentos processados não saudáveis, consumismo, xarope de milho ou algo semelhante. Mas se alguma vez você já viu algum tipo de quadro de mensagens ou “grupo de apoio” para pessoas que lutam contra o peso, uma das características mais notáveis é que humanos recorrem à

comida como uma maneira de entorpecer profunda infelicidade, solidão ou traição. A comunhão *em torno* da comida é o que almejamos profundamente — e quando isso está ausente, geralmente tentamos preencher o vazio com mais comida. Quanto da obesidade não é, como supomos, um problema com comida — mas um problema com nossos lares disfuncionais? Não acho que seja um acidente que, quando as mães, *em massa*, tiraram os aventais e saíram da cozinha, nosso país, *em massa*, se voltou para os alimentos processados, tanto para nutrição quanto para consolo, e agora temos um problema nacional com a obesidade.

Precisamos desesperadamente inflar o pneu traseiro, e isso significa que as mulheres precisam pensar de forma criativa. A Revolução Industrial expandiu massivamente as possibilidades no mundo dos negócios — o mesmo poderia ter sido feito em casa, se alguma de nós se desse ao trabalho de tentar. E, assim como a inovação e o progresso no mundo dos negócios impactaram diretamente nosso padrão de vida em nossos lares, não há dúvida de que a influência de lares fortes no mundo dos negócios seria igualmente profunda.

Precisamos parar de pensar que haja um limite fixo para o que pode ser feito em casa — estou convencida de que os limites estão muito mais distantes do que qualquer uma de nós imagina. As mulheres que se impacientaram e saíram de casa estão basicamente dizendo que não há nada que possa ser feito a respeito daquele pneu traseiro — não tem conserto — e elas resolveram ir lá para frente para se divertir. Outras mulheres conservadoras ficaram lá atrás, insistindo que o pneu furado está bom para elas. Então, há aquelas que querem voltar o relógio e retornar para um mundo pré-industrial, no qual o pai fica em casa, criando porcos e capinando beterrabas, tentando recuperar uma economia de quatrocentos anos atrás e vivendo em algum tipo de tentativa de utopia separatista, autossuficiente — afirmando que deveríamos deixar o ar sair novamente do pneu dianteiro.

Mas... aqui está uma ideia: e se tentássemos inflar o pneu traseiro?

E se tentássemos questionar nossa definição de dona de casa? E se usássemos nossa imaginação e criatividade? Muitas vezes, apenas aceitamos a premissa de que uma dona de casa dá carona aos filhos, coloca a assadeira no forno e organiza os armários. Depois que essas coisas são feitas, sentimos que marcamos todos os afazeres da lista e, enfim, podemos aproveitar nosso tempo. É muito fácil *trabalhar* para que possamos ter *lazer*, em vez de trabalhar por estarmos convencidas de que estamos construindo algo fenomenal — e essa mentalidade faz absolutamente toda a diferença no mundo. É a diferença entre o funcionário e o chefe, o auxiliar contratado e o empresário, o servo e o homem livre.

Imagine uma mulher que pretende concluir todas as suas tarefas domésticas o mais rápido possível para que possa aproveitar as tardes na academia, no Facebook ou em qualquer outra coisa. É uma mulher que estará procurando por qualquer atalho que possa tomar — desde quais tipos de receitas ela escolherá até o tipo de móveis que comprará. Ela está agindo como uma *funcionária* cumprindo com os deveres prescritos por outra pessoa — e, contanto que ela cumpra com o essencial, ninguém poderá reclamar ou fazer uma avaliação ruim de desempenho. Agora imagine outra mulher que *reconhece* seu trabalho como cuidadora do lar, convencida de que é um trabalho culturalmente transformador e que vê o escopo de seu trabalho como absolutamente *vasto*. Essas são duas mulheres que estão abordando quase todas as tarefas de maneira completamente diferente e que alcançarão coisas muito diferentes — da mesma maneira como dois atletas podem treinar lado a lado na academia, mas aquele que está focado, é diligente e se esforça verá resultados drasticamente melhores do que aquele que sobe na esteira com o corpo, mas não com o espírito, e passa seu tempo ali assistindo programas de TV.

Ampliar nosso conceito de qual realmente é o papel de uma mulher também pode ser extremamente útil, penso eu, para o grande número de mulheres que não se encaixam exatamente no modelo típico de “dona de casa”. Por exemplo, e as mulheres solteiras? Ou mulheres com filhos mais velhos que agora têm mais tempo diante de si? E as mulheres que são mais talentosas cientificamente ou matematicamente? Se definirmos nossos papéis de maneira muito restrita (o que penso que seja definitivamente o caso), essas mulheres podem se sentir deslocadas, deixadas de fora ou desqualificadas de alguma forma — *especialmente* se forem mulheres que realmente concordam com tudo o que estou dizendo aqui.

Posso imaginar uma mulher solteira, concordando em princípio que o trabalho no lar é um trabalho culturalmente transformador — e, então, concluindo que ela está de fora ou como se estivesse sentada no banco de reservas, enquanto outras mulheres estão no campo realmente jogando. Agora, certamente *pode* ser verdade que ela esteja sentada no banco de reservas, mas só será verdade se, lá, for onde ela decidiu se sentar.

As mulheres nascem tradutoras. Pegamos princípios, ideias abstratas e, então, damos-lhes forma. Esse é o dom tanto de uma mulher solteira quanto de uma mulher casada — apenas a aplicação terá uma aparência diferente. A mulher solteira deve examinar os princípios e, então, descobrir como dar-lhes forma em sua situação específica. Se uma mulher casada deve usar seus dons, aptidões e habilidades para beneficiar sua própria família, segue-se, necessariamente, que toda mulher casada se deparará com um conjunto de circunstâncias completamente único e deverá usar a criatividade e a inovação para “dar corpo” aos princípios que discutimos: *sujeitar, encher, auxiliar e glorificar*. Mas toda mulher solteira também está diante de um conjunto completamente único de circunstâncias e, tanto quanto a mulher casada, também pode pensar sobre como pode, da

melhor forma possível, *sujeitar, encher, auxiliar e glorificar* onde ela se encontra.

Como a situação de cada mulher é diferente, hesito em dar exemplos para que não pareça que estou prescrevendo algum tipo de lista de tarefas universal, quando o meu ponto é justamente que *não há* uma lista de tarefas exaustiva. Por outro lado, sem exemplos, tudo isso pode parecer um pouco abstrato e hipotético.

Então, vamos imaginar uma mulher que gostaria muito de estar casada, mas, na providência de Deus, simplesmente não está. Algumas mulheres nessa situação ficam simplesmente por aí, esperando que alguém finalmente apareça. Outras acabam no mundo corporativo, mais por seguir o fluxo do que qualquer outra coisa. Eu diria que uma mulher assim, embora obviamente em uma situação desafiadora, pode ser o tipo de mulher que cria naqueles que a rodeiam uma lealdade profunda e fundamental a todas as coisas certas, que pode usar seus dons para mostrar a *beleza* da santidade (Sl 96:9) e para fazer a verdade *ter sabor* (Sl 34:8).

Talvez ela comece um negócio, contrate funcionários e use seus talentos como uma maneira de abençoar tanto a eles quanto seus clientes. Talvez ela compre uma casa e se dedique ao papel de dona de casa e anfitriã, embelezando o ambiente e usando seus dons para abençoar todos os que passam por sua porta. Uma mulher casada e com filhos tem uma multidão acoplada a qual precisa se dedicar — uma mulher solteira deveria olhar em volta e descobrir quem são as pessoas a quem pode abençoar. Nenhum cristão deveria realmente estar se perguntando: “Como eu posso me realizar?” — a pergunta deve sempre apontar para fora. *A quem posso abençoar? Como posso usar meus dons para edificar aqueles que estão à minha volta? Como posso abraçar minha feminilidade de modo a lançar a luz do evangelho a um mundo perdido e pecaminoso? Como posso ser verdadeiramente excelente nas oportunidades que Deus colocou diante de mim?* As respostas terão muitas variações,

mas as perguntas são sempre as mesmas para todas as mulheres — casadas, solteiras, idosas, jovens.

É muito legal afirmar essas coisas, mas como isso realmente funciona nos detalhes? Quais são algumas das maneiras pelas quais isso pode se mostrar na prática? Vamos voltar à lista de coisas para as quais nós, mulheres, fomos feitas e tentar dar corpo a elas.

27 Embora cheguemos a conclusões ligeiramente diferentes, estou em débito por essa observação com a seção de Nancy Pearcey “Households at Work” em *Total Truth: Liberating Christianity from Its Cultural Captivity* (Wheaton, IL: Crossway, 2004), 327 em diante.

SUJEITAR NA PRÁTICA

Então fomos feitas para trabalhar. Trabalhar muito. Penso que a primeira e mais fácil pergunta a nos fazemos é se estamos realmente fazendo isso. Nossos dias são desafiadores, difíceis, cansativos? *Deveriam* ser, se estivermos vivendo em obediência, mas há muitas maneiras de ocupar-se e cansar-se sem realmente *trabalhar*. Há mulheres cujos dias envolvem muitos compromissos e muitas andanças para lá e para cá, mas quando se olha para os detalhes de sua agenda agitada, vê-se que estão correndo para a academia, depois fazendo compras no shopping, depois correndo para fazer as unhas no salão, depois tomando café com as amigas, depois saindo para jantar com o namorado e, nas pausas, postando muito no Instagram. Muitas tarefas, não muito trabalho. Esse é o tipo de mulher cuja maior aspiração é ser decorativa e ornamental, uma versão do ideal vitoriano ou da década de 1950 repaginado para o século 21. Uma mulher incapaz de algo importante ou difícil, sua principal tarefa é manter uma boa aparência. Mulheres individuais podem manter esse estilo de vida, mas, como vimos, as mulheres enquanto grupo não conseguem lidar com isso. Mais cedo ou mais tarde, tudo explode. Como cristãos, devemos perceber que uma mulher que diligentemente dedica seus dias a nada além da busca de sua própria beleza e prazer é uma mulher perseguindo o vento. Não há ganho ali, não há realização, não há recompensa.

Há outras mulheres que, tecnicamente, cumprem com atividades, mas também não estão trabalhando muito realmente. Talvez sejam mães em casa, e seu dia seja gasto no Facebook, de moletom, colocando algumas coisas na máquina de lavar louça, cozinhando o jantar na panela elétrica, indo ao parque e conversando com amigas por

algumas horas, ficando em casa para a hora da soneca e mais Facebook, dobrando algumas roupas, fim da história. Atividades foram cumpridas, sim. Mas não exatamente um trabalho desafiador, difícil e gratificante. Vivemos em uma época incrivelmente privilegiada em que não precisamos nos matar de trabalhar para sobreviver. E isso significa que é muito fácil decidir simplesmente deixar a vida nos levar. Se não tivermos de correr para sobreviver, então por que correr? Por que não desacelerar e fazer o mínimo? Por que não viver a vida exclusivamente em ponto morto ou, no máximo, em primeira marcha?

Mas a quem muito é dado, muito é exigido. Pense novamente na parábola dos talentos de Cristo. O mestre deu a um servo cinco talentos, a outro, dois talentos, e o terceiro servo recebeu um talento. Então, o mestre foi embora, e os dois primeiros servos pegaram o dinheiro e investiram-no. Aquele com cinco talentos obteve um retorno de cinco talentos, aquele com dois talentos obteve um retorno de dois, mas o servo com apenas um talento enterrou-o no chão para guardá-lo e devolvê-lo ao mestre quando este retornasse. Quando o mestre regressou, os servos apresentaram o dinheiro que haviam recebido, a fim de devolvê-lo. Os dois primeiros servos foram recompensados com mais, e o servo que enterrou seu talento foi castigado, e seu único talento foi retirado e entregue a um dos servos fiéis. Nós, mulheres do século 21, fomos materialmente abençoadas muito além dos sonhos mais loucos da maioria das mulheres ao longo de toda a História. Somos aquelas que receberam mais talentos, e Deus nos abençoou para que possamos ter ganho com eles. Se enterrarmos os talentos e simplesmente deixarmos a vida nos levar, sabemos o que Deus nos dirá no fim do dia: “Serve má e negligente!”. Precisamos olhar ao redor, para o que Deus nos deu e, então, descobrir como ter ganho com isso. Se fizermos isso, poderemos aguardar um “Muito bem, serve boa e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor”. Então, por que deveríamos correr

quando não precisamos? Porque foi para isso que Deus nos fez. Como Eric Liddell diz tão eloquentemente em *Carruagens de Fogo*: “Deus me fez veloz. E quando eu corro, eu sinto o seu prazer”.²⁸

A próxima pergunta a ser feita, além de se estamos de fato correndo, é para onde devemos estar direcionadas. *Em qual direção* você está correndo é um detalhe tão importante quanto o fato de que você precisa estar correndo, e esse é um dos pontos em que o feminismo nos desorientou. Habitua-mos a pensar que não há espaço para correr em casa — se quisermos nos envolver em algo significativo, precisa ser “lá fora” no mundo. Fracassadas ficam em casa; mulheres que querem fazer algo com suas vidas entram no mercado de trabalho. Mas o que a Bíblia nos diz sobre a direção para qual as mulheres devem estar direcionadas? Como vimos, Tito 2 nos diz que as mulheres mais velhas devem ensinar as jovens a “amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada” (v. 5). A orientação, a direção para a qual as mulheres devem estar apontadas, é muito clara. Devemos estar apontadas para o nosso povo — para nossos próprios maridos, filhos e lares. Mas nossos ouvidos modernos ouvem isso, e, instintivamente, vemos uma contradição entre a ideia de “correr” ou “lançarmo-nos” para alguma coisa e a ideia de que precisamos estar apontadas para dentro. “Focar em nossas famílias não significa que Deus nos exilou em um mundo sem escopo? Onde o que de mais emocionante pelo que podemos esperar é a ida ao supermercado?”.

Eu diria que isso é um fracasso profundo da imaginação. Quando Deus diz: “Aqui. Quero que você trabalhe aqui”, e nos entrega uma casa e uma família, é uma falta de compreensão ultrajante e vergonhosa pensar que ele basicamente acabou de nos acorrentar com uma coleira bem curta ao sofá marrom de microfibra. Quando trazemos à mente a visão pouco

inspiradora de paredes bege com textura de casca de laranja, caixas organizadoras, Cheetos e painéis elétricos, e pensamos que é a isso que estamos condenadas, então isso é culpa nossa.

Você já reparou como os anúncios comerciais da madrugada são terríveis e hilariamente superdramatizados? Talvez estejam anunciando uma coisinha de plástico para fazer ovos no micro-ondas. O que eles fazem é dar um visual de como nossas vidas *costumavam* ser, antes de serem transformadas pela coisinha de plástico. Uma mulher entra na cozinha e pensa no quanto gostaria de fazer um ovo. Como ela deve proceder, então, senão vasculhar um armário e esvaziá-lo completamente enquanto procura por uma panela? Ela cambaleia pela cozinha, carregando em uma braçada seus utensílios de cozinha, tropeça, cata cavaco, deixa cair as panelas, quebra o dedo do pé, passa o braço por cima do balcão enquanto cai, quebrando todos os melhores pratos e termina de muletas. E tudo porque ela não tinha aquela coisinha de plástico à mão! Ó, como a nossa qualidade de vida aumentará se simplesmente comprarmos este utensílio para cozinhar ovos! Não haverá mais dedos quebrados! Obviamente, o comercial não está muito preocupado com a precisão de seu retrato da vida sem utensílios de plástico para cozinhar ovos. O mesmo acontece quando temos uma visão tão cinzenta e terrivelmente entediante da vida em casa. Estamos pegando uma caricatura, absolutizando-a e, então, utilizando-a como uma refutação de tudo isso. Meu marido é treinador de lacrosse em uma escola há vários anos, e recorrentemente acontece uma situação quando ele tenta ensinar a um garoto a forma certa de jogar. Digamos que um dos jogadores tenha uma forma de arremesso ruim que precisa ser corrigida. Se o menino não estiver a fim de corrigi-la, normalmente segura o taco exatamente do jeito que o treinador mandou, mas faz um arremesso dramático em câmera lenta, demonstrando que, quando ele o segura do jeito do treinador, a bola vai direto para o chão, e que aquilo é

estúpido. É uma superdramatização da situação para tentar mostrar que fazê-lo da maneira “certa” não funciona. E foi isso que nossa cultura fez com o estereótipo de esposa e mãe em casa. Nada de interessante acontece com uma mãe em casa — a menos que você conte com a autoestima dando dribles nela e se afastando à medida em que ela passa os dias cercada de feiura, bagunça e tédio do tipo mais excruciante.

Mas, se dermos passos de fé, se submetermo-nos aos mandamentos de Deus e confiarmos no que sabemos sobre ele, descobriremos que o céu realmente é o limite quando se trata do tipo de coisa que podemos alcançar. Quando pensamos em cuidar de um lar, precisamos realmente pensar grande. Pensar além de um tapete aspirado. Pensar além de panelas (por favor!). Pensar além de um ideal de meados do século em que tudo é superficialmente perfeito e está em seu devido lugar. Como podemos pegar o que Deus nos deu e investir, dando-lhe um retorno sobre aquilo com o que nos abençoou?

A primeira coisa que precisamos fazer é parar de tentar descobrir como fazer nosso trabalho levar menos tempo para que possamos ter mais tempo para relaxar. Na verdade, deveríamos estar perguntando como podemos usar todo o tempo que economizamos para *construir* algo. A tecnologia à qual temos acesso faz com que seja incrivelmente fácil gastarmos pouquíssimo tempo no básico para viver e então passarmos o resto de nossos dias relaxando em ponto morto. Mas e se, em vez de nos contentarmos com o mínimo necessário, tentássemos buscar a excelência? E se, em vez de procurarmos todas as formas possíveis de encontrar atalhos, procurássemos todas as formas possíveis de nos tornarmos melhores em nossas tarefas?

Agora, minha tese aqui é de que existe um escopo verdadeiramente ilimitado para que possamos ter excelência nessa área de cuidados com o lar, e, novamente, hesito em dar exemplos concretos para que não pareça que estou dizendo que existem apenas três maneiras de fazer isso ou

algo assim. Sinceramente, acredito que o campo está amplamente aberto diante de nós, e, se nós, mulheres, decidíssemos aplicar nossa criatividade e imaginação a essa questão, teríamos resultados surpreendentes. Mas deixe-me apenas lançar algumas ideias, visando tentar tornar isso mais prático.

Quais são as áreas em que uma mulher em casa gasta tempo? Uma área óbvia é a da alimentação. Todo mundo tem fome, e, geralmente, é trabalho da mãe resolver esse problema. Existem duas maneiras de fazer isso.

A primeira é sentir raiva de todo mundo por ter fome novamente, que chatice. Então, você os alimenta de forma que o problema seja resolvido com o mínimo possível de interrupção a você. Talvez isso signifique vasculhar a Internet em busca de “receitas incrivelmente fáceis que não exigem nada além de um abridor de latas” ou comprar pratos feitos que cada um possa esquentar para si. Por favor, note que não estou criticando a comida aqui, mas a atitude. Pratos feitos podem ser usados como uma bênção maravilhosa, e não estou tentando difamá-los e nem quem faz uso deles. Mas estou dizendo que uma atitude desleixada, preguiçosa e sem empenho não está glorificando a Deus e não é uma forma alegre ou gratificante de viver a vida.

A segunda forma de lidar com o problema de alimentar a todos é dizer para si mesma: “Essa é uma tarefa que tenho que realizar todos os dias — é melhor eu descobrir como me tornar boa nisso”. Então, você começa a pensar sobre a significância dessa tarefa. Começa a fazer perguntas como: “Por que Deus nos fez ter fome e ter essa necessidade de comer todos os dias? O que ele quer que aprendamos? Como posso usar isso para ensinar meus filhos sobre a bondade de Deus, sua generosidade, sua graça, sua grandiosa amabilidade, e usar isso para dar uma forma visível à graça e passá-la para meu marido, meus filhos e meus convidados? Como posso pegar essa tarefa necessária e usá-la para abençoar todos em minha casa?”. Talvez você pegue alguns

livros do Padre Capon²⁹ e comece a pensar na incrível beleza e significado dos alimentos e sobre a tarefa de alimentar pessoas. E, então, decide tentar explorar o mundo vasto de gostos e sabores que Deus colocou ao nosso redor. Decide aprender sobre todas as técnicas tradicionais de culinária que as mulheres têm usado há séculos. Decide fazer uso do número absurdo de recursos que nos cercam para realmente tentar *dominar* essa tarefa que você precisa fazer todos os dias de qualquer maneira. Você fica curiosa. Você não quer mais parar de aprender. Você começa a descobrir as diferenças que distintos tipos de utensílios de cozinha fazem ao produto finalizado e desenvolve fortes opiniões sobre ferro fundido e cobre. Você decide dominar a arte de fazer suflê ou panqueca. Decide triunfar sobre a montanha da panificação. Inicia inúmeras sequências de carnes assadas para descobrir qual sua família prefere. Começa a ler sobre vegetais estranhos que não são encontrados no supermercado e decide cultivá-los por si mesma e descobrir mais sobre eles.

Basicamente, você decide usar a tarefa que foi colocada à sua frente como uma maneira de aprender mais sobre Deus e esse mundo exuberante em que ele nos colocou, um mundo com coisas que surgem do chão, oras! — coisas com cor, sabor e cheiro. Já parou e pensou sobre como é impressionante o tipo de mundo em que vivemos? Posso sair pela porta de casa, colocar duas sementes na terra — na *terra* —, e uma delas se transformará magicamente em uma pimenteira que produzirá frutos vermelhos brilhantes que farão sua língua arder —, e a outra semente poderá nos dar magicamente uma abóbora gigante de cor laranja brilhante. De onde foi que aquelas sementes conseguiram aquela cor incrível? Onde elas encontraram aquele gosto surpreendente? Como uma semente pode produzir uma cebola roxa gigante a partir de nada além de terra, ar e água? Por que manjerição e tomate ficam tão extraordinariamente bons juntos? Deus poderia ter nos colocado em um mundo onde toda a comida

fosse marrom e mole, mas ele não o fez. Ele nos deu texturas e sabores, e a capacidade sensacional do calor de transformar esses sabores em algo diferente. Do traseiro das galinhas, ele nos dá claras de ovos que se afofam até se transformarem em um merengue fabuloso, que é algo completamente bobo. E das vacas, ele nos dá leite que pode se transformar em manteiga ou sorvete. E você já pensou sobre *isto*? Antes que a cana-de-açúcar fosse descoberta, o sorvete não poderia ter existido, e o chocolate não teria um sabor bom — duas combinações de sabores de tirar o fôlego perfeitamente impressionantes que ninguém havia descoberto ainda (para não falar do que acontece quando se combina um com o outro). Ou pense na vida antes do café! Quão triste deve ter sido? Quantas comidas absolutamente fabulosas ainda estão por aí para serem inventadas, apenas esperando a combinação mágica perfeita de ingredientes e técnicas? Deus fez o mundo da comida como um mundo que está simplesmente *implorando* para ser explorado, e ele, de fato, nos fez com a necessidade de comer comida todos os dias, caso queiramos sobreviver. Há inúmeras possibilidades ali — e você poderia se dedicar a isso pelo resto da vida e ainda assim nem mesmo arranhar a superfície. Então, por que não decidir lidar com sua tarefa tendo *essa* atitude e ver que diferença isso faz em seu próprio coração e em sua família?

Qual é outra tarefa com a qual as mulheres são confrontadas no lar? Algo óbvio é vestimenta para todos da família. E, novamente, sempre há várias maneiras de lidar com a questão. Uma é pensar em como podemos ter a mínimo de trabalho possível, e a outra é tentar e, realmente, tornarmo-nos boas em nossas tarefas. Às vezes, roupas podem nos parecer uma categoria trivial, vaidosa ou insignificante... ou, por outro lado, podem tornar-se o único assunto importante no mundo, dependendo do nosso tipo de personalidade e interesses gerais. Portanto, o ideal seria recorrer às Escrituras. O que Deus nos diz sobre vestir, e qual deve ser nossa atitude em relação a isso? Se essa for uma

tarefa que precisamos fazer de qualquer maneira, seria uma boa ideia descobrir como Deus quer que lidemos com o assunto. Assim, podemos ir a Provérbios 31 e observar que a esposa virtuosa gasta bastante do seu tempo com vestimentas. Ela tece, trança, veste sua casa de lã escarlate e não teme a neve, pois gastou tempo preparando-se para ela. Faz para si vestimentas de linho puro, púrpura e cobertas, e não apenas para si mesma — ela é realmente tão produtiva que dá início a um negócio de vendas (um bem-sucedido, aparentemente, porque, com seus ganhos, compra imóveis e planta uma vinha). O que tudo isso nos diz é que vestir sua família é uma grande parte de seu esforço e tempo, e ela se esforça para ser notavelmente boa nisso. Por outro lado, também nos é dito que ela sabe o que é mais importante. Ela não está vestida apenas de lã escarlate e linho, mas também de força e dignidade. Ela sabe qual a posição que as vestimentas devem ocupar e sabe como não deixá-las tirar o lugar das coisas mais importantes. Mas também reconhece que não é uma questão de isso ou aquilo. Ela não se veste de virtude e trapos — ela usa virtude e *lã escarlate*. Ela dedica foco, esforço e tempo nas roupas, e a maneira como faz isso não está em desacordo com sua virtude, mas é a *evidência* de sua virtude.

Então, como podemos imitar isso? Como podemos pegar esse princípio e levá-lo para onde moramos? Compramos exclusivamente em brechós porque temos medo de ser mundanas? Estouramos todos os cartões de crédito comprando roupas que não podemos pagar? Insistimos em usar calças jeans para não chamar a atenção para nós mesmas? Não pensamos em nada além das fotos de moda no Pinterest, do nascer ao pôr do sol? Na verdade, todas essas seriam formas de violar os princípios da Escritura de como uma mulher piedosa se relaciona com o mundo da moda. Portanto, talvez possamos abordar a questão perguntando a nós mesmas quais são os princípios que a mulher de Provérbios 31 incorpora e como podemos traduzi-los para

nossa própria situação e dentro de nossos próprios orçamentos.

Muitas vezes me surpreendo ao olhar para as modas das gerações anteriores — a quantidade de cuidado, esforço e habilidade presentes nas roupas do dia a dia são impressionantes em comparação com as nossas, e, no entanto, elas eram surpreendentemente feitas com menos recursos. Pense na arte que foi usada no vestido de uma mulher no século 18, antes de haver máquinas de costura, fábricas ou opções prontas para uso, e antes de haver máquinas de lavar e secar roupas. Se alguém algum dia teve uma desculpa para viver em calças de ioga, foram essas mulheres — e, de alguma maneira, elas conseguiram nos ofuscar completamente de todas as formas possíveis. As mulheres cristãs poderiam realmente buscar a excelência nessa área de uma maneira que mudasse nossas expectativas culturais? Não tentando estranhamente copiar as mulheres do passado (por favor, não), mas tentando aprender com elas. Tentando tomar parte do esforço, da arte e da apreciação da qualidade que havia na moda nos dias anteriores e trazê-los para cá, de uma maneira que realmente reverberasse agora?

Também poderíamos fazer perguntas sobre para que servem as roupas. Por que pressupomos que as mulheres com carreiras precisam se vestir bem, mas as mulheres em casa não? De onde veio essa suposição? Isso está correto ou totalmente errado? O que devemos fazer para mudar isso? E por que Deus nos deu roupas em primeiro lugar? Que problema as roupas estão resolvendo e por quê? As roupas devem nos camuflar ou nos glorificar? O que é imodéstia exatamente, e por que ela é um problema? Como podemos evitá-la sem cair na armadilha de pensar que nossos corpos são maus ou vergonhosos? Como podemos ensinar nossas meninas a lidar com toda a questão da moda? Todas essas são perguntas importantes, difíceis e profundas que vão muito além do simples “ó, isso é tão lindo”, que é onde podemos ser tentadas a parar.

Espero que você consiga perceber que todas essas perguntas são realmente bastante filosóficas, questões que exigiriam um pensamento disciplinado para serem respondidas. Vestir sua família pode realmente ser um projeto muito maior do que lembrar de marcar a data de liquidações em seu calendário. Se as mulheres cristãs decidissem seriamente abordar essa questão em um nível fundamental, e não superficial e pragmático, poderíamos ter a expectativa de ver alguns acontecimentos muito interessantes no mundo da moda.

A mulher de Provérbios 31 não era simplesmente uma consumidora; ela era produtora. Ela era uma mulher que estava deixando sua marca em sua cultura, em vez de simplesmente permitir que a cultura deixasse uma marca nela. Sejam mulheres que realmente influenciam, em vez de sempre sermos as influenciadas, sejamos sujeitos, em vez de objetos, aquelas que movimentam, em vez de sempre as movidas. Para citar Henrique V, “não podemos nos confinar aos limites acanhados dos costumes de nenhum país. Nós somos os que fazemos os costumes, Kate”.³⁰ Por que simplesmente desistimos do mundo da moda e o deixamos para os incrédulos, como se isso fosse algo do qual eles devessem se encarregar? Isso poderia em algum momento ser mudado? Se for modificado, seria o resultado de nós, mulheres cristãs, tomando uma decisão consciente de sermos criadoras, em vez de meras consumidoras, e lançando-nos na verdadeira busca da excelência nesse campo.

Outra área óbvia com a qual as cuidadoras do lar são confrontadas é o próprio lar. A casa é uma arena onde podemos sentir a força da parábola dos talentos de forma bem pungente, porque muitas de nós estamos em casas que parecem uma causa perdida no que diz respeito à beleza. Talvez você quisesse ter uma casa de fazenda bonita e ampla, e todos os seus quadros do Pinterest podem atestar isso — porém você mora em um apartamento abafado, e parece que

não há sentido em nem mesmo tentar. Ou talvez você tenha uma casa grande, bonita e ampla, e não haja realmente nada que precise ser feito, porque ela já é incrível. Não importa o que Deus tenha nos dado nessa área, nossa tarefa é lançarmo-nos nela e obter ganho. Trabalhar, administrar, construir, glorificar e transformar. E, se realmente fizéssemos isso, descobriríamos que nunca ficaríamos realmente sem escopo. Digamos que você tenha o pequeno apartamento, e você desiste e decide aguardar a chegada da sua sorte — você se preocupará em deixar sua casa bonita e convidativa quando ganhar na loteria. Isso nada mais é do que decidir enterrar seu talento no chão. E se você não tiver um orçamento, e decidir nem tentar, porque não pode gastar com a mobília que gostaria? Enterrando seu talento. E se você tiver a casa dos seus sonhos e passar os dias no clube? Enterrando seu talento. *Sempre* há maneiras de obter ganho com o que Deus colocou diante de nós, e isso realmente requer apenas criatividade e uma imaginação que está pronta para enfrentar o problema. Digamos que você seja confrontada com uma casa que é menos do que ideal de alguma forma, ou com circunstâncias que dificultam isso. É tentador desistir e ressentir-se de sua vida, mas, na verdade, complicação e dificuldade são o solo em que a verdadeira inovação e capacidade criativa crescem. “A necessidade é mãe da invenção” não é apenas um truísmo, é realmente verdade. O Davi de Michelangelo foi esculpido no pedaço de mármore que os outros artistas não queriam por causa da falha que o tornava “impossível” de trabalhar. Se você tem uma situação que parece difícil, significa que terá que investir contra ela com inovação real e verdadeira, e será um desafio real e verdadeiro. Mas lembre-se de que “a essência de todo quadro é a moldura” e que um verdadeiro desafio também é uma oportunidade real para satisfação em seu trabalho. Se fosse simples e fácil, seria apenas entediante.

Mas por que deveríamos nos preocupar com nossas casas? Por que elas deveriam ser lindas? O que isso importa, afinal?

Para responder a essas perguntas, devemos voltar novamente à Escritura. Como já discutimos, nós gostamos de pensar: “Cuidar do lar é um trabalho insignificante e humilhante — por que Deus está pedindo às mulheres que o façam? Ele deve nos odiar, e Paulo é obviamente um misógino”. Mas a forma mais fiel de lidar com essa ordem é olhar para ela e dizer: “Deus quer que as mulheres cuidem do lar — cuidar do lar, portanto, deve ser uma tarefa extremamente significativa”. A forma como respondemos ao mandamento mostra se confiamos em Deus ou se duvidamos dele. Se acreditamos que ele tem grandes coisas reservadas para nós ou se assumimos que ele prefere acumular surpresas desagradáveis para jogá-las em nossa cara. É bom que passemos por isso novamente: se Deus é bom, e se ele quer que sujeitemos este planeta, e se ele quer que obedeçamos à Grande Comissão e conquistemos este mundo para Cristo, e se ele diz à metade da raça humana que ela está encarregada de cuidar do lar, conclui-se daí que o lar é realmente uma das ferramentas mais estratégicas e importantes pelas quais o mundo será conquistado. Não devemos ler essa ordem como se Deus estivesse dizendo às mulheres para sair da frente e abrir espaço para as coisas importantes — ele está lhes dizendo para irem à linha de frente. Se um soldado é instruído a assumir sua posição na batalha e, em vez disso, vai para outro lugar, murmurando sobre sua autoestima, a única coisa da qual não podemos acusá-lo é de ser excessivamente corajoso. Quando as mulheres, enquanto grupo, deixaram suas posições de batalha e se afastaram, a única coisa que não podemos dizer sobre elas é que estavam sendo ousadas e destemidas.

O lar claramente importa, e importa muito. E por que isso? A casa é o coração pulsante que alimenta todo o restante. O lar nutre, alimenta, fornece descanso, abriga e cria uma lealdade a si mesmo, que é uma das emoções mais fortes e impulsionadoras de todas as emoções humanas. O lar é onde está o seu povo, e todos os seus mais profundos amores e

alianças estão embutidos nele. Ou pelo menos podem estar. O lar também pode ser um lugar de amargura, mágoa, traição e ódio, um lugar de vazio e solidão, um lugar onde as coisas são tomadas, não dadas, um lugar que cria uma ferida aberta nas almas daqueles que fazem parte dele. Pode ser tecido em conjunto ou despedaçado, e a pessoa no comando é a mulher. O que quer que você tenha a dizer sobre isso, essa certamente não é uma posição irrelevante.

Então, como podemos usar o lar para criar uma profunda lealdade em nosso povo? Posso pensar em várias maneiras de *não* fazer isso: passando os dias reclamando de como tudo é horrível, agindo como se não valesse a pena se preocupar, não gastando tempo ali e não se esforçando, fazendo o mínimo possível, menosprezando ativamente nossos próprios papéis, agindo como se trabalhar em casa fosse a pior punição que poderia ser infligida a alguém, vivendo a vida em uma casa desajeitada com uma atitude desajeitada. Também poderíamos transformar a casa em um inferno vivo para todos, fazendo com que ela seja um fim em si mesma e esquecendo seu propósito: criando uma linda casa cheia de coisas que ninguém pode tocar — móveis em que você não pode se sentar, brinquedos mantidos nas prateleiras mais altas, onde não farão bagunça — uma casa que parece perfeita, mas onde ninguém quer estar. Você pode usar a beleza para afastar as pessoas, bem como para atraí-las, e tudo depende de para onde ela está direcionada. A beleza existe como um fim em si mesma, e as pessoas apenas atrapalham? Ou a beleza existe para o bem das pessoas, que foram feitas para se deleitar nela? C.S. Lewis diz: “Desejar o *desejo* da própria beleza é a vaidade de Lilith, mas desejar o *desfrutar* da própria beleza é a obediência de Eva”.³¹ Para que serve a beleza? Para si mesma ou para o outro? Um lar sem graça e infeliz afastará as pessoas, mas um lar belo e infeliz também.

Por outro lado, nós, mulheres, poderíamos usar nossa posição como cuidadoras do lar para criarmos lares totalmente atraentes. Onde o amor, o deleite, a alegria e a gratidão por todas as bênçãos de Deus são traduzidos em como uma mesa é posta, como as paredes são pintadas, como os cômodos convidam-nos a entrar e apreciá-los. Onde tudo ali prega um sermão sobre a *bondade* de Deus e a alegria que ele tem nos mínimos detalhes. Não há um centímetro quadrado da criação de Deus que não reflita sua arte e seu prazer na beleza. Podemos copiá-lo nisso e tentar usar nosso lar para testemunhar o prazer abundante e avassalador de Deus pela beleza, ou podemos usar nosso lar para dizer o contrário — que nada importa, e tudo isso é estúpido, e ninguém dá a mínima.

Talvez o pensamento de tentar criar uma casa como essa seja assustador — talvez decorar não seja o seu forte. Bem, nós, na verdade, vivemos em meio a uma abundância de bens quando se trata de recursos e oportunidades para aprender e melhorar em, praticamente, qualquer assunto que desejemos abordar. Ninguém nunca pode dizer que já descobriu tudo, que aprendeu tudo, que não há mais nada a fazer. Sempre há mais juro que podemos ganhar com nossos talentos — é preciso apenas um pouco de iniciativa e disposição para aprender.

Apenas arranhamos a superfície de três áreas — dentre inúmeras possibilidades. Não tenho tempo para listar as inúmeras outras categorias que dão escopo às mulheres para se excederem — jardinagem, poesia, música, hospitalidade, fazer amor, educar, arte, design e muito, muito mais. Há tantos caminhos pelos quais as mulheres poderiam seguir se decidissem realmente buscar as artes domésticas — e decidissem realmente tratá-las como se fossem *artes*, e não tarefas vergonhosas, degradantes, inferiores ou pequenos ofícios e passatempos banais.

Uma outra questão já mencionada, mas que vale a pena lembrar, é que, só porque uma mulher deve estar orientada

em direção ao lar, não significa que ela nunca se aventure *fora* de casa. Quando Tito diz que as mulheres devem ser cuidadoras do lar, é importante notar que um lar é maior do que as paredes da casa. Um lar é composto pelas *pessoas* que a casa abriga, e é aí que o verdadeiro foco precisa estar. Por causa disso, há muitas formas pelas quais uma mulher poderia trabalhar *fora* de casa de uma maneira que tornasse o próprio lar mais potente, mais glorioso e mais atraente. A mulher de Provérbios 31 estava orientada para o lar — tanto era assim que transbordou para empreendimentos bem-sucedidos em seu exterior. Mas, nesse caso, seu negócio era um transbordamento de seu lar, não algo que tornava seu lar um lugar árido. Foi uma maneira de dar à sua família, não uma maneira de tirar deles. A questão não é onde uma mulher está, mas em qual direção ela está apontando.

A tese de Friedan era que, para uma mulher alcançar a verdadeira satisfação em seu chamado, ela precisava dar as costas para o lar e para os filhos. Mas eu diria que se nós, mulheres, decidíssemos pegar nossa motivação, nosso impulso, nossa inspiração, nossa imaginação e nossa criatividade, e os apontássemos *em direção* aos nossos lares, nossos maridos e nossos filhos, encontraríamos um vasto, glorioso e transformador mundo de possibilidades aberto diante de nós.

28 Bem, tecnicamente, o ator que interpreta Eric Liddell disse isso. Ainda assim, é uma ótima fala.

29 Robert Farrar Capon foi um padre episcopal e chef americano, que escreveu diversos livros sobre alimentação, incluindo livros de receitas. [N.T.]

30 Shakespeare, *Henrique V*, Ato 5, Cena 2.

31 C.S. Lewis, *That Hideous Strength* (New York: Scribner, 1996), p. 63.

ENCHER NA PRÁTICA

Juntamente com a ordem para sujeitar a terra, está a ordem para enchê-la. Eva foi criada para a fecundidade e fertilidade. Obviamente, isso se aplica diretamente aos filhos, e acredito que há muitas mulheres cristãs por aí que precisam repensar suas opiniões sobre esse assunto. Muitas têm medo do projeto por completo, porque ter filhos é uma enorme invasão de si mesmo no nível mais fundamental, e isso é assustador. Ter um bebê atrapalha sua silhueta, dá estrias, é, sem dúvidas, doloroso, e seu corpo, sem o seu consentimento, começa a priorizar as necessidades de outro humano em detrimento do seu. Outra pessoa entra e toma conta do seu corpo, e, depois, sai, mas não some. Agora é parte de você para sempre. Você não engravida apenas e, nove meses depois, termina. Essa criança é uma alma eterna e fará parte da sua história para sempre, mesmo que você perca o bebê ou dê para adoção e nunca mais o veja. Outra pessoa deixou uma marca em sua alma, e você nunca mais será a mesma. Essa é uma grande transação. E é assustador. E *doloroso*. E isso tudo. Sim, você terá que se entregar por completo. Mas, apesar disso, foi para isso que Deus nos criou, e se recusarmos a colocar a semente no solo, nunca veremos a flor. Se não aceitarmos a morte, nunca veremos a glória. Mas, se você se entregar ao solo fértil da obediência e fé, Deus usará isso para produzir frutos, trinta, sessenta e cem vezes mais.

É claro que a fecundidade não se limita ao simples ato de ter filhos. Há muito mais do que isso — e as mulheres que não são capazes de ter filhos podem ainda ser surpreendentemente frutíferas em muitas outras áreas. E, mesmo no ramo físico da gravidez, a simples quantidade nunca foi o objetivo. Em Malaquias nos é dito: “E não fez ele

somente um, sobejando-lhe espírito? E por que somente um? Ele buscava uma semente de piedosos” (ARC, Mt 2:15). Deus não precisa apenas de mulheres dando à luz bebês. Ele deseja uma descendência *piedosa*, e isso exige muito mais do que apenas nove meses de gravidez e um parto bem-sucedido. Povoar a terra com muitos pequenos pagãos não é uma imagem de fecundidade obediente, e seria um erro pensar que as mulheres foram trazidas à cena com o objetivo de simplesmente produzir muitos seres humanos genéricos. Ter quinze filhos rebeldes não é uma vitória espiritual. Deus deseja uma descendência piedosa, e isso não acontece por acidente, e não acontece automaticamente. Parte de nosso chamado à fecundidade envolve educar nossos filhos “na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6:4), e esse é um empreendimento de contato completo, não algo que você pode fazer apenas esbarrando em seus filhos ocasionalmente entre viagens de negócios.

Mas você também não pode fazê-lo, caso se recusar a ter filhos. Agora, não precisa nem dizer que, se Deus não lhe deu filhos, seja porque é solteira ou porque não pode conceber, é *claro* que você ainda pode ser frutífera, gloriosa, produtiva e abençoada por Deus em sua feminilidade e em sua vocação. Não há nada inerentemente abençoado no ato físico de ter filhos. Uma mulher pode ter filhos para a glória de Deus ou em desafio a Deus, e uma mulher pode não ter tido filhos para a glória de Deus ou em desafio a Deus.

Minha preocupação agora é com as mulheres desse último grupo — mulheres que desprezam a fecundidade com a qual Deus as abençoou, mulheres que chamam essa bênção de maldição e que se recusam a morrer para si mesmas, a fim de que outra pessoa possa viver. Essa atitude é encontrada em sua forma mais potente no movimento feminista radical nos Estados Unidos, onde isso já está embutido há mais de um século, porém seu aroma soprou para dentro de muitos casamentos cristãos. Muitas mulheres cristãs não querem ter filhos até que “tenham tido uma vida” primeiro, mas todas as

suposições por baixo dessa decisão são moldadas por um feminismo radical que — para o crédito delas — elas provavelmente rejeitariam se o vissem em sua forma pura. Por exemplo, como uma blogueira lésbica colocou: “Não estamos aqui para ‘procriar’, pois ‘procriar’ não faz mais do que reforçar o papel das mulheres como a cuidadora e nutridora. Ao termos filhos, prejudicamos nossas carreiras, tornamo-nos vulneráveis a ataques e abusos, e somos reduzidas a um trabalho não remunerado”.³² Ou, em uma peça editorial sobre por que escolher uma vida sem filhos é uma decisão admirável e não egoísta, uma autora feminista diz: “Uma sociedade que prioriza o prazer e a autoestima soa muito melhor do que aquela que valoriza a negação, o sacrifício desnecessário e a resignação geral com as coisas do jeito que são (pelo menos para as mulheres)”.³³ Muitas cristãs olhariam um pouco torto ao ouvir essas palavras ditas de forma tão explícita, mas ainda baseariam todas as suas decisões pessoais em uma noção de que, uma vez que a mulher engravida, torna-se irrelevante, marginalizada e excluída do jogo. Elas não enxergam a maternidade como um mundo de oportunidades se abrindo, mas como um mundo de oportunidades se fechando bem diante de si. Nossa cultura passou a desprezar tanto a fecundidade que, às vezes, nós, cristãs, não vemos o quanto isso se infiltrou em nosso próprio pensamento. Mas, se Deus diz o contrário (e ele diz), então nosso dever é confiar nele e seguir com fé e obediência uma ordem que, sim, pode parecer intimidadora e assustadora. Mas a boa notícia é que, quando confiamos em Deus, ele nunca está do outro lado esperando para dizer: “Haha, enganei você!”. Deus é fiel e dá o que promete. Obediência e fé nunca se revelam como armadilha.

Mas as mulheres são chamadas a serem frutíferas de várias maneiras, não apenas no ato físico de ter filhos. Nosso propósito não é encher o mundo apenas com humanos; somos ordenadas a encher a terra com o conhecimento do

Senhor, como as águas cobrem o mar (Mt 28:18–20; Hc 2:14; Is 11:9). E, como a Grande Comissão foi dada à Igreja, não apenas aos homens, as mulheres obviamente têm um enorme papel a desempenhar aqui. Mas qual? Como podemos ser frutíferas nessa área?

A Bíblia é bastante clara a respeito de um papel que as mulheres *não* devem desempenhar: o de pregador ou presbítero na igreja, e isso tem causado grande angústia entre as mulheres que gostariam de ser tanto cristãs quanto feministas. Paulo realmente não podia ser mais claro sobre o assunto: “E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem” (1Tm 2:12). Essa lamentável franqueza levantou uma enorme quantidade de poeira. Também nos levou a uma vasta gama de estudos complicados e contorcionismos do grego e do contexto do Antigo Oriente Próximo, pelos quais feministas bíblicas “acadêmicas” conseguiram provar que, quando Paulo diz que não permite que uma mulher ensine ou tenha autoridade, o que ele *realmente* quer dizer é que as mulheres definitivamente devem ensinar e ter autoridade. “Se você não entende o argumento, obviamente não leu minha tese sobre o assunto, que é muito, muito acadêmica e também acadêmica”. Mas, se somos mulheres que se preocupam um pouco em ser intelectualmente honestas, temos que concordar com o fato de que não podemos ser pastoras. Então, esse é um ponto. As posições de ensino pastoral estão fora. E, no panorama geral, isso não é exatamente tirania e opressão despóticos. As mulheres que têm seus sentimentos magoados com isso precisam realmente sair mais e ver que, de fato, existem pessoas no mundo com problemas reais.³⁴

Mas, se não é para sermos líderes da igreja, então qual contribuição significativa poderíamos dar à missão da Igreja? Existem as respostas óbvias para isso, respostas que todo mundo sabe, mas eu realmente gostaria de ir um pouco além delas. Aquilo que é evidente, aquilo em que todos nós já

pensamos são coisas como mulheres cuidando dos pobres, mostrando hospitalidade e sendo evangelísticas. Mas quero ir um pouco além e dizer que não é apenas nesses momentos que ajudamos a causa, mas também que nosso papel no dia a dia no lar é absolutamente vital para a disseminação do Evangelho. E é por causa disso.

Quando os homens trazem mudanças, geralmente fazem isso por decreto. Eles decidem como algo será, explicam-no claramente e esperam que as pessoas se conformem a ele. É muito linear e direto, e é um papel vital e necessário. Porém as mulheres têm outra forma de efetuar mudanças, e fazem-no por tornar algo atraente. Tornando-o amável. É para isso que estamos equipadas, para o que fomos criadas, é nisso que somos boas e o que amamos. E é incrivelmente poderoso, para o bem ou para o mal. Quantos homens foram desviados de tudo o que diziam acreditar pela bela mulher errada? Quantos homens tiveram suas lealdades e suas virtudes cimentadas, ancoradas e firmadas pela bela mulher certa? A beleza é uma força poderosa e atraente que atrai as pessoas, e não me refiro apenas à beleza pessoal ou atração sexual, mas à beleza em todas as partes da vida. Arte, música, comida, poesia, natureza — a beleza cativa uma parte mais profunda de nós do que nosso intelecto. E nosso trabalho como mulheres é pegar o abstrato, o cerebral, o intelectual e torná-lo fascinante, torná-lo belo, torná-lo atraente.

Ser mulher é, de várias maneiras, como estar no campo da matemática aplicada — exceto por ser teologia e filosofia aplicada. Somos nós que pegamos os princípios metafísicos, as verdades poderosas e complicadas de nossa fé, e, em vez de *dizê-los* aos homens em um sermão, nós lhes *mostramos*. Nosso trabalho é tornar a santidade bela, fazê-la *ter gosto*. Atraímos as pessoas para a verdade, mostrando-lhes a beleza da vida em Cristo de maneira real, verdadeira e tangível. Se teologia é um rio, as mulheres cavam os canais que levam a água a todas as partes do jardim. Mulheres justas pregam a verdade, mas em parábola, metáfora, poesia encarnada. O

que os pastores explicam com palavras, as mulheres cantam com comida quente, com vinho, com lares acolhedores, com amor e alegria que são derramados em tudo o que tocam e que atraem as pessoas irresistivelmente para a verdade que está sendo encarnada ali.

Não é que os homens devam estar envolvidos no ensino de teologia, e as mulheres não — é que os homens devem ensiná-la de uma maneira, e as mulheres devem ensiná-la de outra. Se os homens são as palavras, as mulheres são a música. Se os homens são o esqueleto, as mulheres são a carne. Se os homens são as ondas de rádio, as mulheres são os amplificadores. Não tem nada a ver com dizer que as mulheres não são inteligentes o suficiente, ou fortes o suficiente, ou talentosas o suficiente, ou qualquer coisa do tipo. Mas Deus ama harmonia. Ele ama o mesmo tom sendo tocado em diferentes partes da música, entrelaçando-se, harmonizando-se e cada um tornando o outro mais potente em virtude do fato de que cada um está fazendo algo diferente do outro. Deus está escrevendo uma música com harmonia, e as feministas querem insistir para que todos fiquem na mesma nota o tempo todo. Se a verdade fosse um caramelo salgado, as feministas gostariam de tirar o caramelo e servir apenas o sal.

Na notória passagem de 1 Timóteo 2, em que Paulo proíbe as mulheres de ensinar, acho interessante que ele também discuta como ela deve aprender. Todo mundo fica magoado com o fato de que ela deve aprender “em silêncio”, mas o que eles não percebem é que ela está *aprendendo*. Paulo está pressupondo que as mulheres devem ser estudantes da Palavra, e não há nenhuma indicação de que é mais importante que os homens sejam educados na fé do que as mulheres. As mulheres são proibidas de *pregar* teologia, mas nunca se supõe que elas não devem *conhecer* teologia. E não aprendemos verdades importantes para que possamos manter o conhecimento para nós mesmas, trancado lá no fundo de nossos cérebros para nossa própria edificação pessoal, mas

para que possamos pegar essa verdade e, então, traduzi-la em tudo o que fizemos. Se nosso trabalho é pegar as complicadas verdades da ortodoxia e pregá-las por meio de alimentos, estofamentos, roupas, sexo, histórias para a hora de dormir, parto e arranjo de flores, então eu diria que ter uma boa noção de nossa teologia é uma *obrigação*.

Nosso trabalho enquanto mulheres — e essa é uma responsabilidade fenomenal — é dar forma às importantes verdades de nossa fé. Se nosso papel é fazer com que a verdade *tenha sabor*, tornar a santidade *bela*, como então isso se dá em detalhes? Como um exemplo aleatório disso, considere o Natal. É claro que o Natal é, no fim das contas, quando Deus fez o que nós, mulheres, podemos apenas sombrear. A encarnação final. Em Belém, a Palavra de Deus se fez carne e habitou entre nós, a Consolação de Israel nasceu de uma mulher — e esse momento foi tão impressionante que até as estrelas tiveram de descer e a ele assistir. E então, todos os anos, celebramos esse momento. Tomamos uma das verdades teológicas mais difíceis — a Encarnação — e tentamos mostrar essa verdade por meio de nossas celebrações. Os homens podem falar sobre a Encarnação, os pais da Igreja podem escrever importantes tratados sobre ela, os pastores podem pregá-la, os teólogos podem analisá-la e defini-la... mas nós, mulheres, somos aquelas que fazem com que ela tenha algum sabor. Fazemos com que ela cheire bem. Quão louco é isso? “E para o meu próximo truque, pegarei *De Incarnatione*, de Atanásio, e o recitarei com biscoitos, papel de embrulho, canela e marshmallow, luzes colorida, toalhas de mesa, idas às compras, pedidos-frenéticos-de-última-hora-na-Amazon e tender — e farei isso de tal forma que meu filho de quatro anos realmente o *entenderá*, e isso criará raízes profundas em sua alma, onde seus amores e lealdades serão ancorados, e suas fidelidades serão moldadas até depois de seus noventa anos”.

A feminilidade é poderosa, persuasiva e atraente. O principal exemplo disso é, na verdade, dado a nós nos versículos seguintes de 1 Timóteo 2. Muito nos é dito aqui: que as mulheres devem aprender em silêncio, que não podem ensinar ou ter autoridade sobre homem, que Adão foi formado primeiro, e Eva depois, e que “Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão” (v. 14). Não creio que o ponto principal aqui seja de que as mulheres não são tão boas em pensamento crítico ou são ingênuas demais para serem autorizadas a ensinar (embora essa interpretação seja certamente difícil de negar quando olhamos para a fila de mulheres que estão tentando argumentar que deveriam ser pastoras — “Ingênuas” e “Incapazes de Pensamento Crítico” parecem ser os dois principais pontos de sua plataforma partidária). Mas, voltando ao aspecto que acho incrivelmente interessante — esse versículo vem logo após nos dizer que a mulher precisa *aprender*. Por que ela deveria aprender? Por que é importante que ela seja educada na fé? Se simplesmente conseguirmos superar nossa indignação sobre *como* ela deve aprender, convém talvez perguntar por que Paulo acha importante que ela aprenda... E realmente penso que ele responde a essa pergunta: porque quando Eva foi enganada e acreditou na coisa errada, veja a incrível destruição que causou. Eva foi enganada — seu intelecto caiu em erro — mas esse não foi o problema de Adão naquele momento. Ele não foi enganado de forma alguma — mas foi junto com Eva de qualquer forma. Seu cérebro não estava confuso, mas Eva — mesmo no erro —, é poderosa e atraente. Uma mulher que se apegou a uma crença incorreta ainda é perigosamente persuasiva; ainda exerce uma influência enorme, mesmo que o homem tenha perfeito conhecimento das coisas. É absolutamente vital que as mulheres sejam bem versadas na fé, porque, se as mulheres não forem, receio que os homens também estejam em perigo — ainda que, na ocasião, estejam muito bem preparados teologicamente. Portanto, é absolutamente vital que as mulheres sejam

soberbamente educadas — uma mulher ignorante talvez seja um dos perigos mais letais do planeta.

Com muita frequência, donas de casa conservadoras concordam, de fato, com as feministas. As feministas disseram que cuidar do lar é uma tarefa que não requer cérebro, que não exige nenhuma educação ou habilidade real e não causa impacto significativo no mundo — e elas fugiram disso. Mas muitas cuidadoras do lar reais, aquelas que abraçaram essa vida por qualquer que seja o motivo, também a tratam como uma tarefa que não requer cérebro, que não exige nenhuma educação ou habilidade real e não causa impacto significativo no mundo. Ouvi pessoas extremamente conservadoras sugerindo que suas filhas não precisavam de tanta educação quanto seus filhos, porque elas iriam apenas se casar e ter filhos — elas não precisariam de um emprego, então, obviamente, a escola não era realmente importante. Ou uma versão mais convencional disso é dizer que uma filha precisa receber educação para caso ela nunca se case, ou perca o marido, ou algo assim — “Ela precisa ter algo ao qual recorrer, caso precise se sustentar”. Realmente não penso que mesmo a feminista mais ardente possa ser mais insultuosa aos cuidados com o lar do que isso.

Meu irmão é membro de uma pequena e extremamente rigorosa faculdade de artes liberais cristã chamada New Saint Andrews, que é também minha alma mater. Os alunos estudam, entre outras coisas, teologia, filosofia, retórica, história, literatura, latim, grego, arte, filosofia natural e música. A carga horária é rígida, as expectativas são altas e as provas finais orais individuais com os professores são intimidadoras. Definitivamente, não é o lugar para ir se você estiver procurando por quatro anos tranquilos e agradáveis de saídas e jogos com os amigos. Por causa da natureza exigente da educação, às vezes pode ser fácil para as meninas se cansarem e começarem a se perguntar por que mesmo acharam que essa era uma boa ideia (bem, e os caras também, se essa for a questão). Mas, especialmente se tudo o

que a garota realmente quisesse fazer por se casar e ter uma família, pode ser fácil começar a se alvoroçar com a carga horária, sentindo que todos esses livros grossos e conceitos difíceis estão fazendo sua cabeça doer sem qualquer bom motivo, e desejar poder jogar tudo para o alto e partir para o mundo feliz do lar, onde, aparentemente, ela nunca mais terá que pensar novamente. Sempre que as alunas do meu irmão começavam a mostrar sinais dessa atitude, ele ouvia todo o seu infortúnio, dizia que realmente simpatizava com a situação e se oferecia para ajudá-las. Ele dizia que faria camisetas para elas usarem nas aulas — camisetas que trariam grandes letras nas costas: “Somente para fins de procriação”. Agora — no cenário acima, quem está insultando os cuidados com o lar? Vou dar uma dica — não é meu irmão. Basicamente, as meninas que não conseguem enxergar como a educação as beneficiará como cuidadoras do lar estão no mesmo nível das feministas mais dedicadas, acreditando que um cérebro é um desperdício se você for ser “apenas” esposa e mãe.

Outros conservadores reagem contra esse tipo de coisa e tentam fazer o cuidado com o lar parecer com um trabalho realmente importante. E, embora eu aplauda o sentimento no abstrato, as maneiras pelas quais eles tentam fazê-lo são, com frequência, excruciantemente paternalistas e nem um pouco úteis. Quando uma mulher começa a descrever de forma séria suas tarefas diárias com o vocabulário do mundo corporativo, soa como se ela fosse uma triste aspirante à carreira profissional que teve algo que deu errado em algum momento do caminho, e daí teve que recorrer a brincar de se fantasiar e fingir ser importante. Estou falando de se descrever como “chefe especialista em saneamento, coordenadora regional de transportes, diretora de culinária e diretora executiva do lar”. Isso, na verdade, não ajuda em nada a percepção de que as donas de casa têm uma vidinha triste. Nosso trabalho *não* é importante porque nos mantém tão ocupadas quanto se tivéssemos carreiras “reais”. Não é

importante porque podemos apresentar palavras que soam importantes para descrevê-lo. Nosso trabalho é importante porque é *poesia*. Porque molda amores e lealdades, ele ensina e condena. Ele é importante porque pega verdades gloriosas e encarna-as, torna-as visíveis e tece-as nas almas das pessoas ao nosso redor.

O que quero dizer exatamente quando digo que nosso trabalho é poesia? Pense por um momento sobre o poder de um verso poético bem trabalhado. A potência da poesia reside em sua capacidade de tomar um conceito amplo, complicado e prolixo, e então condensá-lo em alguns poucos versos bem escolhidos que comunicam a mesma coisa, porém de forma melhor. Veja estes versos de Alexander Pope.

O conhecimento pequeno é uma coisa perigosa;
Beba do fundo, ou sequer prove da fonte Pieriana;
Pois os goles rasos intoxicam o cérebro,
E o beber farto nos torna sóbrios outra vez.³⁵

Agora, deixe-me tentar dizer a mesma coisa, capturando todos os mesmos conceitos, só que desta vez em prosa. Como fica:

É perigoso ter apenas um pouco de conhecimento, porque quando você tem pouco conhecimento, não percebe o quão pequeno é realmente seu conhecimento e pode deixar-se levar pela sua própria sabedoria da mesma maneira que pode ficar bêbado — só que a parte estranha é que, quando você fica bêbado, é porque você participou demais e, no caso da educação, a embriaguez vem porque você não participou o suficiente. E do que você está participando é a fonte da sabedoria, que eu poderia descrever como a fonte das Musas, já que elas são a fonte de conhecimento na mitologia grega. Essa é a fonte da qual é importante beber profundamente para ficar sóbrio, porque se você beber apenas um pouco, ficará bêbado — não por sabedoria, mas por sua própria ignorância. Portanto, a fonte do conhecimento é como o álcool, só que ao contrário.

Ufa! Prolixo e tedioso. Mas agora volte e leia a versão de Alexander Pope novamente. Diz tudo isso — mas diz

lindamente. Diz isso de uma maneira que faz você pensar, imaginar, mastigar e desvendar. E, quando terminamos, podemos voltar, ler novamente e ainda desfrutar, porque a poesia é fascinante. Na verdade, a beleza da poesia é o que nos leva a tentar desvendá-la de início — e ninguém jamais teria vontade de ler minha versão em prosa novamente, mesmo que tenha conseguido se concentrar da primeira vez.

De maneira semelhante, as mulheres tem esse dom único de serem capazes de pegar um conceito prolixo, seco e abstrato — e, então, narrá-lo em poesia encarnada, tornando-o algo para o qual as pessoas desejam retornar. Amo como as rainhas são retratadas na literatura anglo-saxônica, isso ilustra bem esse conceito. Na cultura guerreira dos saxões, a sala do hidromel era o centro do universo deles. Era onde todos os homens se reuniam para tomar hidromel, banquetear-se, ouvir as canções do bardo e receber as recompensas do rei. Eles sentavam-se em bancos no grande salão, e a rainha era quem trazia o hidromel para os guerreiros, servindo-os a partir de um chifre gigante. Enquanto caminhava pelo salão, servindo os homens, ela lhes entregava presentes, recompensas do rei por sua bravura em batalha. Distribuía o ouro e lembrava-os de seus deveres e votos de lealdade. Enquanto fazia seu caminho pelo salão, tecia os homens em união em torno das mesas, cimentando suas lealdades entre si e à causa comum. Pense em quanto isso é mais eficaz do que lhes enviar um formulário pelos correios, lembrando-os das cláusulas de seus contratos ou fazendo com que todos participem de um seminário com uma apresentação em PowerPoint. Comida, comunhão, riso, beleza — essas coisas formam lealdades profundas.

Minha mãe estabeleceu um exemplo incrivelmente poderoso a esse respeito. Tenho um irmão e uma irmã e, quando estávamos crescendo e nos mudando da casa de nossos pais, eles nos convidavam para ir à casa deles todos os sábados à noite para um jantar de Sabbath. Não havia pressão — nenhum indício de “você tem que vir senão ficaremos

ofendidos” — simplesmente um convite para uma grande e amável refeição com comida, vinho e comunhão todos os sábados. Rapidamente essa se tornou uma parte da semana inegociável para nós, filhos. Chegou ao ponto em que planejávamos nossas viagens o máximo possível para garantir que não perdêssemos o jantar de sábado. Havia seis de nós ao redor da mesa quando começamos, e agora minha mãe faz o jantar todos os sábados para os oito adultos e dezessete netos de nossa família imediata, além de vários extras que acolhemos. Sem qualquer convidado extra, nosso número de base toda semana é trinta e cinco. Meus filhos cresceram sentando-se à mesa toda semana com dezessete primos, tias, tios, avós e seu bisavô. As crianças têm seus copos cheios para brindar o Dia do Senhor, e a noite é repleta de comida incrível, risos, caos, bagunças e histórias, discussões políticas e queimada primos-versus-tios (apelidado de “queima-tio”) nas noites de verão. Quando olho em volta todos os sábados à noite para o mar de rostos sorridentes de primos, vejo profundas alianças sendo formadas e lealdades sendo cimentadas na sala de hidromel de minha mãe. Esses são laços que serão muito, muito profundos, e são formados pelo amor sacrificial da minha mãe, amor do qual se sente o cheiro assim que se abre a porta do carro na entrada da garagem, amor que tem a aparência de uma linda mesa, amor que tem gosto de carne, batata e molho, amor que você pode ouvir na conversa de vozes felizes, rindo ao redor da comida e do vinho, amor que você pode sentir no calor do fogo crepitante e nos abraços acolhedores.

Quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós, essa Encarnação era a salvação do mundo. De uma maneira muito menor, em uma escala menor, as mulheres são chamadas a pegar a Palavra e torná-la carne — como isso poderia não ser incrivelmente poderoso e transformador? Como poderíamos olhar para a nossa tarefa e pensar que é humilhante, ou que não necessita de inteligência, ou pequena, ou menos importante que a tarefa dos homens? Como poderíamos ver

essa oportunidade e nos incomodarmos porque queríamos ficar em pé no púlpito ou sentadas em uma baia?

32 @planetcath, “The Breeders,” Motherhood Is a Feminist Issue, <https://miafi.wordpress.com/2014/09/27/the-breeders> (acessado em 24 de fev., 2016). Isso, na realidade, foi escrito por uma mãe lésbica defendendo o fato de ter tido um filho em certo ponto.

33 Jill Filipovic, “The choice to be child-free is admirable, not selfish,” The Guardian, <http://www.theguardian.com/commentisfree/2013/aug/16/choice-child-free-admirable-not-selfish> (acessado em 24 de fev., 2016).

34 Se esta for a primeira vez que você estiver ouvindo sobre tudo isso, pode encontrar uma abordagem mais completa da questão em Douglas Wilson, *Why Ministers Must Be Men* (Monroe, LA: Athanasius Press, 2010).

35 Alexander Pope, “An Essay on Criticism” (1711), Parte 2, versos 15–18.

AUXILIAR NA PRÁTICA

Eva foi criada como uma auxiliadora para Adão, e já vimos como isso deve ser lido, não como um papel inferior, mas como um papel extremamente significativo e poderoso. Mas também é um pouco relativo. As “mulheres” não são chamadas para auxiliar os “homens”, mas cada mulher deve auxiliar seu próprio marido. E, visto que cada homem é diferente e tem um chamado vocacional diferente, significa que o trabalho de cada mulher será completamente único.

Não existe uma lista de verificação disponível para impressão no Pinterest que abranja os deveres diários de cada esposa piedosa. Não é algo simplista, e requer uma boa dose de sabedoria, criatividade e habilidade de traduzir e aplicar os princípios às nossas próprias situações. Felizmente, porém, isso harmoniza muito com as nossas aptidões femininas.

Anos atrás, meu marido e eu compramos uma velha casa de fazenda toda malcuidada e começamos a reformá-la. Arrancamos tudo da cozinha e começamos do zero. Enquanto estávamos descobrindo como queríamos a nova cozinha, comecei a mostrar as fotos ao Ben para ver se conseguia ter uma percepção de seu gosto, pois até aquele momento havíamos morado em casas alugadas e não havíamos tido a opção de criar algo que realmente *nos* refletisse. Fiquei girando em torno das cozinhas brancas, mas Ben não parecia gostar de nenhuma delas. Ele é um cara que sabe do que gosta, mas não tem uma única gota de decorador em seu sangue, então ele nunca explicava realmente por que não gostava delas ou o que o incomodava a seu respeito. Obviamente, eu queria criar uma cozinha que nós dois amássemos, mas estava tendo dificuldade para descobrir o que exatamente o fazia reagir daquela maneira. Então, um dia ele falou. Mostrei-lhe uma bela cozinha branca, toda brilhosa,

com mármore, luz do sol e toda fabulosa... e ele disse: “Não gosto de cozinhas que parecem cheirar a produtos de limpeza. Acho que a cozinha deve parecer cheirar a comida quente no forno. Era isso. A chave. Algo com o qual eu poderia trabalhar. Sim, era vago. Fazer com que algo *parecesse cheirar* a algo quente e delicioso... não é exatamente uma descrição concreta. Mas era tudo de que eu precisava. Eu só precisava que me apontassem a direção certa e, então, pude pegar a ideia e traduzi-la. Pude transformá-la em opções de pintura e acabamentos de madeira, e fomos capazes de criar uma cozinha que nós dois amássemos completamente.

E é isso que cada uma de nós, mulheres, precisa fazer para descobrir como ser uma auxiliar de seu próprio marido. Precisamos pegar algo um pouco abstrato e traduzi-lo. Cada uma de nós tem um projeto completamente diferente em mãos, e precisamos descobrir como ser obedientes em nossas próprias circunstâncias. Quais serão os aspectos presentes em auxiliar, sacrificar, glorificar e frutificar se seu marido for um encanador que gosta de caçar e detesta festas? Parece que os aspectos seriam completamente diferentes, caso ele fosse um apicultor que gosta de palavras cruzadas e jardinagem ou um acadêmico que gosta de ópera e jantares. Cada homem é único, e ser uma auxiliar para ele significa que você precisa traduzir — pegar um princípio abstrato e traduzi-lo em algo tangível. Só porque uma mulher demonstra seu amor por seu marido, dando-lhe comida exótica, não significa automaticamente que isso será uma bênção para ele, se ele realmente preferir apenas um sanduíche de atum.

O princípio em cada caso é o mesmo, mas cada uma de nós traduzirá à sua maneira. Você já viu uma mulher que se veste para o corpo que gostaria de ter e não para o corpo que realmente tem? É sempre doloroso de testemunhar. Da mesma maneira, precisamos auxiliar o esposo que realmente temos, e não o que pensamos que ele deveria ser. Precisamos traduzir. Tornar os princípios concretos em nossas próprias situações. Olhe para o seu marido, olhe para o chamado dele,

olhe para os amores dele e, então, glorifique-os. Entregue-se ao projeto. Se ele for eletricista, torne isso glorioso — garanto que você consegue fazer isso. Faça com que seus filhos vejam que o pai deles é incrível e que seu trabalho é significativo, e que eles são incrivelmente privilegiados por fazer parte disso. Um exemplo aleatório e bem conhecido de alguém fazendo isso é a blogueira Pioneer Woman.³⁶ Ela assumiu seu papel de esposa de um criador de gado e o glorificou. Ela se regozija com o fato de o marido estar lá na lama com as vacas, porém teria sido igualmente fácil envergonhar-se do que ele faz e desejar que ele tivesse um emprego na cidade com plano de saúde. Ela se dedicou à sua parte de uma maneira absolutamente admirável. Por outro lado, só porque ela escreve sobre o trabalho do marido dela não significa que o seu marido gostaria que você fizesse isso com o dele. Ele pode não ficar animado com você tirando fotos dele em sua baia e postando sobre o quão atraente você acha que ele fica com seu novo suéter. Você tem que traduzir, não copiar. Você deve olhar para sua própria situação e usar sabedoria, criatividade, discernimento. Pegue a abstração e torne-a concreta, torne-a gloriosa. Dê corpo a ela.

O que seu marido ama? Como ele gosta de passar o tempo? Como ele quer que seus filhos sejam criados? Descubra e, então, tome a iniciativa. Faça acontecer, e faça acontecer de uma maneira que tire o fôlego — uma maneira que ele nunca poderia ter alcançado sozinho. E não olhe para o que as outras mulheres estão fazendo, a menos que você traduza antes de incorporar a ideia — não tente auxiliar o marido que você não tem. Isso seria apenas tentar ser a faca quando o que se precisa é de um abridor de latas.

Isso talvez soe um pouco indigno. A ideia de tentar auxiliar um homem em vez de perseguir seus próprios sonhos parece um pouco embaraçosa, principalmente se o marido com quem você se depara não parece um projeto especialmente gratificante. Mas lembre-se de que isso é transformador. As

mulheres mudam o mundo dessa maneira. Em 1 Pedro, é dito às esposas que elas são capazes de ganhar seus maridos sem uma palavra — e isso é porque podemos ser convincentes, poderosas e persuasivas sem ela (1Pe 3:1). Se as esposas retornassem a seus postos de batalha dessa maneira, penso que notariam seus maridos começando repentinamente a ter um desempenho muito melhor.

Mas e se você não tiver marido? E se não houver uma personalidade específica para delimitar a sua vocação? Isso quer dizer que não há lugar para você, nenhum trabalho significativo disponível? Claro que não! Pense por um segundo sobre o significado da terra de Israel no Antigo Testamento. O presente incrível que Deus deu ao seu povo foi essa terra, e pense em quanto da lei trata sobre como essa terra deve ser alocada, herdada e passada. Uma herança na terra era extremamente significativa e estava bem no cerne do que significava ser um israelita. Mas, então, Deus reservou para si um povo especial, os levitas, e disse: “Na sua terra, herança nenhuma terás e, no meio deles, nenhuma porção terás. *Eu sou a tua porção e a tua herança* no meio dos filhos de Israel” (Nm 18:20). Os levitas não possuíam herança na terra porque sua herança era o próprio Deus, e essa não era uma situação em que os levitas levavam a pior no acordo. Ser chamada para ser esposa é um enorme privilégio e um grande empreendimento com um enorme significado, mas se Deus não lhe deu uma herança na terra, é porque ele mesmo é sua herança. Você tem um conjunto diferente de desafios à sua frente e um conjunto diferente de bênçãos, mas o seu trabalho é o mesmo. Você pega a verdade do evangelho e a traduz em uma vida bela, atraente e encarnada, que prega a bondade de Deus a todos que a rodeiam. Toda mulher cristã é chamada para isso, independentemente de sua posição particular na vida.

³⁶ Ree Drummond é uma blogueira americana bastante conhecida que documenta sua vida diária como esposa e mãe em uma fazenda nos

EUA. [N.T.]

GLORIFICAR NA PRÁTICA

Você já reparou como os convites para eventos formais especificam o código de vestuário quanto ao que os homens devem usar? Você pode ser convidada para um evento black tie, mas ninguém espera que as mulheres estejam usando smoking e gravata borboleta — espera-se simplesmente que elas saberão como traduzir. Quando morávamos em Oxford, éramos frequentemente convidados para eventos com rigorosos códigos de vestimentas — e eu tinha que entender que, se meu marido fosse instruído no convite para usar um terno, isso se traduzia em um belo vestido para mim, mas definitivamente não um vestido de gala. Por outro lado, se lhe dissessem para usar um fraque, um vestido de gala seria inegociável. O traje “casual” tinha expectativas muito distintas para os homens — e, então, as mulheres traduziam isso em algo comparável, mas feminino. Em cada um desses casos, os homens usam o que está literalmente escrito, com muito pouca flexibilidade — e as mulheres incorporam o princípio, mas cada uma faz isso à sua maneira. Em um evento black tie, todos os homens têm a mesma aparência, mas as mulheres estão todas manifestando essa formalidade de maneiras completamente únicas, nenhuma das quais envolvendo um smoking ou gravata borboleta. E o que mais me impressiona é que, quando todos olham as fotos mais tarde, são as roupas das mulheres que querem ver. Ninguém se importa com o que os homens vestiram — as fotos do tapete vermelho são todas de mulheres. Portanto, o convite dá a regra aos homens — mas o que todo mundo realmente quer saber é o que as mulheres farão com isso. Como as mulheres pegarão a “regra” e a glorificarão?

Agora imagine se as mulheres comessem a ficar ofendidas por não terem sido mencionadas nos convites. E comessem

a insistir para que recebessem a mesma atenção nas especificações do código de vestuário? E se reclamassem que deveriam ter permissão para usar gravatas borboletas como os homens e deveriam ser tratadas de maneira completamente equivalente? Perderíamos imediatamente o interesse no que as mulheres estariam vestindo, porque se tornaria rapidamente tedioso. Se todas comessem a aparecer em festas vestindo fraques como os homens, seria a cena mais deprimente que eu poderia imaginar. Assim que as mulheres começam a exigir “igualdade” a todo custo, elas matam a glória, porque a essência da glória depende da *diferença*. Imagine uma harmonia vocal comovente e arrepiante — e agora imagine o que aconteceria se a polícia da igualdade chegasse para insistir que todos cantassem na mesma nota. Temos que estar dispostas a acolher o fato de que as mulheres são diferentes dos homens. Somos chamadas para coisas diferentes das dos homens, fomos criadas para realizar tarefas diferentes das dos homens, fomos dotadas de maneira diferente das dos homens — e, se abraçarmos essa verdade, descobriremos que somos capazes de cantar em harmonia, capazes de glorificar.

E é isso o que fazemos, afinal. Nós glorificamos. Somos feitas tanto para *ser* glória quanto para *multiplicar* essa glória nas pequenas e nas grandes coisas. Fundamentalmente, mostramos e tornamo-nos essa glória ao submetermo-nos livremente a alguém que é equivalente a nós, ao entregarmos-nos, sacrificarmos-nos pelos outros, e essa glória é uma chama que cresce e se espalha. É uma cidade no monte que não pode ser escondida. É uma luz que brilha diante dos homens que veem nossas boas obras e, então, glorificam nosso Pai que está no céu (Mt 5:16). É uma glória que aponta para a glória maior, uma vela próxima ao sol.

Mas essa é uma glória que só crescerá se estivermos direcionadas para algo fora de nós mesmas, se nossos amores e desejos estiverem focados em outra coisa, se formos capazes de nos entregar pelo outro. A glória morre quando começamos

a olhar para nós mesmas, para as nossas necessidades, nossos direitos, nossa autoestima, nossa realização. Se nos prendermos a essas coisas, se nos segurarmos e nos agarrarmos a nossa própria dignidade, certamente a perderemos. Quem tentar salvar sua vida a perderá. Mas quem estiver disposto a perder a vida, por amor a Deus, a encontrará.

Quando entregamos no altar o que nos é mais caro, quando o enterramos, Deus o devolve a nós, glorificado. Se depositamos nosso orgulho, ele nos dá uma dignidade incrível. Se depositamos nossos sonhos, ele nos dá uma realização indizível. Quando enterramos nossas próprias ambições, ele as devolve de volta com juros. O que colocamos no chão é uma pequena semente seca, e o que Deus nos entrega é um punhado maravilhoso de flores — não é um mau negócio. Então, precisamos parar de nos sentir constrangidas por termos perdido nossa semente. Quando olharmos para a nossa planta cheia de flores, não precisamos nos envergonhar caso a mulher bem-vestida de carreira bem-sucedida estenda a mão e nos mostre que ainda possui sua pequena semente. (E, novamente, a imagem da “mulher bem-vestida e de carreira bem-sucedida” é de fato uma imagem precisa do trabalho de uma mulher comum fora da terra do faz de conta da TV? Esse sonho glamouroso costuma estar muito longe da realidade da maioria das mulheres trabalhadoras). Quando a cultura zomba de nós por termos cometido a estupidez de depositar nossa semente na terra, quando eles têm pena de nós por termos deixado cair aquela preciosa bolinha marrom e seca em vez de mantê-la em nossas mãos suadas, precisamos nos virar, olhar para as flores e agradecer a Deus por sua misericórdia que nos permitiu abrir mão dela.

A glória feminina é frutífera. Produz. Constrói. Cria. E isso é feito de maneiras profundas, impressionantes, surpreendentes, belas e, muitas vezes, bagunçadas, hilárias e ridículas. Frutos nunca são organizados, e construir coisas

sempre causa bagunça — então, fique de olho na colheita e perceba que, neste mundo que Deus criou, a lama é um ingrediente essencial. Pense na casa pronta e tenha em mente que haverá serragem. Lembre-se de que o celeiro fica limpo quando não há boi, mas a abundância ocorre pela força de um boi (Pv 14:4). À medida que construímos, glorificamos e tentamos imitar a Deus em nossa fecundidade, devemos garantir que nossa visão da aparência que isso terá seja moldada pelo que o próprio Deus nos mostrou, e não pelo que as revistas de estilo minimalistas alegam ser uma vida bela. Por outro lado, a lama não é o objetivo, a serragem não é o produto final, e a sujeira no celeiro não é a mesma coisa que um boi. Estamos tentando construir algo glorioso e precisamos não temer a sujeira nem nos distrair pensando que a sujeira é tudo o que existe.

Então *seja* a glória do seu marido. Seja a poesia concentrada, intoxicante e encarnada que conta a história da morte e ressurreição e, então, entregue-se à tarefa de glorificar. Seja frutífera. Construa sua casa. Trabalhe duro. Seja ambiciosa. Seja produtiva. Aprenda mais. Corra mais. Pegue os presentes que Deus lhe deu, os desejos que ele lhe deu, as restrições que ele lhe deu e, então, descubra como entrelaçá-los em algo glorioso, algo atraente, um aroma maravilhoso que não pode ser contido e que convida um mundo quebrado a vir e provar, e ver que o Senhor é bom.

Conclusão

RESTAURANDO AS VEREDAS

Ao olharmos ao redor para nossos vários males sociais, e existem muitos, a maioria de nossas questões morais mais prementes é resultado direto das mulheres desta nação lutando pelo que declaram ser seus “direitos”. Não estou argumentando que os homens não tiveram nada a ver com isso. Obviamente, compartilham uma grande parte da responsabilidade pela cratera fumegante que é nossa nação. Mas não se discute com o fato de que, enquanto os homens ficavam por aí com as mãos nos bolsos, as *mulheres* corriam por aí com tochas, ateando fogo em tudo e espalhando galões de gasolina.

O exemplo mais óbvio disso é certamente o aborto. Quando os dolorosos vídeos das clínicas de aborto Planned Parenthood foram publicados e revelaram que o horrível tráfico de partes de corpo de bebês é comum, mas mantido em segredo, nosso país, como um todo, manteve-se insensível. Pacotes FedEx cheios de cabeças de bebês sendo enviados de uma clínica macabra a outro laboratório macabro — e a maioria das pessoas realmente não parecia se importar.

Isso ocorre porque, por um século, fomos catequizados pelo feminismo para acreditar que a decisão de uma mulher de matar seu bebê é um direito humano básico e que, quando o corpo de uma mulher é invadido por outro pequeno humano, esse pequeno humano está invadindo propriedade privada, e, portanto, perde todos os direitos e não pode reivindicar proteção. E quem lutou para que essa história se tornasse a narrativa aceita? As mulheres, é claro. Elizabeth Cady Stanton ensinou às mulheres de sua época que a maternidade deveria ser voluntária, Margaret Sanger lutou pelos direitos práticos de tornar isso real, e Gloria Steinem trabalhou diligentemente para que o aborto fosse visto como

normal e bom. No último século, foram as mulheres que fizeram campanha no Congresso, as mulheres que marcharam em Washington, as mulheres que publicaram as revistas e as mulheres que lutaram incansavelmente por esse “direito”. A contagem de corpos está agora em cinquenta e oito milhões. Cinquenta e oito milhões de americanos minúsculos massacrados — das mulheres, pelas mulheres e para as mulheres — para que o direito ao sexo sem consequências não pereça nessa terra.

Algo que achei impressionante nos vídeos de David Daleiden (mostrando como a Planned Parenthood ganha dinheiro vendendo partes de corpos de bebês abortados) foi como *toda* a indústria do aborto é administrada por mulheres. Elas não são apenas as clientes. Os médicos do aborto são mulheres, as enfermeiras são mulheres, as diretoras são mulheres, as pessoas que fazem acordos por baixo do tapete para comprar e vender partes do corpo... todas mulheres. As mães americanas superaram Stalin pela contagem de corpos, excederam Hitler, sobrepujaram em muito a Pol Pot. As mães americanas travaram uma guerra contra a própria maternidade, e esta é uma guerra com baixas reais, com sangue de verdade e com cinquenta e oito milhões de sepulturas não marcadas nos aterros sanitários de nosso país. E Adão colocou o nome de sua esposa de Eva, porque ela era a mãe de todos os vivos — e nós, americanas, insistimos em cortar a fertilidade de Eva para que o próprio nome de *Eva* torne-se sem sentido. “Ainda podemos estar presas a corpos que engravidam, mas pelo menos você não pode nos fazer ser as mães dos vivos... seremos as mães dos mortos, muito obrigada!”.

A palavra hebraica para o ventre de uma mãe é *raham* — e a raiz dessa palavra significa “misericórdia”. No Antigo Testamento, o útero era literalmente o lugar de misericórdia, o corpo da mulher era a personificação da misericórdia — e, no entanto, transformamos o útero em um dos lugares mais perigosos de nossa nação, tendo uma taxa de mortalidade

pior do que qualquer periferia, e foram as mulheres que lutaram tanto por “seu direito” de não mostrar misericórdia.

Outro dos incômodos óbvios da nossa cultura é a devassidão total e completa do discurso público. Somos como um país que insiste em administrar esgoto a céu aberto pelas ruas. Nossa música pop, filmes populares, programas de TV, todos contêm um nível de imundícia que as gerações anteriores nem sequer seriam capazes de compreender, para não falar da onipresença da pornografia. Agora até mesmo nossos debates presidenciais são obscenos. Como chegamos a isso? Mais uma vez temos que agradecer às mulheres. Quem trabalhou incansavelmente para quebrar todos os tabus culturais existentes há séculos? As feministas. Foram elas que insistiram em falar sobre sexo o tempo todo, no microfone, recusando-se a calar a boca sobre isso. Foram elas que levaram o quarto para a praça pública. Uma das maiores lutas de Margaret Sanger ao longo de sua vida foi contra as leis antiobscenidades. As feministas jogaram uma bola de demolição contra a decência pública e, uma vez que um tabu é quebrado, é quebrado para sempre. O fato de os rappers poderem, de maneira repugnante, obscena e gratuita, elogiar a terrível violência contra as mulheres por frequências de rádio e ganhar muito dinheiro fazendo isso — é um grande agradecimento às feministas. Gerações anteriores teriam prendido esses homens imediatamente.

E as nossas brigas atuais sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo? Graças às feministas. As feministas foram aquelas que lutaram com unhas e dentes para dismantelar o casamento tradicional, e fizeram-no *muito* antes dos homossexuais começarem a falar sobre isso. Mary Wollstonecraft nasceu em 1759, lembre-se. E, nos Estados Unidos da América, antes da Guerra Civil, Elizabeth Cady Stanton estava optando por remover a palavra “obedecer” [ao marido] de seus votos de casamento. Foram as mulheres que derrubaram as ideias dos papéis tradicionais no casamento — foram elas que derrubaram os muros que cercavam o

casamento para poderem escapar. Mas, uma vez que esses muros são derrubados, permanecem derrubados. Não há surpresa nenhuma que outras pessoas tenham decidido entrar.

E todas as brigas de transgêneros? Obrigada, mulheres, por pavimentar essa estrada. Lembre-se, se você pensar na lógica de toda a insistência em “direitos reprodutivos”, as mulheres estavam exigindo serem libertas das restrições de sua própria biologia. As restrições de seus corpos. Elas queriam se libertar de *seus próprios corpos*, o que é algo impressionante de pensar. E elas venceram. Mas é claro que, uma vez que concordamos que o seu corpo pode ser algo que “prende você”, algo que deve ser combatido e violentamente contido se necessário, concordamos, em princípio, com toda a retórica do argumento de transgêneros.

A situação em que nos encontramos agora, em um país que diz que Bruce Jenner é a melhor mulher que existe, um país que exige que homens adultos devam poder entrar nos vestiários femininos juntamente com as meninas, um país que está massacrando a próxima geração aos milhões, um país que pensa que dois homens são praticamente a mesma coisa que um homem e uma mulher — é assim a aparência de um país quando mulheres egoístas venceram cada uma das batalhas que travaram.

Provérbios 14:1 diz que uma mulher sábia edifica sua casa, mas uma mulher insensata a destrói com suas próprias mãos. O que testemunhamos ao longo do século passado foram milhões de mulheres nos Estados Unidos, em uníssono, derrubando suas casas com as próprias mãos — e o resultado é que elas desmantelaram essa nação pedaço por pedaço. As mulheres têm estado focadas, incansáveis, implacáveis e motivadas. Passaram o bastão de uma geração de ativistas para a seguinte, incitando mulheres insensatas e egoístas em todos os lugares a pegarem suas marretas e começarem a bater em suas próprias paredes. Quando olhamos ao nosso redor, não restou muito. As mulheres são

capazes de grande destruição, como estamos agora em posição de ver em primeira mão.

Mas, por outro lado, uma mulher sábia é capaz de *edificar* uma casa tanto quanto uma mulher insensata é capaz de derrubar uma. E, se as mulheres podem derrubar uma nação, também podem construir uma nação novamente. Pense nas mulheres das Escrituras que deram à luz, cuidaram, edificaram, defenderam e salvaram a nação de Israel. Sara, Noemi, Tamar, Rute, Ester e Maria. Essas foram mulheres cuja obediência gerou resultados incríveis.

Quando olhamos ao nosso redor, vemos que as mulheres americanas têm muito do que prestar contas. Mas muitas de nós gostaríamos de ver as coisas mudadas — então, vamos arregaçar as mangas e começar a arrumar essa bagunça. A única coisa a ter em mente, no entanto, é que fazer uma bagunça e limpar uma bagunça são duas atividades totalmente diferentes, e as ferramentas terão uma aparência diferente. Não devemos olhar para as feministas como um modelo de negócios. Uma bola de demolição não tem a mesma aparência que um equipamento para colocar tijolos. As feministas estão no modo de demolição, que envolve marchar e gritar, exigir e fazer pressão. Se quisermos começar a construir, isso envolverá um monte de pequenos e aparentemente insignificantes atos de obediência.

Precisamos reconstruir uma nação. Deus nos chamou para sujeitar um planeta inteiro, e devemos começar com a bagunça que está bem à nossa frente. Esse é um trabalho enorme e, portanto, não devemos nos satisfazer com pouco. Se nossos maiores objetivos e sonhos são ter muitos seguidores no Instagram, teremos muitas contas a prestar no Dia do Julgamento. Mas, embora não devamos nos satisfazer com pouco, também não devemos desprezar o pouco... porque, na lógica do evangelho, são as pequenas coisas que acabam sendo as maiores (Zc 4:10). As duas pequenas moedas acabam sendo o maior presente. O copo de água fria para um dos pequeninos acaba por ser extremamente

significativo. Portanto, não se satisfaça com pouco, mas não despreze as pequenas coisas que são, na verdade, grandes coisas. Aprenda a perceber a diferença. O que você faz em sua sala com três crianças pequenas quando ninguém mais está lá para ver tem realmente implicações enormes. (Uma razão é que você tem três almas imortais a seu cargo — três pessoas para moldar que viverão para sempre — como isso poderia ser algo pequeno?). Mas todo ato de sacrifício, todo ato de obediência está cimentando outro tijolo de volta na parede. Cada vez que, com alegria, pegamos o que Deus nos deu e trabalhamos para obter ganho — representa outro pedaço no meio dos destroços. Cada família que ri junto, amando-se, sendo entrelaçada por uma mulher forte que vê a profunda importância do que está fazendo — é de extremamente significância para a reconstrução desta nação.

Na guerra anglo-saxônica, os exércitos faziam uma formação chamada de parede de escudos. Os guerreiros se posicionavam lado a lado, com escudos na frente, entrelaçados em uma parede sólida que avançava sobre o inimigo. Se um homem era morto, outro entrava imediatamente para ocupar seu lugar, porque uma brecha na parede de escudos era mortal. Se a parede se quebrasse, o inimigo teria uma rachadura na qual poderia entrar como uma cunha, deixando o exército aberto para a destruição. Enquanto a parede resistisse, eles não poderiam ser derrotados — mas você pode imaginar como a covardia pessoal seria devastadora nessa situação. Se um homem na fila se virasse e corresse, se ele quebrasse a parede de escudos por dentro, todo o exército sofreria. Se houvesse covardia *por dentro*, a destruição *por fora* seria inevitável. Homens e mulheres receberam papéis de nosso criador, e estamos entrelaçados juntos em uma parede de escudos para promover o reino neste mundo. Mas muitas mulheres se cansaram de sua posição e abandonaram a parede de escudos, convencidas de que não era realmente importante ficar ali. Afastaram-se para encontrar um lugar onde

pudessem ser mais apreciadas, e, como resultado, nossa cultura sofreu danos terríveis. As mulheres deixaram suas posições vazias, e não houve ninguém que pudesse intervir e preencher essa lacuna, porque ninguém, nem mesmo Bruce Jenner, pode ser um substituto para uma mulher. A parede se quebrou, e o inimigo invadiu. Nossa cultura está destrozada, em caos, em baixas, em carnificina e destruição ao nosso redor. Parece inútil, mas e se todas as mulheres cristãs tentassem voltar àquela parede de escudos novamente? E se pegássemos as armas que nos foram atribuídas e realmente tentássemos usá-las? Existem milhões de nós — poderíamos fazer uma enorme diferença se decidíssemos simplesmente ser obedientes.

Isaías 58 tem uma bela promessa de obediência.

Se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam. Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável. (Is 58:10–12)

Entreguemo-nos com fidelidade, confiemos na bondade de Deus e creiamos verdadeiramente que ele nos fará como jardins regados, como manancial cujas águas nunca secam. Creiamos nele quando diz que é assim que iremos edificar as antigas ruínas — até mesmo o terreno baldio que é nosso destrozado país. Oremos para que se diga de nós: *Estas foram as mulheres que levantaram os fundamentos de muitas gerações, que repararam as brechas, que restauraram as veredas para que o país se tornasse habitável.*

As senhoras desfalecentes da era vitoriana e as donas de casa

dos anos 1950 careciam de genuína emancipação. Fato que não se discute. Então, as feministas da primeira onda protestaram pelo voto feminino; as feministas da segunda onda protestaram pela proibição das bebidas alcoólicas, por empregos, pelo direito ao aborto; e, atualmente, as feministas da terceira onda se posicionam firmemente ninguém sabe ao certo por qual motivo. Agora, contudo, as mulheres modernas — que usam antidepressivos em quantidade nunca vista na história — mais do que nunca precisam de emancipação. A verdade é que as feministas nunca souberam o que é emancipação. Elas nos levaram a um beco sem saída entediante.

Eva no Exílio abandona todos os estereótipos das donas de casa do século passado, da feminilidade de porcelana, dos desmaios vitorianos, das mulheres proibidas de pensar por conta própria, de conversar sobre qualquer coisa interessante ou importante com os homens. Também abandona as executivas da TV com seus terninhos risca de giz e sapatos salto agulha, as feministas falastronas livres de qualquer amarra, as corajosas mulheres de carreira, donas do próprio destino. Assim, libertas desses estereótipos fictícios — sejam motivo de nojo para você, sejam do seu agrado —, as cristãs podem focar nas mulheres de verdade. *Com qual propósito Deus criou as mulheres de verdade?*

Rebekah Merkle tem se envolvido em uma série de ocupações, desde administrar sua própria marca de roupas e desenhar padrões de tecido até lecionar Humanidades em tempo integral no ensino médio. Seus desenhos como estilista já figuraram em diversas revistas de moda, e ela também já editou o currículo de literatura britânica para a editora Canon Press. Apesar de tudo isso, no entanto, sua realização mais importante é seu time de cinco filhos — adolescentes vibrantes, hilários, ligados no 220V — e seu papel favorito é o de ser esposa de um marido igualmente vibrante, hilário, ligado no 220V, Ben Merkle. Rebekah é filha do casal Douglas & Nancy Wilson, e irmã de Rachel Jankovic e N.D. Wilson.

T
TRINITAS

